

s a d o m a s o q u i s m o

# Sem medo

Wilma Azevedo

masoquismo, 5. m.  
Biversão sexual e  
passiva só tem por  
maltratada física.  
aliquota passiva.  
Prizer que se ser  
próprio sofrimento.  
sadismo: 5. m.: 1.  
sexual em que a s  
erótica além de  
violência ou cruel  
moral infligidos a  
parceiro sexual. 2.  
Prizer que se ser  
sofrimento alheio.

depoimentos e relatos sobre sadomasoquismo erótico



Sado masoquismo  
em medo

WILMA AZEVEDO

Sado masoquismo  
Sem medo



© Copyright by Wilma Azevedo  
© Copyright 1998 by Iglu Editora Ltda.

*Editor responsável:*  
Julio Iglori

*Revisão:*  
Maria Aparecida Salmeron e  
Patrícia Camargo Metri Campani

*Composição:*  
Real Produções Gráficas Ltda.

*Capa:*  
Flávia Iglori Gonsales

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Azevedo, Wilma.

S.em m.ed. / Wilma Azevedo. – São Paulo : Iglu, 1998.

1. Comportamento sexual 2. Fantasias sexuais 3. Masoquismo  
4. Sadismo 5. Sadomasoquismo 6. Sexo (Psicologia) I. Título.

98-1206

CDD-306.775

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Sadomasoquismo : Comportamento sexual :  
Sociologia 306.775

**Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por processo xerográfico, sem permissão expressa do Editor (Lei nº 5.988, de 14.12.73).**

Todos os direitos reservados à



IGLU EDITORA LTDA.  
Rua Duílio, 386 – Lapa  
05043-020 – São Paulo-SP  
Tel.: (011) 3873-0227

## Índice

Apresentação .....	7
Siglas Sadomasoquistas .....	9
Objetivo desta obra.....	11
Nova definição do Sadomasoquismo .....	13

### Parte I

Três palavras, três interpretações .....	19
Sadomasoquismo	
Um tema atual.....	22
A Divulgação do SME no Brasil .....	26
A arte de dominar... a dor .....	31
A mulher gosta de apanhar?.....	34
Masoquismo feminino .....	41
Maria Masoch e outras Marias .....	46
Depoimentos valiosos .....	52
Masoquismo masculino .....	63
O prazer do masoquista erótico .....	69
Tire proveito das fantasias sexuais dele .....	77
Fantasy Club .....	81
Previna-se coração! .....	88
Mal-entendidos .....	95
Abaixo o preconceito!.....	99

### Parte II

Você é normal? .....	106
Sadomasoquismo .....	107
Sadismo maldoso .....	107
Os acessórios do prazer .....	108
O homem cachorrinho.....	111
Obsessão .....	112

Fantasia-se – Seja feliz! .....	116
Galinha velha é que dá bom caldo .....	118
Sexo com deficientes .....	119
Imobilizado .....	121
Sadismo erótico .....	124
Fantasia .....	125
O escravo erótico .....	129
Um “escravo” chamado Maria Isabel .....	131
Agonia e êxtase das cegas .....	132
Lambidas eróticas .....	134
Cheiro de sexo .....	137
Palavrões .....	138
O fascínio pelas fezes .....	139
Amor gótico .....	141
A sexualidade do exibicionismo .....	144
Lavagem erótica .....	145
O gosto do sexo .....	146
Podofilia ou Pedofilia? .....	147
“Body piercing” ou “perfurações no corpo” .....	150
Para o pênis, anéis; para a vagina, brincos .....	151
Podofilia – Sedução de menores .....	152
Zoofilia – Atração sexual por animais .....	155
Diferenças sexuais .....	156

## Apresentação

Há 15 anos iniciei meus estudos em sexualidade humana. Grandes problemas e poucas fontes para compreendê-los e às soluções. Lia avidamente tudo o que me aparecia: técnico ou leigo, em português ou em inglês...

A esta época podia ler sobre um assunto tabu em revistas leigas: sadomasoquismo!

O assunto era tabu por uma série de razões. A primeira era a pré-consideração de que se tratava de uma atividade que apenas pessoas psicopatológicas viviam...

Mas eu podia ler nestas revistas, as quais nem sempre eram bem consideradas, pois eram “eróticas”. Foi assim que pude saber de uma jornalista que parecia agregar muito conhecimento sobre estas práticas. Havia muito tempo que já tomara conhecimento daquela coluna sobre sadomasoquismo. Compreendia, a partir disto, que deveria ser uma prática muito mais comum do que meus estimados professores poderiam supor... Compreendia que muitas pessoas tinham estes interesses e que estas práticas deveriam variar muito entre os praticantes. A variação deveria ir desde a frequência mínima à constante prática, de formas mais brandas a formas mais intensas; desde pessoas que se reconhecessem com estes desejos e formas de amar àquelas que sequer podiam se perceber com estas vontades...

Já ao início da década de 90 pude ter publicado meu primeiro livro na área da sexualidade: *Objetos do Desejo* (Iglu Editora). Nesta compilação e apresentação da discussão de práticas sexuais e parafilias, incluí o sadomasoquismo. Para encontrar escritos sobre o assunto vaguei por muitas bibliotecas e opiniões de conhecidos profissionais. De novo me deparava com a falta e a dificuldade de encontrar material sobre uma prática que parecia muito mais comum do que se manifestava... Novamente me deparava com os textos daquela jornalista que já granjeava admiração pelo trabalho e conhecimento que demonstrava sobre o sadomasoquismo. Naquele meu livro incluí na bibliografia o famoso *A Vênus de Cetim*. Percebia-o como um marco e um direcionamento, uma amostra das práticas sadomasoquistas no Brasil.

Assim meu caminho profissional se cruzava com os caminhos de uma profissional que não era da minha área. Não era psicóloga, psiquiatra, não se dedicava ao cuidado da saúde... Profissional do jornalismo tinha o que me ensinar num assunto que minha classe profissional não havia dedicado atenção...

Assim aproveitava e referia a **Wilma Azevedo** em minhas aulas na faculdade e posteriormente nos cursos de pós-graduação da **Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana** (estes desde 1994, os quais participei da fundação ao lado do Dr. Nelson Vitiello e do Dr. Eliezer Berenstein). Além daqueles cursos, ainda tínhamos nossos cursos voltados para sexualidade que nosso grupo de psicólogos organizava e ministrava no Instituto H. Ellis, através de nosso Centro de Estudos (atualmente o **CEPCoS** – Centro de Estudos e Pesquisas em Comportamento e Sexualidade).

Um assunto intrigante. Um assunto difícil de ser tratado e mesmo de ser lido.

Wilma nos traz o tema de uma forma útil, jamais escrita em língua portuguesa. A partir do contato que teve com o assunto em sua prática profissional, Wilma pode desenvolver uma apresentação do sadomasoquismo de maneira útil a todo tipo de leitor: leigos que apenas queiram saber as variações que se escondem atrás do já conhecido nome “sadomasoquismo”; pessoas que tem estes desejos mas não conseguem compreendê-los ou, antes, cometem atos que sentem insanos e destrutivos e podem passar a compreendê-los e assim conseguir viver de modo equilibrado; profissionais de educação, professores e pedagogos para uma compreensão destas expressões sexuais sem que o sejam através de tabus e mitos que apenas aumentam o estigma e preconceito quanto a seus semelhantes; profissionais de saúde, psicólogos, médicos, enfermeiros que necessitam ter conhecimentos da realidade humana sem escudarem-se em seus próprios pensamentos e medos, mas podendo aproximarem-se das pessoas que os procuram na forma de autoridades no campo da saúde. A estes, em especial, creio que deva servir o livro aqui apresentado. São estes profissionais, seriamente... eticamente! Compreender antes de condenar ou pré-julgar preconceituosamente e fazer o outro sofrer... (sem o desejar...).

Nesta obra todos temos meios de poder melhorar os relacionamentos humanos e aprender a viver os desejos com todo o vigor, mas compreendendo os próprios limites e os das outras pessoas.

Mas atendendo às palavras de Sade quando nos lembra que podemos ser livres para pensar e não necessariamente somos obrigados a cumprir tudo o que pensamos.

Bom proveito com a leitura, e que a autoatenção possa permitir novos conhecimentos e compreensões!

Psic. Oswaldo M. Rodrigues Jr.

CEPCoS – Centro de Estudos e Pesquisas em Comportamento e Sexualidade  
– membro fundador, primeiro Presidente e atual Diretor de Publicações (1998-99)

SBRASH – Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana  
– Diretor de Finanças (1997-99)

– autor de *Objetos do Desejo e Sexo: Tire suas Dúvidas* (Iglu Editora);  
*Psicologia e Sexualidade* (Editora Medsi) dentre outros.



## Siglas Sadomasoquistas

S.M. = Sadomasoquismo: pessoas que gostam tanto do Sadismo como do Masoquismo.

S.M.E. = Sado-Masoquismo-Erótico: pessoas que se excitam eroticamente, ao praticarem sadismo ou masoquismo sensual, mas respeitam os limites, as fantasias e os desejos do parceiro.

S.M.M. = Sado-Masoquismo-Maldoso: pessoas que praticam maldades e requintes cruéis de sadismo, durante o ato sexual, ou não, excitando-se, ou não, sem sentir qualquer vestígio de compaixão.

S.M.P. = Sado-Masoquismo-Psicopático: pessoas doentes, com personalidades deformadas, que praticam atos desumanos, desrespeitando direitos e regras da sociedade, chegando à criminalidade.

S.E. = Sádico-Erótico: pessoas que gostam de praticar o ato sexual com mais vigor, sentindo prazer, tendo ereção e chegando ao orgasmo, quando se sentem dominantes. Mas tudo com equilíbrio e respeito.

M.C. = Masoquista-Compulsivo: quem não consegue dominar o impulso de sofrer dores ou humilhações, tornando reais suas fantasias de sofrer e ser humilhado, às vezes se autocastigando.

M.M. = Masoquista-Moral, ou M.A. = Masoquista-Alienado: é o indivíduo levado a sofrimentos impostos pela sociedade ou qualquer regra que lhe seja imputada. Essas pessoas desejam sofrer para serem punidas (geralmente sem terem feito nada de anormal, apenas para se sentirem purificadas e redimidas), excitam-se ao se verem maltratadas, entregando-se até a desconhecidos, sem nem imaginar quais as conseqüências de seus atos.

M.E. = Masoquista-Erótico: para explicar este tipo de comportamento, foi preciso muitos capítulos, desta obra!



## Objetivo desta obra

Resolvi escrever este livro visando levar aos interessados um pouco do que venho analisando através de pesquisas, nestes 16 anos que me dedico ao SME. Tendo acesso a milhares de depoimentos francos, sinceros e verdadeiros, entendi a importância de esclarecimentos sobre esse assunto tabu. A partir de meus primeiros artigos, senti o quanto os leitores estavam ansiosos para ter uma pessoa com quem pudessem abrir-se, aconselhar-se e discutir sobre o controvertido tema. Sem aceitação, mal vistos e reprimidos, tornavam-se frustrados, com receio de declararem-se até entre os próprios praticantes.

Respondendo individualmente, fui arquivando as cartas que hoje somam quase 15.000, em meu arquivo. Inicialmente me assustava com a franqueza de alguns, a ousadia de outros, a naturalidade de muitos. Com o tempo fui tendo a certeza que meu trabalho estava ajudando muita gente. Devagar, fui descobrindo que meus leitores me confessavam o que muitas vezes não tinham coragem de dizer a seu melhor amigo, um irmão, um padre ou psicólogo. Confiavam por estarem certos que eu desenvolvia um trabalho honesto, sério, respeitando cada tendência, cada caso em particular, entendendo-os, sem recriminações, nem tampouco taxando-os de malucos, neuróticos, doentes, ou qualquer outra alcunha pejorativa.

Cada dia mais, fui me envolvendo com emoção. Aproximei-me de muitos que me despertavam atenção, ternura ou curiosidade. Convivi durante três anos com o Cosan, por quem me apaixonei por ser ele, na época, o masoquista mais fanático que se apresentara. Quando nos deixamos, convivi com um alemão nas mesmas condições durante oito anos. Mas nunca deixei de dar atenção aos que me procuravam, embora sempre citando que não era mulher de “programas” nunca aceitando nada em troca para uma boa transa. Através de artigos e “contos” na imprensa especializada, fui tentando desmistificar o sadomasoquismo, tentando fazer com que todos entendessem o seu lado bom, gratificante e necessário para alguém que gosta de variar, tem a mente fantasiosa, ou só se excita em posições especiais, com estímulos especiais. Procurando conhecer o máximo possível a natureza sexual de cada um, seus problemas, dilemas e preferências, vi que geralmente os chamados “pervertidos”, ou considerados de “comportamentos aberrantes”, nada mais eram que pessoas margi-

nalizadas pela falta de compreensão, de maiores estudos e explicações. Lancei alguns comentários em meu primeiro livro *A Vênus de Cetim*, e através de contos no segundo, chamado *Tormentos Deliciosos*, procurei mostrar o lado erótico e equilibrado das posições sadomasoquistas.

É notório o fato de esses comportamentos e sentimentos relativos às chamadas “anomalias” serem universais. Viajei pela Europa em busca de estudos e conhecimentos específicos, conheci clubes em Nova York, com isso me aprofundando bem nas pesquisas, e hoje posso dizer que tudo me foi proveitoso. Levei anos dedicando-me de corpo e alma a tudo que pudesse me levar a novas conclusões sobre o assunto. Agora descrevo nesta obra importantes descobertas para que antigos conceitos possam ser reexaminados. Quem sabe algum cientista renomado queira beneficiar a humanidade com novas experiências, baseado no que afirmo aqui, e, com isso, coloque seu aval nos conceitos que venho defendendo há tantos anos. Digo sempre que os indivíduos que gostam de praticar as PARAFILIAS não aceitas pela maioria, são pessoas estáveis, equilibradas, amadurecidas e adultos que escolhem de sua consciência o que é melhor para si. Quem pode criticar alguém por ser diferente? Quem pode criticar quem gosta muito de açúcar e tem o hormônio (endorfina) em maior quantidade? Quem pode marginalizar alguém que possua seu ponto “P” mais fortalecido e mais aberto que os outros, podendo assim enviar mais quantidade de endorfina para agir como analgésico no organismo? Quem se atreve a discutir com o cientista Dr. Meissner quando afirma que temos minúsculos nervinhos à flor da pele, que quando são excitados com fortes e freqüentes estímulos, começam a causar prazer e não dor?

Espero que ao ler esta obra, muitos estudiosos, curiosos e interessados possam acabar com o preconceito de que os prazeres de um masoquista são inexplicáveis. Depois da leitura das conclusões científicas, acredito que a maioria vai alcançar e compreender as razões que levam um SME a agir como age. Lembro-me de um médico, Dr. Alex Volf, me dizendo: “Wilma, não tente explicar nada. Você conhece e sabe muito mais que muitos psicólogos, sexólogos e outros “ólogos” que tem por aí. Mas se for explicar o que sabe, ninguém vai entender nada e nem aceitar suas idéias.” Desculpe, Dr. Alex, mas eu o desobedei. Sei que devo muito a você pelos conhecimentos que tenho agora, mas sempre achei necessária uma obra como esta, em que as explicações de tudo que sei e descobri são descritas de um modo que facilite o acesso dos leitores menos cultos, uma obra ilustrativa, de fácil leitura sem se tornar vulgar ou simplista. Através desta obra, muitos vão entender os verdadeiros motivos de uma pessoa escolher ser afagada com o espinho da roseira e não com as pétalas da rosa.

## Nova definição do Sadomasoquismo

Com a explosão do sadomasoquismo erótico na década de 90, o trabalho de base que implantei nestes 15 anos, escrevendo mais de 200 contos eróticos, artigos, reportagens gerais, a publicação de dois livros sobre o tema e o aumento de pedidos de leitores querendo saber mais sobre esse assunto, há necessidade de se rever velhos conceitos e antiquados julgamentos.

Desde que o alemão Richard von Krafft-Ebing resolveu chamar certas tendências sexuais com o prenome de Sade e Masoch, as coisas começaram a se confundir. É indiscutível que (pela teoria de Darwin somos descendentes do “Pitcantropitálio Erectus”) nossas atitudes mais coerentes em certas situações é a condizente com esse bicho humano, que virtualmente continua a comandar nossos sentimentos. Freud concluiu que “nenhuma civilização conseguiu apagar a besta que continua a viver dentro do homem, seja ele o elegante e barbeado cidadão do século XX, ou o peludo homem das cavernas”.

Apagar não, mas domá-la sim. Hoje, no limiar do século XXI, muitas diferenças nos mostram como o mundo mudou! O homem, como fator relevante dessa mudança, também teve que mudar. Principalmente em relação ao sexo. Os impulsos mais elementares da satisfação verdadeiramente selvagem ou primitiva tiveram que ser reprimidos, pois outros valores exerceram mais atenção, como o avanço da ciência, da medicina e da tecnologia. Obrigatoriamente o ser humano teve que dominar e controlar o ímpeto da fonte dos instintos.

Por isso, as regras do jogo amoroso também tiveram que se adaptar a novas tendências. Outros nomes foram dados a conceitos há muito arraigados, mas que a luz da verdade trouxe à tona. Não quero discutir os valores humanos e literários de Sade e Masoch. De experiência em experiência, descobri as causas de muitas confusões quando se fala em sadomasoquismo. Essa palavra trouxe muita controvérsia aos não adeptos e aos praticantes. Começamos com a definição de várias tendências sexuais, atualmente chamadas pelos sexólogos de PARAFILIAS, por serem “paralelas às que a maioria pratica”.

Pioneiros da psiquiatria haviam denominado as tendências sexuais que fugiam à prática da maioria como atos “anormais”, “pervertidos”,

“depravados”, “desnaturados”. Qualquer variação era “tara”, “desequilíbrio mental”, “maluquice”. Médicos interessados em amenizar os termos pejorativos denominaram “desvio de personalidade” ou simplesmente “desvio”. Assim, foram englobadas todas as tendências estranhas como sendo “sodomismo”, e isso complicou mais ainda. O Marquês de Sade, em seu túmulo, deve ter aplaudido, tanto Krafft-Ebing, como quem procurava intitular sua predileção com pejorações complicadas. Segundo historiadores, Masoch não gostou de terem unido suas fantasias aos hábitos de Sade. Não achou justo convencionarem denominar as formas exóticas com seu nome, só por tê-las mencionado em suas obras. Achava seus livros românticos, cheios de sentimento de amor e dedicação, o que já não era norma nas obras de Sade. Seus personagens não desrespeitavam nenhuma norma, não causavam mal, não afrontavam a sociedade ou suas regras, quer de natureza física ou mental.

Algumas variantes sexuais, mesmo sendo equilibradas, gratificantes, bem-quisitas pela maioria, com estímulos e satisfações sexuais, não foram estudadas a ponto de convencer da necessidade e profundidade do que é o prazer aliado à dor. Antes da psicanálise, não se tinha idéia por que nos faz bem realizar as fantasias e desejos reprimidos. Estudiosos não chegaram a conclusões das CAUSAS que formam, no físico ou no psicológico do indivíduo, esses desejos latentes. Realizados, trazem equilíbrio e satisfação psicológica a quem prefere ser “diferente”.

Lendo antigas narrativas da história, deparamos com cenas de intenso SME (Sado masoquismo-Erótico) e muitas maneiras inusitadas da prática sexual que, no entanto, eram uma constante como estímulo, uma espécie de afrodisíaco. Somente no século XIX passou a ser caracterizado como “perversão sexual”. A razão que leva uma pessoa a insistir nessa prática desde que o mundo é mundo, sempre intrigou quem não entende seus significados e causas, suas razões e porquês.

Com a baixa do falso moralismo imposto pelo afrouxamento da censura e o relaxamento dos padrões sociais mais rígidos, (final da década de 70), vieram a público revistas explícitas sobre assuntos diversos, que são verdadeiros estudos de sexologia. Tornaram-se uma constante os relatos mostrando formas exóticas, mas nada de tão desprezível e temeroso. Em 80, quando outros jornalistas consideravam o SME “pornografia barata”, sem grande interesse, percebi que estava na hora de alguém defendê-lo. Por experiência própria, sabia que não causava nenhum horror. Quem os pratica com equilíbrio, **respeita a fantasia e o limite do outro** e não prejudica ninguém, apenas realiza suas fantasias tornando-se feliz.

Como a primeira dominadora declarada publicamente no Brasil, tive de pagar um preço alto por levar assunto tão polêmico para as páginas de revistas e literariamente expor todas as tendências, que até em 83 ninguém ousava comentar. Fui em frente, principalmente para o bem daqueles que praticavam variantes sexuais sim, mas que, não tendo nada de “anormais”, tinham de carregar a alcunha de “malucos”.

Os adeptos, praticantes (como o cartunista Henfil), simpatizantes e curiosos sentiram que eu respeitava cada tendência do SME, e com seriedade procurava mostrar claramente que tudo não passava de “brincadeirinha de adultos travessos”. Por mais estranhos que me parecessem os desejos de um leitor, nunca critiquei as formas sutis de quem deseja viver o amor e o sexo plenamente. Vi que muitos praticantes do sexo oral, anal, homossexualismo, *menage à trois*, sexo grupal, ultrapassaram o padrão imposto como “normal” (papai-mamãe). Então por que não o SME? Hoje sinto que contribuí para que muitos entendessem que as variantes podem ser diferentes, mas não condenáveis.

Há pouco tempo, autoridades médicas descobriram várias causas da dor. Assim, consegui entender e explicar cientificamente o prazer da dor aliado à excitação e ao prazer.

# Parte I





## Três palavras, três interpretações

Acho que é preciso definir as três formas de se empregar as palavras Sádico e Masoquista. Principalmente se envolve dor e humilhação, na prática, já é afastado qualquer comentário até entre muitos estudiosos da sexologia. As denominações sádico e masoquista foram muito embaralhadas quando rotularam tudo que escapasse ao entendimento. Para começo de conversa, é preciso separar as formas que se convencionou:

### I – SADISMO-MALDOSO:

(S.M.) prazer em causar malvadeza ou perversidades (ex: sadismo usado nas torturas e repressões políticas, com ou sem erotismo. A ditadura. Atos de alguns policiais nos porões das delegacias quando desejam extrair confissões do prisioneiro. Quando se infringe leis absurdas em nome da pátria ou da religião, etc.) Tudo que vem de encontro à dignidade humana. Esse tipo de sadismo deve ser submetido aos rigores da lei.

### II – SADISMO-PSICOPÁTICO:

(S.P.) doença, esta sim, mental (ex: os estupradores. Assassinos em série. Mania de perseguição chegando ao assassinato porque o outro é *persona non grata*. Nesses casos o doente cria em sua mente mal querências e rancores inexistentes). Esses psicopatas devem ser tratados pela medicina.

### III – SADISMO-ERÓTICO:

(S.E.) nos casos, em que adultos, de comum acordo, praticam “torturas deliciosas” tendo prazer e causando prazer ao parceiro, **num perfeito equilíbrio e respeito pelo limite do outro**, onde tudo não passa de um jogo. O sádico-erótico só se satisfaz se estiver satisfazendo o tesão, estimulando o erotismo, e dando prazer sexual a si e ao companheiro. Isto é, contribuindo para a felicidade do outro. Nessa prática, não chega a causar danos físicos ou de foro íntimo.

O Masoquismo, também tem três categorias:

### I – MASOQUISTA-COMPULSIVO:

(M.C.) quem sofre de compulsão de morte e, não tendo coragem de se matar, entrega-se de forma definitiva a S.M. (Sádicos-Maldosos) ou a S.P. (Sádicos Psicopáticos) para ser eliminado, num clima supostamente tido como erótico. Ex.: casos acontecidos na “La Societé de Sade” em Paris, ou na “Samos S/M. Club” na Holanda, onde verdadeiros rituais

macabros são realizados. Muitos “escravos” que se oferecem ao sacrifício morrem no cerimonial. Através de um “contrato” firmado em cartório, fazem suas próprias leis. Atuam na ilegalidade, estão sempre mudando de endereço e usam o seu “poder” para ditar as próprias regras. Matam e morrem em busca de um prazer mais intenso, que pensam conseguir só dessa forma. Freud denominou-o “masoquista-moral”.

## II – MASOQUISTA-ALIENADO:

(M.A.) pessoas que não sabem o que querem, ou pela desinformação ou por desconhecerem seus limites. Aqui se enquadram pessoas submissas pela imposição social. Exemplos:

1 – a condição feminina perante a sociedade machista, culturalmente exercida por séculos, com direitos e privilégios para os homens, deveres e prejuízos para as mulheres.

2 – aqueles que sonham e fantasiam cenas, excitam-se ao máximo, imaginando punições ou castigos, humilhações e degradações, sem avaliar as situações. Querem realizar suas fantasias sem saber qual método usar. Chegam a pôr em risco sua integridade física. Muitas vezes, na prática, não funciona o que foi idealizado na teoria. Em vez de parar, o indivíduo é levado por um desejo insano de conseguir realizar sua fantasia. Outros, ao perceber que não agüentam nem a metade do que imaginaram, forçam prazeres nem sempre conseguidos. Seus devaneios, intensos na fantasia, não trazem satisfação na realidade. Não se importam de sofrer até as últimas conseqüências, além de seus limites, sabendo que podem chegar à morte.

## III – MASOQUISTA-ERÓTICO:

(M.E.) quem sente prazer em ser humilhado, degradado física e mentalmente, sabendo transformar tudo, inclusive a dor, em prazer e excitação. Os praticantes de parafilias diversas vêm de encontro a muitos padrões de comportamento. Principalmente quem curte a dor é considerado fora do padrão “normal”.

Mas é preciso saber que o corpo “avisa” através dos nervos, ao cérebro, quando a dor o atinge. Por meio de métodos ainda pouco pesquisados, já podemos alcançar explicações para o fenômeno da dor aliada ao prazer. O masoquista-erótico sente prazer com a tortura, mas tem seus limites. Busca relacionamento não-violento, sem agressividade. É uma ternura agressiva e uma carícia violenta. Apesar de não ter dedicado grandes estudos aos que sabem transformar a dor em prazer, Freud parece ter denominado de “masoquista-erotogênico”. Nos meus primeiros artigos eu dizia que isso era uma mágica e que mágica não se explica. De acordo com o avanço de minhas pesquisas, essa “mágica” hoje já tem explicação!

Ao estudar o comportamento daqueles a quem denominavam sadomasoquistas, vi que muitas práticas consideradas perigosas ou incompreensíveis são, na verdade, apenas alternativas de se buscar o clima orgásmico.

Algumas variantes usadas por pessoas que se consideram “normais” são tendências sadomasoquistas, como o CANDAULESISMO ( prazer do homem em despir sua mulher para que outros apreciem, chegando a oferecê-la para outros copularem com ela). (*Ménage à Trois*.)

A tendência de muitos homens em exhibir ou realçar os atrativos da esposa ou amante, principalmente fazendo-a tornar-se sensual através do vestuário ou comportamento, com o intuito de excitar e atrair outros homens, é muito comum nos dias de hoje. Quando comecei a escrever sobre esses assuntos na revista *Clube dos Homens*, recebia muita correspondência de leitores ávidos por informações. Entre as cartas, a de um casal de Santo André, onde o homem se denominava “marido benevolente”, me chamou a atenção. Quando publiquei, em minha coluna (1983), passei a receber muita correspondência elogiando a coragem do casal vir a público, contar e oferecer-se para aventuras, onde a esposa era o chamariz para um relacionamento a três. Com o tempo, tornaram-se corriqueiros anúncios de candaulesistas em revistas pornográficas ou eróticas. Os casais anunciam oferecendo-se para um relacionamento dessa natureza, dizendo que não gostam de SM(sadomasoquismo).

Mas esse comportamento já foi definido pelos sexólogos como uma tendência sadomasoquista. Na obra *Dicionário da Vida Sexual* de Aldo Pereira, Nova Cultura, 1986, lê-se: “O termo candaulesismo foi criado pelo historiador grego Heródoto, que no século V a.C. escreveu sobre o rei Sadíates. Segundo o historiador, o rei orgulhava-se tanto da beleza da esposa que desejava mostrá-la nua para outros homens. Convidou um amigo para esconder-se num canto da alcova real, de onde ele conseguiu admirar extasiado a nudez da rainha. Mas ela descobriu o intruso e indignou-se com o desrespeito do marido. Ordenou que o rei fosse assassinado por ele. Viúva, fê-lo rei, desposando-o.

Para muitos sexólogos, como Magnus Hirschfeld, o fenômeno é manifestação de tendências homossexuais, exibicionistas, fetichistas, MASOQUISTAS ou SÁDICAS (isoladas ou combinadas). Hirschfeld conta o caso de um homem que convenceu a mulher a seduzir um amigo dele. Ficava observando todo o ato, escondido em algum lugar. Assim que o outro ejaculava, ela tinha que dar um jeito para que o amante se retirasse, enquanto ainda escorria o orgasmo da vagina. Então o marido saía de seu esconderijo para copular com ela. Para muitos sexólogos essa foi uma forma do

marido seduzir o amigo, pelo qual sentia atração homossexual. Na verdade, ao expô-la, inconscientemente realizava parte de seus desejos de exibicionismo como fêmea. O fetichismo estaria em fazer da mulher uma parte do objeto sexual (o amigo) ou a extensão dele (seu orgasmo). Os elementos masoquistas e sádicos mais óbvios estariam no sofrimento e na degradação moral que o ato impõe ao próprio homem e à mulher que muitas vezes é coagida a fazer o seu papel perante ameaça ou chantagem afetiva.”

Com o aumento de revistas que se alimentam de fantasias e relatos descritos pelo leitor, vemos inúmeras formas usadas por casais para satisfazerem suas necessidades eróticas. Os anúncios descrevem essas predileções, no entanto finalizam dizendo que não são adeptos do SM. Eles nem sabem que são até praticantes!

Qual é o limite do ser humano em relação ao sexo? Talvez esteja na fronteira que separa o jardim das delícias, de onde fomos expulsos ao morder a maçã. As fantasias não têm limites; por mais estranhas que possam parecer, sempre têm explicações. Em nossa infância encontramos fatos onde o despertar sexual marcou-nos de alguma forma, ligando as primeiras impressões que tivemos sobre sexo, para o resto de nossas vidas. A sensível perspicácia de psicólogos e sexólogos confirmam que “a mente rege o corpo”. Por isso cada um tem sua própria maneira de fantasiar e usufruir dos prazeres sexuais. Mas a sociedade é muito rígida ao julgar atos alheios, quando desejam ser “diferentes”. Desde o “pecado original” estamos condenados a seguir um padrão estipulado pela maioria. Os que ultrapassam esses limites, se fazem felizes com todo direito de quem transgride as leis dos que “atiram a primeira pedra”.

## **Sadomasoquismo – Um tema atual**

Em 1979, quando comecei a pesquisar sobre Sado masoquismo-Erótico, era uma temeridade falar nesse assunto. Mesmo depois de muitos anos de ter estudado na teoria e na prática inúmeras personalidades SMEs, ainda não me sinto capaz de abordar o tema com naturalidade. As conclusões alcançadas vêm de encontro a inúmeros conceitos. Porém, acredito que se não temos a coragem de enfrentar os que já concluíram alguma coisa antes – e podem estar enganados, o mundo não seria o que é. Por isso, aqui estou, lançando algumas idéias que podem ser diferentes... mas nunca absurdas.

Alguns estudiosos condenaram muitas tendências sexuais, talvez pretendendo impor um estilo de vida mais condizente com a moral e os

bons costumes da época. É preciso analisar de que ângulo foram estudadas. Na certa o estudo baseou-se em pesquisas teóricas perante comportamentos alheios. Se algum pesquisador gostasse de fantasias picantes, “esquentadas”, com sabor de prato bem condimentado, jamais classificaria o sexo dentro de um só padrão, como regra geral. Todo comportamento diferente era criticado por esses antecessores da psicologia, por acharem que o sadomasoquista devia ser condenado. Simpatizante do domínio de um ser sobre o outro na área erótica, e no prazer da pedolatria, vim, de descoberta em descoberta, formando conceitos próprios, que agora muitos sexólogos confirmam.

Numa entrevista à *Revista da Folha de São Paulo*, (número 59), o psicanalista italiano que reside no Brasil, Dr. Contardo Calligaris, disse: “A palavra perversão faz pouco sentido e como ‘desvio’ na ‘norma sexual’ não existe. Psiquiatra, psicanalista ou qualquer um que assim a utilize, está falando besteira. A categoria “perversão” no Ocidente desde o século XIX é uma categoria policial, jamais clínica.”

Ao sentir isso na carne, fui em busca de subsídios e descobertas através de muito estudo, análises e experiências práticas. Agora, médicos com suas cátedras confirmam o que há 17 anos venho dizendo através de meus trabalhos. Com minha atuação pessoal, transformei essas experiências em contos, artigos e comentários gerais. Disfarçadamente atrevi-me a escrever sobre o tema, mostrando que esses comportamentos podem ter as três categorias: a policial, a clínica e a **erótica**.

Enquanto não separarmos cada classe, não se chegará a conclusão nenhuma. E a palavra sadomasoquismo continuará impondo horror aos que imaginam práticas sexuais como as descritas nas obras do Marquês de Sade.

Quero passar para o leigo (que como eu, antes dessas descobertas, temia a palavra Sádico) conclusões, para desfrutar suas tendências eróticas sem culpas, sem medos, sem auto-recriminações. Insisto para não se preocuparem com suas fantasias. Recuperem-se dos medos que muitos têm procurado incutir naqueles que sabem fazer de sua vida afetiva-sexual um mundo “diferente”. Contanto que as criatividades não cheguem a ultrapassar nenhuma **ética, lei ou limite de equilíbrio**, usufruam suas tendências, pois já foi provado que realizar as fantasias sexuais melhora o desempenho em outras áreas das atividades diárias.

Cada um deve procurar seguir e orientar-se pelos próprios sentimentos. É quase impossível um indivíduo normal não conseguir detectar até onde vai sua responsabilidade diante de comportamentos que fogem às regras sociais. É impossível uma pessoa perfeitamente saudável não conseguir distinguir o que está errado, onde está o erro e por que está errado.

Qualquer ato que tenha resultado positivo ou negativo, antes de tudo, deve ser analisado pela própria pessoa. Se alguém pratica maldades por prazer, sabendo que o outro está sofrendo, obrigado a fazer o que não deseja, é lógico que esse comportamento é ANORMAL. Se não consegue controlar seus instintos, domar sua compulsão, evitar seus atos, tem de procurar ajuda de todas as formas. Mas aqueles que têm perfeita noção de que seus desejos e fantasias eróticas não passam de “brincadeiras” que não prejudicam a si, muito menos a outros, devem se libertar da idéia de que são “anormais”, “perversos”, “desviados”.

O filósofo homo, Ludens, falou: “A característica mais marcante que o ser humano possui é a habilidade para brincar.” Um masoquista no clima SME está revivendo suas fantasias infantis. Com direito a realizar sonhos eróticos, se torna feliz e gratificado.

Muitos psiquiatras, psicólogos, sexólogos e demais estudiosos têm mantido a sua base de estudos nas teorias freudianas, ou de outros psicanalistas famosos, que, no entanto, nunca viveram na prática uma só aventura, ou relacionamento mais íntimo, com pessoas verdadeiramente SMEs. Muitos estudos têm se desenvolvido em torno do assunto, mas poucos com experiências reais. Os registros em livros, artigos, filmes (agora até na TV) onde exploram cenas, muitas vezes baseados apenas no resultado da aplicação teórica de trabalhos alheios, quase não explicam nada a respeito do verdadeiro erotismo dentro desse tema. Com isso, podem exagerar, criando situações irrealizáveis, que na prática não funcionam.

Peritos desses comportamentos são os ilustradores e desenhistas de folhetins e jornais, pouco recomendáveis pelo próprio estilo. Desenhos caricatos, situações criadas em suas mentes doentias. No papel, cenas exageradas horrorizam àqueles que levam a sério suas bobagens. Ainda bem que, de tempos em tempos, aparece um Guido Crepax ou um Milo Manara, para, talentosamente, mostrar a possibilidade de uma curtição dentro dos padrões reais, onde o erotismo é o senhor absoluto de seus traços.

Baseada nas minhas próprias fantasias, tendências, pesquisas e práticas, consegui entender e separar o bom do pernicioso. A satisfação de ter chegado a algumas conclusões me deixa à vontade para concluir fatos, pois entre meus inúmeros leitores, num arquivo de quase dez mil cartas de praticantes do SME, não tenho nenhum que discorde de minhas conclusões. Sempre me norteie pelos meus sentimentos e os de quem comigo tem vivido algumas relações dessa natureza.

Meus contos, fantasiosos ou verídicos, têm ajudado a construir um entendimento racional para que enfim cheguemos a uma conclusão da diferença do sádico-perverso, ou sádico-doentio, mudando conceitos e melho-

rando a visão sobre o SÁDICO-ERÓTICO. Ao compreendê-lo, temos que respeitá-lo em sua forma peculiar de praticar sexo! Se quisermos alcançar resultados verdadeiramente positivos ao julgarmos alguns comportamentos, é bom que aceitemos os outros com suas esquisitices sexuais.

Os adeptos do SME, praticantes ou teóricos, sabem que mesmo sendo parte latente de sua personalidade, de seu prazer sexual, de seu meio intermediário para alcançar o estado orgásmico, essas fantasias não geram uma necessidade insatisfatória. Portanto, não chega a ser um mal. Ao contrário, qualquer desejo satisfeito causa bem – estar, alegria, felicidade. A dor – causada ou sentida – estimula, excita, eleva a um grau de satisfação muito mais forte e profundo. No caso de quem sabe transformar a dor em prazer, é um estado de graça quando esse prazer não é por passividade cultural, aceitação por imposição ou sentimento de culpa.

O medo de não ser aceito, ou de ser taxado de maluco, pervertido, etc. tem que acabar. Não se deve deixar que interferências do meio ambiente se interponham em nosso modo de viver e praticar o sexo. Certas culturas estabelecem diferenças entre os sexos, gerando até mesmo tendências suicidas em alguns.

Gosto de citar exemplos com trechos de cartas e depoimentos dos leitores, assim como minhas próprias experiências, para que os interessados possam alcançar a profundidade da alma humana, principalmente no que se refere ao erotismo incluído na arte da dor-erótica.

Muitas narrações devem ser levadas em consideração no campo da criatividade, da brincadeira, do teatro, da satisfação sexual com variantes e alternativas, das mais inesperadas, mas não necessariamente “anormais”. Alguém já disse que “entre quatro paredes, o céu deve ser o limite para as fantasias eróticas de um adulto”.

O leigo tem que procurar conhecer os métodos empregados antes de tentar realizar qualquer desejo. É preciso entender bem seu próprio corpo, ter certeza de que sua fantasia pode ser realizada sem problemas físicos ou psíquicos, e não se culpar de nada, desde que sua análise pessoal seja correta e saudável. Se ao realizar as fantasias não prejudicar ninguém, deve ir em frente, procurando agir dentro de um equilíbrio, lembrando que o parceiro tem suas próprias preferências e seus limites.

Em toda realização que dependa de outrem, devemos ceder, fazer concessões, enfim, respeitar a fantasia alheia. Quando existe amor, isso é natural e o resultado infinitamente melhor...

É preciso se convencer que nem todos, necessariamente, somos masoquistas ou sádicos no clima erótico. Como as variações no homossexualismo. Tem homossexual que é só passivo, outro só ativo, e aquele que



tanto é passivo como ativo, assim como o que se casa, tem filhos, e pratica qualquer modalidade homossexual. Tem o travesti, o transformista.

Tem o masoquista que gosta de sofrer, o sádico que gosta de propiciar esse sofrimento e o sadomasoquista que tanto gosta de uma posição como da outra. Existem os que não são nem sádicos nem masoquistas. Sentem-se mal com qualquer dorzinha e nunca tiveram vontade de propiciar o mínimo mal – estar a alguém, como uma mordidinha na orelha ou um arranhãozinho nas costas. Longe deles as lições do Kama-Sutra!

Não se deve generalizar, nem afirmar que todos temos algo de sádico ou masoquista. É preciso definir e diferenciar estas práticas. Uns acham que só de levar uma mulher que se demorou a conquistar para a cama é um “deleite sádico”. Eu penso que essa atitude é um deleite por ter-se sido convincente e vencido a “batalha”. Mas tem gente afirmando que **TODOS SOMOS SADMASOQUISTAS**. Qualquer atitude, dizem ser característica SM. Até concordo que pode ser real, mas só que faço restrições: aquele que é S.M., S.P., M.C. M.M., M.A. nunca é SMerótico! Se quisermos chegar a algum entendimento sobre o comportamento sadomasoquista, temos que chegar a conclusões lógicas e descomplicadas. De acordo com minhas pesquisas, quem é maldoso, psicopático, alienado, compulsivo, não é um sujeito **normal**.

## A Divulgação do SME no Brasil

A prática do amor livre na década de 70, o costume do *swing* em 80 fizeram com que o brasileiro seguisse na escala de prazer até chegar à década de 90 sem assustar-se com o **sadomasoquismo**. Em 80, quando comecei meu trabalho, costumava dizer que um dia essa prática seria moda por aqui. Em 93, as danceterias paulistanas começaram a exibir uma “onda *light*” com referência ao tema. Acredito que responsáveis diretos por isso foram os filmes dos grandes diretores. Depois de *A Bela da Tarde* e *Império dos Sentidos*, não se podia esperar outra coisa a não ser a divulgação do SM em escala direta com a realidade, isto é, com o erotismo dentro de um tema até então considerado proibido, maléfico e pernicioso. Quando apareceu *9 1/2 Semanas de Amor*, em que Michéy Rourke cria cenas humilhantes e maltrata Kim Basinger, a aprovação do público foi sentida quando se tratava de cenas bem trabalhadas, com o realismo natural do que é o amor, o tesão, os jogos amorosos ligados a esse desconhecido prazer que une o amor e a dor. Em *História d’O*, quando a heroína prova seu amor submetendo-se às fantasias cruéis (mas nem tanto) do

namorado, ou as cenas da cera de vela quente, escorrendo no peito de um homem aprisionado pelos pulsos nas grades da cama em *Corpo em Evidência*, com Madonna e William Dafoe, ou *Instinto Selvagem*, com Sharon Stone e Michael Douglas, e até mesmo *Gemidos de Prazer*, aqui apresentando também o sadismo psicopático, quando um desequilibrado usa o cigarro aceso para torturar uma psicanalista, e outros filmes, como *Lua de Fel* etc. foram abertos novos conhecimentos sobre o jogo do SME, com cenas explícitas, mostrando a diferença de filmes como *O Anjo Azul* com Marlene Dietrich e Emil Jennings, que não divulgava nada de sexo, mas mostrava o exemplo antológico de submissão e autodestruição. *A Bela da Tarde* chegou a abalar nossa estrutura, ao exhibir os prazeres quase mórbidos de clientes numa casa de prostituição, onde uma “madame da sociedade” empregava suas horas de solidão. Depois do *Império dos Sentidos*, com cenas de um casal que se entrega aos prazeres do sexo até as últimas conseqüências, foi iniciado um debate intenso onde se discutia, sob a luz da psicologia, as razões e os porquês de certas pessoas agirem tão perigosamente. Com filmes assim, o cinema desvendou alguns mistérios da mente humana ligada à temida preferência dos que necessitam de “certos prazeres” para se completarem. Os críticos mais rigorosos quase caíram das cadeiras quando viram na tela uma verdade que não poderiam contestar e que, no entanto, carecia ser reprimida. Com o SME diretamente ligado à sétima arte, os filmes começaram um trabalho até inconsciente por parte dos produtores, desmistificando a temida maldição lançada aos seguidores de Sade e Masoch, pois a polêmica causada por essas obras fez os sexólogos enxergarem além do que era mostrado. O próprio público leigo, mas interessado e crítico, começou a compreender o quanto o erotismo benéfico estava ligado a cenas até então condenadas. Muitas obras foram levadas à tela com sutileza, descobrindo sem querer mostrar, como em *Lolita*, quando James Mason pinta as unhas de sua ninfeta, revelando assim seu estado de alma, sua paixão e desejo, em cenas de podofilia (pedolatria). Sutilmente, mais entre o implícito e o explícito, o recado estava dado, e para um SME inteligente, certas cenas, apenas, provavam o bom-gosto estético dos produtores como Roman Polanski.

Espero que esteja encerrado o ciclo de criações duvidosas, quando produtores inescrupulosos produziam filmes, onde o SME (sadomasoquismo-erótico) era misturado com o SMM (sadomasoquismo-maldoso) ou o SMP (sadomasoquismo-psicopático). Se hoje o submundo do sexo continuar fazendo tais filmes, estejam certos que eles já conhecem a diferença.

Certa vez, achando que o filme exposto nas fotos do cartaz na porta do cinema fosse de SME, entrei. Numa cena considerada o ponto alto

do filme, um homem, depois de seqüestrar uma garotinha de uns 14 anos, praticava toda série de malvadezas sexuais, torturando-a até a morte. Por fim, cortava-lhe um seio, fritava na frigideira, e, à mesa, comia com garfo e faca! Era essa a idéia que se tinha do “amaldiçoado sadomasoquismo”. Eram esses exemplos que os produtores “corajosamente” lançavam na tela. Da temida preferência de prazer e dor, de erótico, não tinha nada. Revistas que se atreviam a narrar historinhas com cenas de amor e dor eram tão absurdas, que não convenciam ninguém; ao contrário, horrorizavam...

Quando produtores inteligentes alcançaram o verdadeiro sentido do erotismo ligado à arte de fazer amor, descobriu-se obras geniais. Todos ficaram sabendo que levar para a cama correntes, tachas, mordanças, algemas, chicotes, velas, etc. com seriedade e respeito é até saudável, contanto que se use com moderação, quase *diet*. Mostraram que o dominador-erótico segue fantasias, disposto a não ultrapassar o próprio limite e o do parceiro.

Em 93 o brasileiro, atraído e fascinado com tanta cena “somasô”, saiu da obscuridade e exibiu pelas boates paulistanas roupas de couro taxadas, detalhadas com ferro, gargantilha de arame farpado, presilhas, cinturões com taxas felpudas, imobilizadores pontiagudos, muito látex. Fui convidada e colaborei numa apresentação de palco da Boate Columbia, em SP, com atores em cenas mostrando SME, onde consegui incluir um autêntico masoquista. Em cenas mais ousadas, chegou a levar umas chicotadinhas que foram demais para a moça que bateu, e foi pouco para ele, que pensava realizar ali os seus desejos reais de se apresentar em público daquela forma, satisfazendo-se com sua fantasia preferida: “empregadinha doméstica”. Mais tarde soube que ele havia montado uma casa especial para sadomasoquistas em Porto Alegre, onde montava *shows*, participando ativamente de cenas no palco, onde era espancado e satisfazia assim os seus desejos: atuar como “empregadinha doméstica”.

Nessa noite vi a disposição dos jovens, que até bem pouco, temeriam aparecer com roupas e ornamentos na linha somasô em público. Pela onda e modismo lançada pelos filmes, resolveram revelar o lado oculto de suas preferências. Muitos soltaram as “feras” aprisionadas por tantos anos. Alguns velhos retrógrados e muitos psicanalistas arcaicos torceram o nariz por considerarem uma “moda perigosa”. Achavam que daí para a prática era um pulo...

Essas fantasias eróticas até hoje causam espanto em muita gente que não sabe separar o erotismo da maldade ou da psicopatia. Numa entrevista concedida à revista *Manchete* nº 2.150 publicada em junho de 93, o

psicanalista Miguel Chalub declarou: “O masoquista tem necessidade de expiar a sua culpa. O sádico é, na verdade, um revoltado que precisa castigar alguém.” Isso pode ocorrer com pessoas realmente doentes psicologicamente, ou criaturas de má índole, perversas por natureza. Afirmo que com pessoas normais não é assim. Os labirintos criados pela fantasia são insondáveis. O erotismo nada tem a ver com a baixa estima ou o desequilíbrio mental. Uma pessoa pode desfrutar de suas fantasias, onde tudo não passe de brincadeiras lúdicas, mesmo que use chicote ou outro “instrumento assustador”. A cena dos morangos no filme *9 1/2 Semanas de Amor* foi muito sensual até quando ele coloca uma pimenta na boca dela. Mas aí o prazer maldoso fazia parte do contexto, pois nesse filme a mocinha se entregou por amor e ele tinha prazer em usá-la verdadeiramente, ultrapassando os limites dela (isto é: ela era submissa por amor, ele era dominador maldoso).

Na realidade, quando um casal brinca de parceiros sadomasoquistas e combina que um será dominador e o outro escravo, o que conta é só o prazer. Por isso, cheguei à conclusão que dentro das fantasias de pessoas equilibradas e normais, o verdadeiro escravo é quem se faz de dominador, pois para se realizar tem que primeiro satisfazer os desejos do outro. O sádico, o mandão, o dominador na cama, na realidade é um humilde, um subjugado. E o masoquista entre quatro paredes geralmente é uma pessoa de alto gabarito social, lá fora, mandão e altivo. O praticante de sadomasoquismo, ao despir-se de sua “outra” personalidade, procura o equilíbrio do seu outro EU.

Há bem pouco tempo, o cinema está explorando as verdadeiras fantasias eróticas plenamente realizáveis e satisfatórias para duas pessoas que praticam outras formas de sexo, que não seja o convencional. Por termos poucas informações a respeito do SME, as pessoas que se consideram “normais” não sabem até onde se pode chegar e o que é inteiramente possível nessas práticas. Os adeptos continuam sofrendo discriminações por parte de quem nem sabe que muitas tendências consideradas quase “normais” fazem parte do leque a que chamam de sadomasoquismo, como a prática do caudelecismo (prazer que alguns homens sentem ao ver sua esposa transando com outro), agora já tão divulgado por nossas revistas eróticas. A culpa disso é a falta de estudos e experiências de equipes médicas que se interessem em ajudar os autênticos seguidores da arte do amor e dor.

No Brasil já temos alguns centros de estudos de sexologia se propondo a estudar tudo o que se refira ao sadomasoquismo. Em São Paulo, o Instituto H. Ellis Brasileiro – “Centro Multidisciplinar para o Estudo,

Diagnóstico e Tratamento em Sexualidade” – tem ótimos médicos se dedicando ao assunto. A Clínica Psicológica tem profissionais como o Dr. Oswaldo M. Rodrigues, que com artigos e trabalhos referentes ao tema tem ajudado muita gente.

Quando comecei meu trabalho em 80, recebi uma carta de um leitor que se dizia interessado no assunto que eu descrevia “tão bem nas páginas da revista *Clube dos Homens*. Dizia que pretendia estudar psicologia na área de sexologia, por isso se interessava em conhecer-me pessoalmente, para conversarmos a respeito. Dizia em sua carta que era filho de um médico que tinha uma clínica nas imediações do Pacaembu. Convidou-me para visitá-lo quando estivesse em SP. Acostumada com leitores que usavam todo tipo de subterfúgio para conhecer-me e tentar um relacionamento, não dei atenção. Respondi àquela carta dizendo que seria difícil, poder conhecê-lo. Anos depois, li um livro chamado *Objetos do Desejo*, de autoria de um psicólogo paulistano que recomendava meus trabalhos aos interessados em conhecer e se aprofundar em sadomasoquismo. Telefonei para agradecer a referência. Pelo endereço de sua clínica, descobri ser ele o autor daquela carta nos primórdios dos anos 80! Fiquei satisfeita ao saber que teríamos mais um divulgador do SME no Brasil, e que com seu aval concedido pela formatura numa área da medicina, poderia avançar nos estudos sobre o tema.

Aquele leitor que pouco mereceu minha atenção, hoje é formado em Psicologia, é Terapeuta Sexual, Coordenador de uma Equipe Psicológica, Coordenador de Cursos de Especialização Livre em Sexualidade, Coordenador de Pesquisas do Comportamento Sexual. É membro da Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana – SBRASH, diretor de várias publicações sobre sexualidade, editor do Index Brasileiro de Sexualidade, Co-organizador do Curso de Pós-Graduação sobre Sexualidade (Faculdade de Medicina do ABC-SP), Co-organizador do Curso de Pós-Graduação sobre Terapia Sexual da mesma faculdade. Faz parte do conselho de orientação e administração da Associação Brasileira para o Estudo da Impotência/ABEI, é Co-editor do informativo ABEI HOJE, membro do Grupo de Orientação em Sexualidade – GOES–, é Diretor do conselho editorial da revista *Viver Psicologia*, e... o maior incentivador desta obra.

Com o interesse de médicos e estudiosos do SME, pessoas que divulguem o verdadeiro erotismo dentro do SM, trabalhos de jornalistas comprometidos com a verdade, contos autênticos de leitores em revistas nacionais, pesquisas como as minhas e filmes como os citados, acredito que logo será facilitada a vida de quem gosta e quer desfrutar dessas variantes prazerosas...

## A arte de dominar... a dor

Muita gente gostaria de encontrar uma pessoa para conduzir o relacionamento sexual. Principalmente um masoquista-erótico quer um parceiro sensível mas dominante, não agressivo mas enérgico, que não proporcione castigos desconfortáveis, dores fortes e violência, mas apenas os que lhe dêem satisfação. Nada que ultrapasse os limites do prazer. Existem pessoas que gostam de humilhações, degradações e diversos modos de ser subjugados num relacionamento absolutamente indolor, que age mais na esfera psicológica que física.

Existem os que acham uma delícia palmadas, chineladas ou até chicotadas nas nádegas, tapa no rosto, dorzinhas aqui e ali, pois esses estímulos os excitam e incita o clima orgásmico. Normal. Equipes médicas, cientistas, estudiosos já explicam sobre a dor. A Dra. Maria Tereza Zanella que tinha uma coluna na revista *Nova*, em abril de 91, ao responder a pergunta de uma leitora, me esclareceu muito: **P. As pessoas realmente têm limites diferentes de dor ou isso é um mito? R.** Apesar de o fenômeno da dor ainda ser subjetivo, complexo, sabe-se que funciona como um sinal de alerta: indica que algo no corpo não vai bem e precisa de tratamento. É, portanto, um mal necessário. Está comprovado que algumas pessoas são mais sensíveis aos estímulos dolorosos. Essa diferença provavelmente tem explicação psicológica. A ansiedade, assim como a depressão, por exemplo, são fatores que contribuem para intensificar a dor, podendo ser até desproporcional à lesão orgânica que a causou (como uma queimadura). Sendo assim, o primeiro passo para sentir menos dor é controlar os fatores emocionais (exatamente o que se tenta fazer nos cursos de preparação para o parto “sem dor”). Importante: a dor não permanece na mesma intensidade o tempo todo após a lesão. É que o próprio corpo, por meio de um “aviso” dos nervos, **libera substâncias naturais para amenizar a dor.** (É o que acontece com quem está predisposto a sentir prazer e não dor.)

A produção de um hormônio no cérebro chamado endorfina reduz a dor, porque age como analgésico.(Coleção *A Saúde do Homem*.)

Descobriram o Ponto “P” na coluna (chamado por alguns como substância “P”)agindo como uma “porta” para deixar que o estímulo doloroso atinja o cérebro em maior ou menor quantidade.(Coleção *A Saúde do Homem e Vida e Saúde*, junho 94.)

Regiões cheias de pequenos nervos, sensíveis a estímulos fortes, **“nosso corpo registra prazer quando os corpúsculos de Meissner**

**(nervos situados entre a epiderme e a derme) são estimulados**". Dana Thomas, revista *Nova*, maio de 93.

Ao concluir suas pesquisas e encontrar os pequenos nervos entre a derme e epiderme, que estimulados, ao invés de causar dor produzem prazer, será que o cientista Meissner não se lembrou das pessoas que sempre testemunharam a favor de carinhos diferentes, os chamados “masoquistas”?

As razões destas três causas já são suficientes para que entendamos um masoquista-erótico. Se partirmos para o conjunto disso tudo, mais o psicológico, não chegaríamos a uma conclusão definitiva sobre a questão? Se entendermos que um masoquista-erótico não é compulsivo nem alienado ou psicopático, que um sádico – erótico (este sim, mais psicológico do que físico) não age criminosamente nem faz mal a ninguém, poderíamos aceita-los sem discriminações, sem marginalizá-los. Quando se trata de erotismo, não existe relacionamento doentio e totalmente fora dos padrões da normalidade. Os que se entregam a rituais de “prazer e dor até a morte” podem ser considerados doentes ou alienados. Mas quem deseja uma “brincadeirinha” sem nada que ultrapasse o seu limite de suporte à dor, com equilíbrio e excitação até a curva orgásmica, não deixando que o erotismo seja prejudicado, são uns verdadeiros curtidores do sexo sem limites, mas com responsabilidade.

A maioria dos adeptos e praticantes do sadomasoquismo-erótico só curtem as práticas com um parceiro que respeite o seu limite. Aí está o sucesso das profissionais que se especializam em atender esse tipo de cliente. Eles pagam fortunas e podem exigir...Por isso, alguns perguntam: “que tipo de **“dominador”** é esse que atende as ordens de seu **“escravo”**”? Excluindo a prostituição, o sadomasoquista que encontra seu par ideal para a prática dessa variante sexual pode considerar-se um felizardo.

No início do relacionamento devem ir se descobrindo aos poucos, com um diálogo franco e aberto, sabendo quais são as preferências e os limites de ambos. A regra principal é nunca ultrapassar ou abusar das fronteiras que cada um tem, até o prazer.

Excessos podem até fazer parte do contexto, pois muitos fantasiam serem **obrigados** a isto ou aquilo. Mas é preciso conhecer bem o parceiro antes de começar um clima SME. O dominador tem que ter discernimento capaz de avaliar até onde é falsa ou verdadeira a súplica do outro. Pelo tom de voz, olhar, ereção ou quantidade de esmegma, pode-se observar se está agradando, ou ultrapassando. Nunca obrigar alguém a fazer o que não queira é a regra de ouro.

A pessoa que deseja ser respeitada deve respeitar. O escritor Saint Exupèry escreveu em seu livro *O Pequeno Príncipe*: “Se um rei mandar

um servo virar uma gaivota e ele não o obedecer, de quem é a culpa?”. Logicamente do rei, que deu uma ordem impossível de ser cumprida. Por isso, na vida prática, pequenas regrinhas devem ser observadas. O sigilo entre eles tem que ser mantido quando um dos dois não deseja abrir seu anonimato, deixando que outros fiquem por dentro de suas intimidades. Nesse caso em especial, é necessário ter cuidado para não deixar marcas visíveis.

“Usar” alguém dentro do clima sadomasô-erótico como um objeto de sua propriedade exige um conjunto de preceitos para a perfeita execução de um bom relacionamento, e toda pessoa disposta a ser um dominante bem - sucedido deve aprendê-lo. Saber ministrar a aparelhagem, humilhar sem fazer do outro um objeto de gozação ou escárnio gratuito, bater carinhosamente sem exageros, é uma arte. Não interferir na vida profissional e individual. Reservar o prazer de domínio dentro do clima entre quatro paredes e só ultrapassar essas regras se for de comum acordo. Estabelecer uma “senha”. Pode ficar combinado que as palavras: desculpa, perdão, ou algum pedido para interromper a “tortura”, enfim, que toda súplica seja ignorada. Ao atingir o limite, deve-se ter uma palavra única, como “**pietade**”. Quando o limite máximo do masoquista-erótico for atingido, ele deve pronunciar a senha, como a palavra “**pietade**”, para ser atendido.

No erotismo, é o masoquista quem dá as ordens dentro de um equilíbrio para o bom desempenho da dominadora e a satisfação dele mesmo. Estudiosos e inquiridores dessa arte do erotismo misturado com “violência”, como Gilles Deleuze, não entendem como uma mulher se propõe a realizar a fantasia do outro com amor e emoção, sem ser verdadeiramente sádica em outras esferas da vida (isto é, não sendo maldosa nem doente mental). Perguntam como conseguem um bom desempenho. Eu respondo: o sadomasoquismo-erótico é inato nas pessoas. Se não, ela se torna “sádica-erótica” por amor, por interesse, ou simplesmente por gostar de ser bajulada, admirada, amada, pode ser sádica-erótica para agradar o parceiro, etc.

Enquanto não acostumarmos a dividir as posições do SM (sadomasoquismo) nas seis categorias, não chegaremos à conclusão alguma. O S.M. (sádico-maldoso), o S.P. (sádico-psicopático), o M.C. (masoquista-compulsivo), o M.P. (masoquista-psicopático) são totalmente diferentes do S.M.E. (sadomasoquista-erótico).

Muita gente não entende como se rima amor com dor. Se partirmos do princípio que para tudo tem uma explicação, se observarmos os avanços da medicina, se alcançarmos a proporção da dor e do prazer, chegaremos a conclusões nada difíceis de serem entendidas e aceitas. Antes de



criticar um S.M.E., procure conhecimentos junto a pessoas que descobriram que ser SADOMASOQUISTA não pode ser considerado maluquice ou doença. A sociedade julga as três tendências sádicas e as três masoquistas como repulsivas e ridículas. É falta de generosidade alguém desdenhar o comportamento de um indivíduo quando ele apenas realiza uma brincadeira para satisfazer suas fantasias. Os SMEs não têm nenhum impulso agressivo, criminoso ou desequilibrado quando “brincam” com essas formas bizarras de fazer amor. Antigamente eu não sabia explicar a mágica de se transformar a dor em prazer. Depois de descobrir as razões que levam uma pessoa a sentir-se bem com a dor, acho que essa mágica já tem explicação!

## A mulher gosta de apanhar?

Gosta, mas depende de COMO apanha!

Quando a novela *Rainha da Sucata* mostrava cenas onde o artista Daniel Filho “usava” sua secretária Guida (Aldine Muler) com uma certa dose de sadismo-erótico, fazendo dela objeto de seus prazeres, aposto que milhares de espectadores ficavam indignados com a passividade da moça.

Não sabendo nada sobre sado masoquismo-erótico (SME), não entendiam e não aceitavam, achando que era apenas “bobagens de novela”. Desconhecendo a personalidade de uma masoquista, criticavam sem imaginar que milhares de masoquistas-eróticas vibravam com as cenas.

Muitas mulheres desejam ficar numa posição inferior, deixando-se “escravizar” pelo parceiro, num joguinho de “faz-de-conta”, muito apropriado para casais criativos que gostam de incrementar, variando um relacionamento sexual, onde o lúdico alcança o estado orgásmico nos píncaros excitáveis, talvez nunca conseguido de outra forma.

São muitas as maneiras de se interpretar a famosa frase de Nelson Rodrigues: “**mulher gosta de apanhar**”. Tenho certeza de que ele expressou essa idéia falando do erotismo aliado à dor e ao prazer. Não como pensam a maioria das pessoas que não entendem nada de SME ou de Nelson Rodrigues e – principalmente de mulheres. Comentam, dando um sentido de agressão à sua afirmativa. Numa entrevista, o escritor tentou explicar quando perguntaram: “Nelson, você acha mesmo que toda mulher gosta de apanhar?” “Só as mais inteligentes”, respondeu.

Quando eu tinha uns doze anos, descobri que pode até existir uma certa provocação da parte da mulher, mas com outra conotação, que simplesmente a de ser espancada, só pelo “prazer de apanhar por apanhar”.

Morávamos vizinhos de um casal muito briguento. Ele era alcoólatra e ao chegar em casa embriagado, a mulher começava sua ladainha de reclamações. Insultos, afrontas, gritos e xingamentos. Irritado com a lenga-lenga, ele começava a esbravejar mandando-a calar a boca. Quanto mais ele gritava, mais ela berrava. Aquilo não demorava para chegar aos tabefes. Depois do barulho de tapas, socos, empurrões e não sei mais o quê, ela se calava. No outro dia, estavam visíveis os hematomas. Todos comentavam a agressão sofrida por ela. Uns tinham pena da “pobre mulher”, dizendo que o marido era muito mau, mas que ela era a culpada por provocá-lo quando em estado etílico. Outros zombavam dizendo que ela “gostava de apanhar”.

Um dia resolvi perguntar à “pobre mulher” por que, mesmo sabendo que ia apanhar, continuava provocando-o, berrando palavras desagradáveis quando o via chegando embriagado. Sugerí que se calasse, deixando para falar quando estivesse sóbrio. Para minha surpresa, respondeu que fazia aquilo justamente para ele se encolerizar, perder a paciência e agredir-la. Diante da minha admiração, explicou que depois que ele batia, vinha o arrependimento, e ele ficava o homem mais doce da face da terra, e, por vários, dias tornava-se o marido mais atencioso possível. Percebi malícia nos olhinhos brilhantes quando me disse:

– Você é muito criança para entender **essas coisas**.

Fiquei encafifada pela satisfação que demonstrara ao dizer isso. Concluí que ela gostava não das pancadas, mas do carinho que vinha depois. O arrependimento dele, o modo como agia, era compensador para ela, que não conhecia outra forma de ternura. “Pobre mulher”, sem encantos e atrativos psicológicos para atrair seu homem, usando a agressão verbal para conseguir um pouco de atenção e carinho! Estavam acostumados e aquilo era normal para eles.

A mulher pode ser submissa por carência, por amor, por medo, por tesão, por interesse... Principalmente por dinheiro, se dizem masoquistas inatas. Aceitam escravidão erótica para usufruir vantagens. Não sou contra o trabalho das prostitutas. Quando elas unem o útil ao agradável, até dá para entender. Mas a maioria faz contra a vontade, só para ganhar o “vil metal”...

A mulher que ama, obedece, faz tudo para agradar. A obediência da mulher que ama não é obediência. É ternura. É desejo de ver a pessoa que ama feliz o mais possível, e até mesmo antes de pedir a esposa já está adivinhando o que o marido deseja.

Quando a mulher obedece somente porque o homem é mais forte fisicamente, torna-se a mais triste e a mais amarga das obediências. Obedecer por medo é terrível. Isso diminui e humilha e ambos não sentem

prazer nenhum. Mas não pode dar satisfação a nenhum homem sentir-se superior dessa forma. Um verdadeiro homem não impõe que sua mulher se cale, suporte, obedeça-o passivamente, só para evitar brigas, mal-entendidos, pancadaria, evitar confusões e viver tranqüila.

Ser obediente por tesão é uma das mais agradáveis submissões, quando a mulher tem a personalidade masoquista. Realiza-se plenamente quando encontra um par que a complete, desde que o outro seja sádico-erótico: isto é, respeite seus limites e entenda suas fantasias.

O *Jornal do Brasil*, em 2-8-87, publicou uma reportagem de Miriam Guaraciaba, entrevistando Ruth Escobar (artista e política). Ruth diz:

“– Usei cinto de castidade por mais de um ano, e tinha mais de 30 anos.

– Foi obrigada a usar?

– Eu aceitei usar, humilhada. Certa vez, em 1968, os artistas iam sair em passeata contra o regime militar, e a Cacilda Becker virou-se para mim e disse: “Ruth, pelo amor de Deus, tira isso. Se o DOI-CODI te pegar, vai te pendurar no pau-de-arara pelo cinto de castidade.”

Depois dessa relação, viveu mais um caso em que se rastejou, se aviltou, se humilhou, e arremata:

– Tenho a sensação que nunca mais vou me apaixonar.

Usou por carência, amor, medo?

Amor não segue avante num relacionamento quando é apenas um que está amando. Vira neurose. Medo desgasta, acaba, e quando acaba, a pessoa parte para outro, **quando consegue**, pois casos com essas características geralmente acabam mal. Muitos homens, para não perder sua mulher-objeto, não deixam por menos: matam!

Além da carência, do medo e do amor, existem mais duas razões em que certas pessoas se deixam bater: tesão e interesse financeiro.

Alguém escreveu: “O ódio e o amor são as molas que governam o mundo”. Retifico: Ódio, Amor, TESÃO e Dinheiro. Por amor, ódio, tesão e grana, certas pessoas são capazes de tudo!

Por dinheiro, dispensa comentários. Mas a obediência, a entrega da mulher nas mãos de seu parceiro de cama por tesão, por gostar de estímulos mais intensos que simples carícias, têm que ser respeitadas!

Ao entender isso, parti em busca de meios para estudar melhor, e poder lutar contra os preconceitos, ajudar a liberar as pessoas reprimidas, temerosas pelo julgamento de que tudo é **anormal** e **doentio**, ajudando a libertar principalmente as mulheres da minha geração. Algumas se enfureciam quando, mesmo brincando, os homens diziam no sentido de espancamento: “Mulher gosta de apanhar.”

Eu afirmo que gosta, mas depende de COMO se deixa bater.

Pesquisadora nesse assunto desde menina, queria uma explicação razoável para esses comportamentos. Em meu primeiro livro, *A Vênus de Cetim*, na página 75 do conto “Elegia à Karina”, comentei sobre o relato onde Karina fizera uma comparação entre meu modo de tratar um(a) masoquista e o modo de outros (sádicos-maldosos ou psicopáticos) que se deixam influenciar pela fantasia do masoquista e aproveitam para praticar atos agressivos. Na comparação feita por ela, vi estampadas duas imagens: a minha, com toda sensibilidade de que fui dotada para saber diferenciar o lado erótico (que gratifica e satisfaz, emociona e presenteia), e o lado maldoso e sem regras.

Com meu trabalho de pesquisas, conheci o outro lado do masoquismo, quando a entrega se transforma em prazer, em prêmio e felicidade. Conheci pessoas que também se deixam “escravizar” por outras razões que não o prazer.”

Uma coisa eu ainda não entendera: A INTENSIDADE do tão estranho PRAZER ALIADO À DOR.

Teria sido mais coerente se em vez de procurar as razões na intensidade, tivesse me interessado nas causas que provocam o fenômeno do prazer aliado à dor.

Pesquisei muito até conseguir explicações razoáveis. Uma delas se refere ao nosso cérebro, que é tido como o órgão sexual mais importante de nosso organismo. Ele produz várias substâncias, entre elas a endorfina, que é um tipo de analgésico provocado pela ingestão de doces. Pessoas muito ansiosas e deprimidas têm pouca produção de endorfina. Os indivíduos mais calmos geralmente são grandes consumidores de doces. Dessa forma, estimulam a produção de endorfina, por isso dão a impressão de que não estão nem aí com nada. Masoquistas físicos podem ser incluídos nessa relação.

O corpo dessas pessoas deve registrar intenso prazer quando os corpúsculos de Meissner são estimulados por carícias. As partes sem pêlos como o rosto, as solas dos pés, mamilos, genitália, as palmas das mãos e as pontas dos dedos são as mais sensíveis e as mais facilmente estimuláveis. Por isso, alguns masoquistas-eróticos gostam de tapas na cara, palmadas na bunda e estímulos como choques elétricos na genitália (com destaque para a glândula e clitóris).

Quem se excita com palmadas, chineladas e até chicotadas teve essas áreas sensivelmente estimuladas de alguma forma, na infância. Palmadas nas nádegas são estímulos certos para tornar essa região do corpo erotizada.

Muitos masoquistas-eróticos contam que foram espancados na infância. Tem excesso, é lógico. Essa é a terceira causa: a curiosidade. Muitos

que nunca apanharam, têm vontade de saber como é. Alguns homens crescem e vão procurar uma dominadora para “educá-los”. Por isso digo: se alguém não quer levar uma criança ao masoquismo, não espanque e nem deixe de educá-la. Uns tapinhas no bumbum faz bem. Tem hora que a criança parece estar “pedindo para apanhar”. Dê umas palmadas na hora e medida certa. Não morra de remorsos por ter dado algumas chineladas na hora que achou que os meninos estavam abusando. Falar que uma pessoa fica “traumatizada” ou “complexada” só porque levou uns tabefes de vez em quando, sem violência e brutalidade, é coisa de psicanalista que precisa de clientes.

Pesquisas recentes garantem que no momento da excitação, do estímulo erótico, mais ainda no momento do gozo, um inibidor natural da dor é desbloqueado, – provavelmente na coluna dorsal – sendo transmitido para o cérebro. Esse neurotransmissor chama-se “Substância P”. É o responsável pela transmissão de sensações dolorosas ao cérebro. Descobriram que à medida que o estímulo sexual cresce, bloqueia a transmissão na espinha. Dizem que quanto mais prazeroso esse estímulo, mais efetivo é o bloqueio.

Acho que essa é a causa pela qual, assim que chegam ao orgasmo, os masoquistas querem se ver livres de qualquer apetrecho que esteja machucando. Ficam menos resistentes. Quando gozam, sofrem o desbloqueio da substância “P” e o inibidor natural volta à estaca zero. Perdem todo estímulo e conseqüentemente não suportam mais a dor.

Em um dos fascículos da coleção *A Saúde do Homem*, explicam que a sensação de dor intriga médicos e cientistas há séculos. “Seu processo é bem conhecido: a dor origina-se em receptores sensoriais semelhantes às extremidades nervosas. O que não se sabe ao certo é por que a dor pode variar tanto em momentos diferentes e de acordo com as circunstâncias. Varia também de um indivíduo para o outro.”

Se reunirmos esses fatores e mais o psicológico, em escala mais elevada que os outros, pode-se explicar a razão pela qual muita gente gosta de “apanhar eroticamente”. Explica também as várias situações quando uns só percebem a dor ao relaxar e avaliar a situação do corpo (esporte, guerra, hora do perigo, etc.). Clareia a compreensão desses prazeres descritos nas obras de Sacher Masoch. Quando alguém com essas características está envolvido emocionalmente em atividades eróticas, sente a dor com menos intensidade, indiferença e prazer. Na acupuntura, hipnotismo, meditação, ioga, cerimônias religiosas, certas culturas como a dos índios e outros povos, a dor também é tratada com estoicismo. Muitos treinam com métodos dolorosos e agüentam o máximo, numa demonstra-

ção de valentia e coragem. Pessoas que desejam ficar mais belas, na moda, perfuram o corpo (*piercing*), agredindo o físico.

Os fanáticos religiosos hindus, na Malásia, as cerimônias das procissões nas Filipinas, que o mundo assiste admirado via TV, nos mostram fatos reais onde muitos sofrem dores impostas por religiosidade ou valentia. Chicoteiam-se, se fazem crucificar, passam em cima de braseiros, furem bochechas, orelhas e muitas outras partes do corpo. Punem-se? Redimem-se? Consagram-se? Satisfazem-se? Só Deus sabe...

O *piercing*, muito usado pelos perseguidores da moda em países da Europa e América do Norte, é também curtido pelos dominadores(as) que levam seus “escravos-eróticos” para perfurarem as genitálias, introduzindo tubinhos, brincos e outros adereços. Alguns mandam colocar argolas, adaptam cadeadinhos levando as respectivas chavinhas penduradas no pescoço, como adorno. No Brasil temos um bom exemplo disso. Quando conheci a esposa de um conhecido masoquista dono de um *Sex Shop* em S. Paulo, a esta exibia esse adereço como uma jóia; era a menor chave de ouro que já vi! O sistema de argolas no prepúcio ou nos lábios vaginais é o moderno “cinto de castidade”, com a evolução da tecnologia moderna. Eroticadamente isso funciona muito bem.

Ao sabermos que existe uma porta de “controle” por onde passam as sensações de dor vindas da medula espinhal, onde são processadas, e que essa “porta”, ao obedecer as mensagens que vêm do cérebro abre ou fecha de acordo com o próprio cérebro que controla a intensidade da dor que recebe, entendemos que o pressentimento da dor faz a pessoa sofrer mais, como no caso de quem tem medo de injeção. Nos masoquistas envolvidos emocionalmente, com tesão, carinho, amor, cheios de fantasias, esse efeito é contrário.

Tive dois escravos-eróticos. Com o primeiro a convivência foi de três anos, o segundo durou oito. O meu primeiro “escravo-erótico”, que curti a dor, não a suportava em outras esferas da vida. Quando estava sob meu comando num clima de escravidão-sexual”, desejava, pedia e implorava para ser “usado” de todas as formas. Certa vez, um médico que gostava de torturá-lo eroticamente, costurou seu prepúcio (com agulha e linha cirúrgicas). Durante o “clima sadomasoquista”, resistiu a tudo com prazer. Mas se precisasse tomar uma injeção para gripe, quase morria de pavor. Tremia e transpirava. O interessante é que durante as brincadeiras, ele mesmo enfiava várias agulhas de injeção no couro do tórax, transpassando o mamilo com prazer.

Alguns médicos e cientistas descobriram que as pessoas podem programar-se emocionalmente para ter doenças, como acne, asma e até alguns

tipos de câncer. Então por que não aceitar a idéia de que outros programam-se para transformar a dor em prazer?

Baseada em experiências e depoimentos verídicos, aceitei a idéia dos “TORMENTOS” que se transformam em “DELÍCIAS” para muita gente. Anton, meu “ex-escravo” austríaco, escreveu suas experiências explicando o que é para ele o prazer aliado à dor, e como a dor pode causar prazer. Sua definição é coerente:

“A dor pode causar prazer em situações nas quais duas pessoas estão envolvidas em um jogo sexual. É claro que dor de dente, estômago, etc. não proporcionam nenhum prazer. Mas se um homem ou uma mulher, com forte ‘senso’ de ‘masoquismo-erótico’, onde os estímulos aumentam o prazer, recebe palmadas, chicotadas e tortura nos mamilos e nos órgãos genitais através de aparelhos adequados, ou se são amarrados fortemente com cordinhas, sente essas dores como um presente de seu dominador. Fica excitado e com expectativa de um delicioso futuro orgasmo. Ele, ou ela, entrega seu corpo à pessoa com quem está ligado numa relação sadomasoquista-erótica bem determinada quanto ao limite de cada um. O ‘torturador’ deve saber exatamente qual o limite de dor que seu parceiro pode tolerar, e quais regiões do corpo são mais densas e proporcionam mais prazer. A mente de um masoquista é treinada desde cedo para gostar do sofrimento como prova de sua submissão.

Já o indivíduo que gosta de ser humilhado, necessita de palavras fortes, situações vexatórias e castigos verbais. Mas não é só dessa forma que um masoquista se satisfaz. Pode fantasiar ardentemente certas situações e na prática compreender que tudo aquilo é melhor apenas na fantasia.

Quando um masoquista conhece alguém que o satisfaz sem o clima SME, pode viver ‘normalmente’ sem nunca realizar qualquer fantasia SME. Esse desejo não influi em outras atividades de sua vida, e ele pode realizar-se inteiramente na área sexual.

Se encontrar uma companheira que o aceite e com ele viva os prazeres do sexo dentro do clima SME, pode querer um relacionamento só dentro dos rituais e padrões sado-masô-eróticos, criando situações e formas diversas para chegar ao orgasmo. Mas também pode passar a vida toda sem concretizar seus desejos...

A pessoa que se descobre e encontra alguém que a aceita como SME, procura novas formas e métodos de praticar dentro de suas possibilidades.

Uma mulher masoquista assusta homens tímidos e as dominadoras os horrorizam. Por isso digo, imitando Nelson Rodrigues: ‘Só os mais inteligentes são sadomasoquistas-eróticos!’”

## Masochismo feminino

Maria Masoch e tantas outras Marias vivem por aí, sem se identificar, temendo o julgamento dos outros. Poucas têm coragem de assumir seu desejo de viver situações como as descritas por esta leitora que, em 1984, enviou-me várias cartas. Publicadas na íntegra, foram de muita valia, tanto como exemplo, quanto como definição, pois até aí meus artigos pareciam simples fantasias de uma colunista, defendendo temas polêmicos e tabus. Maria (como eu) foi criada naquele esquema certinho, dos tempos em que sexo era tratado como “pecado”, como “coisa feia”, quando a mulher não estava preparada para compreender os apelos de seu organismo. Muito menos para vivê-los. Masturbação feminina? Nem pensar!

Foi difícil aprender a lidar com nosso próprio corpo, atender suas manifestações naturais, trabalhar sua sensibilidade, e viver nosso erotismo latente. Tivemos que passar por cima de muitos preconceitos, inclusive o mais penoso: quando ousávamos um comportamento “atrevido”, éramos mal-interpretadas pelos próprios maridos. (Foi o meu caso, mas não o de Maria Masoch.)

Até bem pouco tempo, a esposa que se arriscava a situações diferentes, fugindo do padrão convencional, era muito recriminada. Ao ir de encontro a seus próprios sentimentos e expectativas sexuais, tinha que enfrentar barreiras quase intransponíveis.

Era raro quando o marido colaborava para que a mulher se identificasse com seus instintos naturais. Preferiam dificultar as nossas descobertas que, no entanto, faziam parte de uma personalidade sadia. Por isso, aproveitei minha coluna para inúmeros artigos falando sobre as reações femininas. Provei que, se algumas mulheres “gostam de apanhar”, não é bem da forma como interpretavam os leigos em sadomasoquismo-erótico. As cartas de mulheres que sempre usei como exemplo dão uma idéia do que é o verdadeiro prazer do masoquismo feminino no campo sexual:

“Belo Horizonte, 20 de Julho de 1984

Querida Wilma,

Eu e meu marido somos leitores assíduos da sua coluna, por ser ela a única a tratar do sadomasoquismo com seriedade. Infelizmente, por enquanto, quem compra é meu marido, pois tenho vergonha de chegar em uma banca e pedir uma revista masculina, principalmente quando se trata de um assunto tão polêmico. Aliás, o sadomasoquismo é a razão fundamental pela qual lhe escrevo.



Durante algum tempo relutei se deveria lhe escrever ou não, com medo de que as minhas experiências pudessem cair no ouvido de alguém da minha família. Porém, confiando em sua discrição ao omitir meu endereço, deixo meus temores de lado e passo a narrar minha história:

Venho de uma “tradicional” família mineira e meus pais sempre foram compreensivos e carinhosos para comigo. Morávamos no interior, onde nasci e passei minha infância. Estudei em colégio de freiras, onde tive forte formação católica, a qual conservo até hoje.

Quando tinha quinze anos, nos mudamos para a capital, e assim, com o deslumbramento que a cidade grande promove numa adolescente, eu cresci e me tornei mulher. Foi aqui também que conheci meu marido, meu primeiro e eterno namorado. Ele era carinhoso e me respeitava muito. Nós não praticamos o sexo total antes do casamento, mas também não posso dizer que éramos santos.

Lembro-me muito bem quando íamos ao cinema e, tão logo as luzes se apagavam, entregávamo-nos a beijos e afagos secretos. Com muito jeito, ele me apertava os seios por dentro do sutiã e me bolinava as coxas, acariciando-me onde sou mais mulher.

Três anos depois de conhecê-lo casei e minha lua-de-mel, foi a mais feliz que uma pessoa pode ter. Como sempre, ele foi calmo e carinhoso, só me penetrando e fazendo de tudo para não me magoar uma semana depois.

O tempo foi passando e pude aprender muito com ele. Não digo que não tivemos momentos ruins, pois estaria mentindo. Mas não tivemos nada tão mau também. O certo é que o pouco que tivemos de ruim, foi passageiro. Comecei a descobrir as preferências sexuais dele e ver que quase todas coincidiam com as minhas. Aos poucos saíamos da já tradicional posição “papai-e-mamãe” e tentávamos outras, até chegar na que mais gostávamos : eu de quatro e ele me penetrando por trás.

Desse tabu quebrado com muita paciência por ele até o sexo anal, oral e o “sessenta e nove” foi um pulo. Senti que meu marido tinha uma grande atração por minhas nádegas e isso muito me envaidecia e excitava, já que, apesar de não ser muito bonita, meu corpo é bastante atraente: tenho seios duros e empertigados, cintura delgada, coxas roliças, quadris largos e uma bundinha arrebitada e macia, que deixa meu marido louco. Só que, com o passar do tempo, essa fixação pelo meu traseiro, em vez de me trazer só excitação, começou a me perturbar.

Não sei o porquê, mas toda vez que eu sentia meu marido admirando o meu corpo, eu tinha uma coisa esquisita na espinha, um frio intenso e forte, acompanhado de uma grande irritação e inquietação. Tal sensação

foi crescendo, crescendo e chegou ao ponto de eu magoar a quem tanto amo com palavras ferinas. Eu agia como uma criança mimada e protestava por qualquer coisa, bastando que meu marido não me atendesse em algum desejo, por mais estranho que fosse. Pensei estar grávida e que eu estivesse assim por este motivo. Mas não estava. E durante quase três meses, nosso casamento esteve a pique de desabar, sem que pudéssemos entender, pois ainda nos amávamos muito e nossa vida sexual era ótima. Mas faltava alguma coisa!

Graças a Deus, tudo veio à tona numa noite em que íamos a um casamento de amigos nossos. Seríamos padrinhos e logicamente não poderíamos faltar. Justamente naquela noite, arrumei motivo para contrariá-lo, dizendo que não iria mais à igreja só porque de repente não gostava mais do vestido, que por sinal era muito bonito e sensual.

– Droga de vestido, não gosto dele! Não tenho outro apresentável que sirva para uma madrinha de casamento, por isso não vou a casamento nenhum!

– Mas amor, já está quase na hora de irmos e não podemos nos atrasar. Somos padrinhos, lembre-se....

– Dane-se. Não vou e pronto!

Sentei-me na beira da cama tal qual uma criança fazendo birra. Aí ele perdeu a paciência, coisa que nunca acontecia. Disse com voz possante:

– Você vai agir como uma criança? Então como criança tem que ser tratada!

Pegou-me pelo braço com firmeza, sentou-se na beira da cama e puxou-me fazendo-me deitar de bruços sobre seu colo.

– Eu nunca fiz isto, mas de uns tempos para cá você anda merecendo uma boa surra. Hoje chegou o dia.

Sem perder mais tempo, ergueu-me o vestido acima da cintura e desceu-me a calcinha até o joelho. Assustada e sem poder me mover devido à posição em que estava, lhe disse:

– O que você pensa que vai fazer? Você não tem esse direito, pois sou sua mulher e...

Não me ouviu. Sua mão, antes macia e suave, desceu pesada e dura sobre minhas nádegas. Gritei, esperneeí, mas de nada adiantou. Levei uma sova na bunda como quando criança havia levado. Passado um bom tempo parou de me bater (meu traseiro estava em brasa) e me ordenou:

– Apronte-se, vamos!

Sua voz foi dura e seca. Em nenhum momento antes desse dia havia sentido nela alguma brutalidade ou grosseria. Pelo contrário, sentia, no íntimo de sua braveza, um carinho muito maior por mim. Na igreja assisti

ao casamento em pé, por motivos óbvios. Muitos estranharam a minha disposição em não me sentar, ao que eu justificava:

– É um furúnculo indiscreto.

Durante toda cerimônia, o que fiz foi prestar atenção naquele homem que estava a meu lado e que era meu marido. Quão mais viril ele me parecia. Mais bonito, macho e elegante se me apresentava.

Foi assim, entre olhares mútuos, como um flerte entre namorados, que voltamos às boas. Já em casa, mal havíamos pisado na sala e trancado a porta, nos abraçamos e nos beijamos. Ele tentou se desculpar, mas calei-o com um beijo dizendo:

– No íntimo, lá no fundo de meu coração, gostei de tudo que você me fez. Aliás, sem eu mesma saber, há muito desejava que você tratasse meu bumbum da forma que melhor lhe aprouvesse. Eu não tenho me contentado apenas com sua admiração pelo meu traseiro ou o carinho que você faz nele. Nem o sexo por trás ou o anal me satisfazem totalmente. Preciso de mais, muito mais. Por isso, quero que você repita. Esse carinho mais intenso me estimula essa região, enchendo-me de desejos. É um tanto audacioso, mas é um carinho delicioso!

Meu marido, ao ouvir isso, se excitou muito (pude ver pelo volume sob sua calça). Puxou-me gentilmente para si, beijou-me outra vez e carregou-me nos braços em direção ao nosso quarto. Porém, estávamos tão excitados que paramos na sala para mais beijos. Sem dizer uma palavra, colocou-me de bruços sobre a mesa, com as pernas apoiadas no chão. Beijou-me a nuca, afagou-me os seios com volúpia. Tirou-me toda roupa, deixando-me só de cinta-liga e, para que tudo fosse mais excitante, deixou poucas luzes acesas. Tirou o cinto da cintura dizendo:

– Há muito eu queria fazer isso, mas receava que você não aceitasse. Mas agora é diferente. Prepare-se!

A surra veio forte, prolongada, deliciosa. Minhas carnes vibravam a cada golpe. Jogou o cinto e passou a bater com a palma da mão. Cada palmada era uma carícia esquentando ainda mais aquelas eminências carnudas. Quando apertou o alto de minhas coxas na parte interna, gemi de dor e prazer, tremendo dos pés à cabeça tamanho o gozo que se aproximava. Então parou de bater e chegando-se a mim, beijava minha nuca, pescoço e toda região das nádegas, que em fogo me causava arrepios incríveis. Disse emocionado:

– Eu te amo muito! Você é uma mulher sensacional! É submissa e dona de meu coração ao mesmo tempo. Como consegue? Prometo fazê-la muito feliz. Seremos muito felizes.

Dizendo isso abriu minhas nádegas, lubrificou a flor roxa de meu ânus com o licor vaginal que era abundante, e, foi me penetrando lenta-

mente. Posso dizer que nunca seu pênis me pareceu tão quente e gostoso como naquele momento. O que ele fazia era muito mais que simples sexo anal. Senti como se estivesse me aplicando uma gostosa injeção de ânimo e prazer, capaz de soerguer nosso casamento. Quando ejaculou dentro de mim, senti o líquido do seu amor como uma vitamina vigorosa me estimulando sensualmente. Pouco depois, era como se tivesse recebido mais vida e saúde. Como foi gostoso!

Pois bem, cara Wilma, tenho quase seis anos de casada, dois filhos e um terceiro em nossos planos. Exceto o período de gravidez, para que nenhum condicionamento fosse transmitido para nossos filhos, meu marido e eu temos nos relacionado dessa maneira. Posso ser masoquista, mas não encaro isso como doença ou perversão, e sim como uma forma de nos expressarmos no sexo. Somos adultos. Nos amamos muito. Aliás, acho até que, no íntimo, toda mulher gostaria de passar as experiências pelas quais eu passo, saber como é gostoso ficar de quatro sobre a cama e receber do homem que amamos uma surra nas nádegas, seja ela com palmadas, chineladas ou correadas. E depois fazer amor com muito carinho. E com o traseiro pegando fogo...

Finalizando esta carta, venho pedir o favor de publicá-la por dois motivos importantes:

1º – A certeza de que os fatos narrados nesta revista são verdadeiros, contados pelos próprios leitores, ou são suas experiências (o que muito tem ajudado a encarar o sadomasoquismo como algo natural) e não histórias elaboradas pelos seus redatores.

2º – Ao narrar minha experiência, espero estar ajudando a muitas pessoas, que por medo ou preconceito ainda não aderiram por completo às práticas sadomasoquistas.

Sem mais, para o momento, e antecipadamente agradecida, despeço-me com um abraço.

Maria Masoch.”

**Resposta:** “Não digo, cara Maria, que toda mulher gostaria de passar por semelhantes experiências, mas boa parte delas, eu garanto. Aí está a definição da famosa frase do Nelson Rodrigues quando disse que “as mulheres gostam de apanhar”. Essa era a forma a que ele se referia. Não explicando direito, até hoje tem causado polêmica e descontentamento por parte daquelas que não sentem a necessidade que você sentia. Essa carência faz parte de sua personalidade, de seu meio de alcançar gozos intensos. (Naquele tempo em que elaborei esta resposta, não sabia sobre a existência dos corpúsculos de Meissner, nem do efeito de quem come muito açúcar, formando no cérebro a endorfina, o hormônio anal-

gésico, nem da preparação psicológica para uma pessoa transformar a dor em prazer.)

Um casal bem equilibrado e que se ama, ao praticar formas diferentes de sexo, descobre os motivos necessários para a felicidade mútua. Se você gosta de ser estimulada dessa forma e seu marido é compatível, que mal há nisso? Como você mesma diz: são maiores e se amam! A paz e o crescimento do amor só podem trazer alegria entre vocês. Ao tratá-la com rigor, mas ao mesmo tempo com carinho, seu esposo proporcionou-lhe uma nova forma de realizar-se. Para uma mulher não masoquista poderia ser desastroso. Você aliou excitação à dor, e deu certo! Não ficou se torturando psicologicamente para concluir que gostava desse tratamento. Sentiu que fazendo exatamente daquela forma, só poderia fazer bem a ambos, e foi em frente. É sensível, inteligente e deve ser muito feliz por isso. Recebo muitas cartas como a sua, com relatos de ‘mulheres que gostam de apanhar’ eroticamente, é claro!”

## Maria Masoch e outras Marias

“Belo Horizonte, Dezembro de 1985

Querida Wilma,

Qual não foi nossa surpresa quando abrimos a revista *Clube dos Homens* nº 24 e deparamos com a nossa história publicada. Eu e meu marido mal contémamos nossa felicidade em ver, depois de tanto tempo, a carta que eu escrevi sendo lida por todas as pessoas, amantes ou não do sadomasoquismo. Já havíamos perdido as esperanças de transmitir aos outros, mesmo que no anonimato, o nosso modo de amar e ser feliz. Hoje já evoluímos muito, pois já passaram quase três anos de nossa primeira experiência.

Bem, Wilma, o motivo principal de lhe escrever uma segunda vez, além de lhe agradecer, é o de tentar desnudar e desmistificar o fantasma das práticas sadomasô que, infelizmente, no Brasil, ainda são um tabu muito grande. Geralmente as pessoas menos esclarecidas associam este modo tão gostoso de amar à violência e ao ódio, à incompreensão e à falta de amor e carinho.

Não pensamos dessa forma e por isso queríamos mostrar como tem sido nossa evolução e nosso amadurecimento e como se pode perfeitamente fantasiar e praticar formas de sexo alternativas no casamento, sem desestruturar toda uma família. O que passo a contar são experiências mais recentes, salpicadas de alto teor erótico, malícia e amor!

Pouco antes de lhe escrever a primeira vez, eu e meu marido (ou meu “Amo”, como passei a chamá-lo) decidimos ter mais um filho, já que temos verdadeira adoração por crianças. E o fizemos numa noite de muito amor e luxúria. Lembro-me muito bem como foi: eu estava num dos dias mais férteis. Deixamos nossos dois “pimpolhos” com minha sogra e fomos jantar fora.

Dançamos bastante, bem juntinhos, rostos e ventres coladinhos, como dois adolescentes no ápice da paixão. Mas o ambiente à meia-luz, a música sensual e os beijos que ele me dava me fizeram propor, quase desmaiando de tesão:

– Por favor, pague a conta e vamos para um motel, pois não agüento mais!

– Nós iremos quando eu decidir. Vá ao *toilette*, tire a calcinha e volte.

Sua voz firme me confirmava uma noite interminável de castigo e prazer. Obedeci prontamente e, quando voltei, já nua sob o vestido, nos sentamos à mesa. Protegida pela toalha, ele me proporcionou bolinações deliciosas. Era algo indescritível o que meu Amo me impunha: com o vestido suspenso, ele me aflagava as coxas, introduzia os dedos ágeis e indiscretos em minha vagina, dedilhava o clitóris com rapidez, além de dar fortes beliscões na bunda, que quase me faziam gritar para todo o restaurante ouvir. Ficamos nesse jogo não sei quanto tempo, pois confesso que saí deste mundo. Só dei conta de mim quando chegávamos a um motel que até hoje não sei onde fica.

Meu Amo me carregou no colo até a cama, cobrindo-me o rosto e a boca com beijos ardentes. Depositou-me suavemente como quem deposita um tesouro valioso no colchão. Tirou a sua roupa (ele gosta de se desnudar na minha frente, mostrando-me seu corpo másculo, rude e sensual, porém sem me deixar tocá-lo). Naquela noite ele ficou de pé ao lado da cama, com um pé no chão, o outro sobre a cama, as pernas abertas, voltado para mim. Ordenou-me que não me mexesse. Mas a visão de seu pênis crescendo cada vez mais e mais, até tornar-se tão duro e tão vermelho a ponto de explodir verdadeiramente, tirou-me do sério. Comecei a gemer e me contorcer doidamente. Escancarei as pernas e me masturbei. Ele permaneceu impassível, olhando-me com seus lindos e penetrantes olhos. Quando gozei e quedei desfalecida é que me dei conta que havia desobedecido. Fatalmente seria rigidamente punida! Calmamente, ele pegou a correia de sua calça e me sussurrou ao ouvido:

– Minha bela putinha me desobedeceu e vai levar o que merece. Eu te amo muito, mas isso não impede de corrigi-la. Vire-se de bruços e empine a bunda.

E me deu um beijo delicioso. Sem relutar, postei-me com o traseiro o mais alto que pude e enterrei o rosto na colcha. Segundo meu marido, pois eu não me lembro de todos os detalhes (ele está me ajudando a redigir esta carta), meu vestido não estava todo levantado. Ele era justo e ficou tapando a metade superior de minhas belas nádegas, enquanto mostrava a metade inferior e as coxas roliças. Tais minúcias podem parecer bobas aos poucos eróticos, mas para nós, e principalmente ele, cada pormenor leva ao cume da excitação.

Cerrei os olhos e só vi o vulto de seu braço forte, segurando o cinto dobrado, subir e descer depressa. Confesso que a primeira lambada doeu demais. Que surra gostosa eu levei! Gemia dizendo palavras obscenas e carinhosas a meu Amo, em meio aos gritos:

– Ai, ai, tesão, você está me machucando a bunda...Ai, ai, meu rabo! Amorzinho, não maltrate sua cadelinha. Ai, aaaaai, ui, uuuui...como dói! Como é gostoso...Mais, bata mais, mais...ai, ai...

Quando parei de apanhar, estava toda marcada nas coxas e nas nádegas. Ardida, doída e molhada! Feliz, fui possuída naquela mesma posição pelo meu ganhão. Seu grosso cacete varou-me forte e rápido. Como estava tremendamente excitada, gozei várias vezes, antes dele despejar seu delicioso sêmen em meu interior. Foi assim que geramos um lindo filho! Mas nossas peraltices não terminaram aí...

Descoberta a gravidez, passamos a nos relacionar sem as surras, mas mesmo assim com forte dose de submissão de minha parte. Sob o pretexto de me castigar, por eu estar sendo uma esposa maravilhosa (não é lindo Wilma?) ele se sentava na cama, nu, ordenava que me ajoelhasse vestida, (com a barriga já volumosa) chupasse seu pênis calmamente. Agarrava-me os cabelos fazendo-os de rédeas, cuidando que sua potranca lambesse seu saco, mordesse de leve a cabeça de seu pau, parando quando sentia que ía gozar. Quando meus joelhos doíam, providenciava almofadas macias.

Às vezes despejava o esperma inteiramente em minha boca, obrigando-me a engolir tudo, sem perder uma gota sequer. Em outras fazia questão de besuntá-lo em meu rosto. Depois beijava-o e me chamava de “escrava querida”, “puta gostosa” ou frases semelhantes.

Não raras vezes, já com oito meses de gestação, íamos para o quarto, sem que as crianças percebessem, e transávamos de uma forma singular: ele me obrigava a dar uma lambida em seu pau, só para lubrificá-lo levemente, e me fazia sentar em seu colo. Erguia o vestido até a cintura, descia a meia-calça de gestante até as coxas e enterrava seu malvado instrumento de prazer em meu ânus. A penetração se de um lado deveria ser lenta, pela pouca ou nenhuma lubrificação (o suficiente para não esfolar a cabeça de

seu membro), por outro era rápida, justificada pelo peso de meu corpo. Era extremamente dolorida. Mas era uma dor gostosa, que se espalhava pelo meu corpo sensível de mulher grávida, passava pela minha vagina e ia dar no bico dos seios. Estes eram acariciados, mordidos, lambidos pela sua boca deliciosa. E eu chorava...Chorava de alegria por ser tão rude e doce-mente fodida pelo meu adorado marido. Mas eram lágrimas de amor, muito amor...

Depois que dei à luz nosso filhinho, voltamos a praticar o SME em sua plenitude. Assim que recebi sinal verde para voltar aos hábitos normais, levei a minha primeira surra, que coincidiu com o aniversário de meu Amo.

Nossa casa estava cheia de parentes e amigos. Música ambiente e muita alegria nos corações. Estivera numa “lei seca” nove meses e meio. Agora estava louca para apanhar. Não simplesmente apanhar por apanhar. Apanhar por amor, provando perante o meu amado que eu era totalmente submissa a ele no sexo. Então preparei-lhe uma grande festa surpresa! Comecei por irritá-lo e excitá-lo, vestindo um conjuntinho de saia e blusa bem justinho e curtinho, que moldava meus seios, mostrava o umbigo, evidenciava as minhas belas ancas e provocava os olhares dos homens para a bunda arrebitada, sustentada por um par de coxas roliças e morenas aparecendo sob a saia curta. Isso o deixava louco!

Na cozinha, quando buscávamos salgados e bebidas para servir aos convidados, ele me dava ótimos beliscões na bunda e nos seios, acompanhados de promessas de uma posterior punição exemplar. Só que eu não estava disposta a esperar a festa acabar. Depois de dançar sensualmente com seus amigos, de me sentar provocantemente cruzando as pernas e de andar rebolando na frente de meu querido, pedi para ir comigo buscar mais cerveja que estava guardada na geladeira do vizinho, cuja chave do apartamento estava em nosso poder.

Ao entrarmos, tranquei a porta. Sensualmente abracei meu Mestre, beijei suavemente seus lábios dizendo:

– Espere alguns minutos aqui e depois entre no quarto. Preparei-lhe uma surpresa maravilhosa. Por favor...você não vai se arrepender...

Dito isto, caminhei sensualmente para nossa alcova emprestada e me preparei rapidamente. Quando ele entrou após algum tempo, deparou com o seguinte visual: eu estava de joelhos aos pés da cama, debruçada sobre ela, vestida apenas com uma minúscula calcinha de renda preta, meias e cinta-liga igualmente pretas. Uma algema de brinquedo de meu filho que se fecha sob pressão, imobilizava as mãos, em minhas costas. Uma coleira de couro cru me envolvia o pescoço e, ao meu lado, um cartão dizia:



“Feliz aniversário. Te amo. De Mas. para Sad.” Um chicote belíssimo, todo trabalhado, couro de primeira qualidade, digno do melhor domador de feras, o esperava. Passado o primeiro impacto, meu Amo caminhou até a cama, disse um “muito obrigado” engasgado e emocionado, beijou-me o corpo todinho, da cabeça aos pés, passando por partes escondidas de minha intimidade de fêmea. Na posição que estava, e sem poder abraçá-lo, quase entrei em órbita.

Em seguida pegou o chicote, admirou-o, empunhou-o, e, calado, desferiu um belo golpe em meu lombo. Assustei-me: era a primeira vez que era surrada nas costas! Os golpes eram fortes e decididos, assoviavam no ar e batiam surdos com o impacto. Eu gemia a princípio. Depois de umas tantas lambadas, chorava e soluçava. Aquilo era novo e excitante para mim, pois apanhava como uma escrava do século XIX, em pleno século XX. Em dado momento, ele parou de bater, desceu-me a calcinha, ficou ajoelhado sobre a cama na minha frente e, colocando seu pênis duro na minha boca, disse:

– Chupe. Chupe devagar e bem gostoso, minha bela putinha!

Bem vagarosas, eram gostosas as chicotadas que meu Amo agora me aplicava nas nádegas. Pela posição em que ele estava, as lambadas me atingiam verticalmente e, vez por outra, coincidiam exatamente com o rego da bunda. Foi incrível! Eu não sabia se curtia as dores do meu traseiro em brasa, das costas machucadas, ou se apreciava seu pau entalado em minha boca. Devo ter gozado um milhão de vezes antes dele despejar seu esperma quentinho e saboroso em minha garganta. Não satisfeito ainda, meu garanhão mantinha seu mastro praticamente duro, mesmo depois de ter ejaculado.

Voltou-se para minha retaguarda e enfiou seu cacete gostoso em minha vagina ensopada. Fez-me subir na cama para me penetrar com força, fazendo-me gozar outras vezes com fortes investidas e ríspidas estocadas que quase me faziam cair da cama não fossem suas mãos de macho me segurarem as ancas. Eu atingia o “Nirvana” com isso! Com as costas e a bunda extremamente doloridas e a vagina sendo vigorosamente friccionada, confesso que quase morri de tanto prazer. Por isso, quando ele tirou seu pênis lubrificado da minha bucetinha e enfiou no meu ânus, não agüentei, e, antes que despejasse seu leite de amor, desmaiei... Quando acordei, voltamos para a festa com minhas partes marcadas devidamente tampadas pela roupa. Justificamos para todos que tínhamos ido “comprar cerveja”.

Bem, Wilma, para muitos pode já estar se tornando maçante tantas narrativas e por isso eu as finalizo aqui. Só quero dizer que cada novo

beliscão, cada nova chicotada, cada foda ou cada palmada significa uma experiência inusitada, diferente, que nos renova a cada dia, nos mostrando que, quando há amor e principalmente carinho, tudo é válido. Todas as formas de sexo alternativas são válidas e abençoadas, desde que se ame do fundo do coração e haja respeito pelos limites e desejos do outro.

Para as feministas, tenho um recado muito importante: Nem meu marido é um machão ignorante, nem eu sou uma mulher sem personalidade. Em nosso dia a dia, todas as decisões são tomadas democraticamente. Se quero ir ao teatro e ele ao cinema, chegamos a um acordo sem nenhuma imposição de qualquer lado. Discutimos pacificamente e optamos pelo melhor. O fato de termos relações sadomasoquistas, não quer dizer que eu seja uma mulher burra. Pelo contrário sou culta e leio muito. Tenho personalidade forte e sou um pouco geniosa. E gosto de ser assim. Independente e altiva como mulher. Meiga e submissa para meu homem.

Com certeza não mais escreverei. Nossa contribuição já foi dada para que as pessoas sejam mais livres de seus tabus e não mais se escandalizem com o amor em suas formas mais exóticas (ou eróticas, não é mesmo?). Agora vamos nos dedicar a nossos filhos. Um beijo carinhoso e adeus...

Maria Masoch.”

Não tive mais notícias de Maria Masoch, mas outras tantas Marias me escrevem, relatando fatos semelhantes. Cheguei à conclusão de que essas formas diferentes de se praticar amor e sexo, principalmente quando se descobre as razões num casamento “prestes a sucumbir”, são as responsáveis pela união e felicidade quando se tem a coragem de encarar de frente essas frustrações. É saudável, e cada invenção em busca de um bom entendimento entre o casal é válida. As pessoas não devem se preocupar se muitos psicanalistas afirmam ser um fato patológico certas formas de práticas sexuais que foge à maioria. A psicanálise, até pouco tempo, estabelecia como dever de ofício a avaliação, nesse tipo de relação sexual, de neurótico, anormal e até mesmo doentio. Nestes depoimentos reais, podemos sentir o restabelecimento de uma convivência menos frustrante e conflituosa. No cotidiano de muitos casamentos, pode haver o sadismo e o masoquismo morais, o que deve, isto sim, ser considerado uma catástrofe.

Esta leitora é um bom exemplo do que é a arte do encontro consigo mesma, sem culpas nem complexos. Ciente que tinha o direito de ser feliz, e o dever de procurar a felicidade dentro de sua própria casa, com seu marido e ao lado dos filhos que tanto ama, foi fundo. Ao sentir satisfação

em ser tratada como um objeto sexual, tratou de realizar da melhor forma possível todas as suas vontades, sem inibição nem recalques. Com os tapas nas nádegas sem maiores conseqüências, descobriu uma forma de prazer inusitado. Ao entender o mecanismo do seu corpo em relação à dor, viu o efeito dos estímulos, excitou-se e quis mais.

Quem pode afirmar que muitas pessoas não sentem, em várias áreas do corpo, essa mesma compressão estimulante? As “pancadas” bem administradas funcionam como massagem erótica. Essa arte consiste em considerar, antes de tudo, o prazer do outro. Não se deve entender como “espancamento” e castigo abusivo. É apenas uma brincadeirinha que pode ser mais forte ou mais fraca, dependendo da sensibilidade de cada um. Dentro de um clima SME as “escravas eróticas”, às vezes, desobedecem de propósito, só para merecer o “castigo”. A sensibilidade dos toques na bunda espalha-se por toda região, fazendo com que o ânus e toda genitália receba o sangue que esquentava, irrigando a nádega.

A maioria dos masoquistas que conheci é como Maria Masoch afirma aqui: agressiva e forte na vida real. Deseja ser possuída como escrava-erótica, submissos, dócil criatura destinada a dar conforto, alegria e prazeres a seu “amo”. Fora de quatro paredes, é agressiva, mandona e atirada. Na cama, abdica da sua personalidade enérgica, em busca da satisfação da libido e procura do prazer. Quer ser dominada pela energia sexual do parceiro.

Alguns psicólogos chamam de “fantasia de regressão” quando a pessoa volta ao nível da sexualidade em estado puro, sem qualquer racionalização. Alguns dizem que esta fantasia permite também libertá-la de algum complexo de culpa gerado pela agressividade real, pois o papel que desempenha vai de encontro ao condicionamento cultural da mulher submissa por “essência”. Não acredito nisso. Para mim, a mulher gosta de “apanhar” porque é masoquista-erótica. Homens e mulheres sentem o mesmo prazer. Para eles essas “carícias mais fortes doem deliciosamente”.

Até hoje, alguns psicólogos complicaram tudo ao afirmar que tudo não passa de “doença”, “desvio”, etc. Na prática e entrevistando muitos adeptos, descobri certas razões mais aceitáveis que toda filosofia de quem nunca viveu nada parecido.

## Depoimentos valiosos

Os artigos falando sobre os prazeres de Maria Masoch trouxeram-me algumas cartas de outras masoquistas, falando sobre esses prazeres:

“ Santos, Julho de 1984

Querida Wilma,

Sou uma mulher de negócios e meu sucesso profissional não impediu que aos poucos eu sentisse que minha vida, embora equilibrada socialmente, andava um tanto sem graça na intimidade, até quando descobri as maravilhas que o masoquismo-erótico pode oferecer. É um paradoxo, concordo, pois uma mulher imponente se transformar em escrava-sexual? É um paradoxo, já disse, mas delicioso. Um dia meu marido, que tem um cargo inferior ao meu na firma que dirijo, com seu olhar de corvo quando está irritado e não quer demonstrar, disse com voz mais forte que de costume:

– Quando aquele empresário saiu, vi que você o acompanhou com o olhar. Não gosto disso. Senti ciúmes e raiva. Jamais abrirei mão de você. Te amo muito e vou lutar até o fim, da forma que for preciso.

Fiquei encabulada, pois dissera isso na frente de minha secretária, que, distraída, felizmente não ouviu. Estranhando sua atitude, pedi que se calasse. Respondeu que ali ficaria quieto, mas que em casa “conversaríamos”. Sua voz soou forte e poderosa como nunca! Olhei-o incrédula, e uma onda de calor fez estremecer a parte interna de minhas coxas, indo até a vagina que, de repente, pareceu inchar. Senti minha calcinha ir-se molhando.

Durante o expediente disfarcei, mas o tesão foi aumentando, o desejo de provocá-lo começou a subir à minha cabeça. Fantasiava cenas onde ele, humilhado, partia para a forra. Nesse clima, finalmente fomos para casa. Sinceramente ofendida por ter-me chamado a atenção, mal entramos no carro comecei a falar. Disse-lhe que sabia o que estava fazendo com aquele empresário. Que a conquista também era uma forma de ganhar o adversário, conseguindo bons lucros para a firma.

– Eu não admito. Não gosto de passar por “manso”.

Respondeu com a mesma voz firme de antes. Nunca tinha falado assim comigo. Estávamos chegando e a surpresa de sua atitude me fez calar. Quando entramos, quis provocá-lo. Fazendo uma postura como se estivesse caçoando dele, perguntei, irônica:

– E daí? Vai virar macho? Quer me bater?

Furioso com a provocação, me agarrou pelos cabelos, deitando minha cabeça para trás. A dor daqueles fiozinhos da nuca era alucinante, mas ao mesmo tempo gostosa, excitante. De repente senti o cheiro de seu corpo e seu hálito bem próximo de meu rosto. O calor de seu peito cabeludo me encheu de tesão e de uma vontade louca de provocá-lo até que chegasse ao auge da irritação, perdesse a paciência e me batesse. Foi o que fez. Seu primeiro tapa atingiu meu rosto em cheio. O calor que senti nas faces

me fez estremecer de prazer. Minhas nádegas tremeram. Sem saber por que fazia aquilo, levantei a saia e expus minha bunda.

– Bata, pode bater.

Descendo a calcinha, incitava-o zombeteiramente. Instintivamente, não esperou novo convite. (Depois explicou que enfurecido não sabia o que estava fazendo, que só voltou a si quando sentiu a vermelhidão e a queimadura da pele). Eu me contorcía de prazer. Quando parou de bater, puxei-o com força, beijando-o com volúpia e amor, como há muito não fazia. Foi a trepada mais gostosa até então. Fiquei dolorida por uns dias, mas nunca tão feliz! Todos a meu redor notavam isso...

Ao ler um artigo seu, Wilma, entendi porque gostei tanto dessa experiência. Apesar de ser bem-sucedida profissionalmente, não era de todo feliz, pois sou “masoquista-erótica”, como diz você. Agora que descobri as delícias de um ato sexual praticado dessa forma, vou querer sempre. Não preciso mais provocar meu marido. Quando começo a ficar agressiva, ele já sabe do que estou precisando. É com todo prazer que me dá umas boas palmadas na bunda e... pronto. Muitas vezes só promete e eu já me torno submissa, imaginando o momento em que me “castigará”. Tornou-se uma prática de poder psicológico entre nós.

Por isso, quero parabenizá-la por fazer as pessoas descobrirem e se completarem dessa forma. Consegui amar e respeitar muito mais meu marido. Na cama é o homem forte e poderoso que, fora dela, não consegue ser... Na firma, é o vice-gerente da empresa que herdei de meu pai. Eu a dirijo com punhos de ferro! Em casa é o senhor absoluto de meus desejos. No trabalho comando tudo. Em casa sou comandada por ele sexualmente, é claro. Não deixamos ninguém notar o quanto estou submissa por uma coleira invisível. Entre quatro paredes, me coloco à “sua disposição”, tiro a máscara e me entrego toda. Arrasto-me a seus pés, como uma cadelinha ante seu dono. Somos felizes assim.

Só estou lhe contando tudo isso para que, ao publicar minha carta, outras mulheres insatisfeitas sigam o meu exemplo. E assim, descubram seu verdadeiro grau de sexualidade para serem felizes como eu sou desde então.

Com o carinho de..... Marta Camargo.”

Outras mulheres que não curtem a dor como estímulo erótico podem descobrir seu ponto de excitação em gestos e palavras que mentalmente as façam vibrar, elevando seu erotismo lírico. Não existem normas para manifestações da natureza intrínseca de cada um. Como Marta, que desceu do pedestal social para ser simplesmente “escravizada” e submissa sexualmente. O importante é não ter medo ou vergonha de assumir desejos e

fantasias e ir em frente. Pelo menos uma vez, devemos experimentar aquilo que nos excita, para sabermos se realmente faz parte dos nossos estímulos naturais. Agindo assim muitos ficariam livres de “tratamentos” complicados. Nem tudo é resolvido no divã de um analista. Talvez a descoberta do orgasmo seja mais fácil, e muitas mulheres que passam anos, e às vezes a vida toda, sem saber como descobri-lo, encontrem plena satisfação deixando aflorar seus instintos.

Transformar a sexualidade não satisfatória em busca do prazer maior é o lema de muitas pessoas inteligentes que criam várias alternativas, mesmo isso não agradando a maioria. O importante é sentir-se feliz e realizada. Outra carta publicada na época, que pode ser modelo real, é a desta masoquista que se chama Sandra. Ela também estava à procura daquele “prazer especial”.

“ Juiz de Fora, Julho de 1985

Cara Wilma Azevedo

Não a conheço e nem mesmo sei se realmente existe. Mas respeito e admiro muito o que você escreve ou quem se faz passar por Wilma Azevedo.

Sou loira, olhos verdes, bonita, com um corpo bem-feito e bastante inteligente. Não é pretensão, mas, além do espelho, é o que as pessoas dizem. Tenho curso superior em Línguas e atualmente faço Direito. Casei-me duas vezes e me saí mal em ambas. Tenho 36 anos mal vividos que começaram a mudar de quatro anos para cá. No entanto, entre prazeres sexuais, nunca consegui aquele prazer especial. Mas, começando a ler suas matérias, as coisas mudaram muito. Dentre as práticas SME, me atrai muito aquelas de mulher com mulher. A tortura física com chicote e similares não me atrai. Mas a parte de servidão, humilhação, situações críticas e inibidoras, realmente acho maravilhosas.

Voltando da Argentina, minha vontade de escrever para você aumentou muito, por causa de dois filmes que assisti num cabaré de Buenos Aires. O que realmente me agrada é o papel de vítima, de “escrava”, como você diz. No filme vi o seguinte: uma moça foi numa festa, só de mulheres, sem saber o que encontraria. Entre comidas e bebidas num bonito apartamento, ela notou a maneira um tanto diferente e exótica dos trajes das outras, e o carinho entre elas.

Em dado momento, foi cercada pelas demais, com firmeza, arrogância e decisão, que era o ponto alto do filme. A moça, nervosa, com medo, queria ir embora, mas as outras obrigaram-na a vestir-se como elas, onde o busto quase se punha para fora do vestido justo e sensual. Seu constrangi-

mento excitava as demais, que lhe faziam carinhos atrevidos. Embora ela estivesse decidida a proteger suas partes mais secretas, as outras a amarraram numa espécie de cruz, com os braços e pernas abertos, e começaram a excitá-la.

Bolinando-a com carinhos experientes, acabaram por fazê-la gozar na chupada. Depois continuaram a brincadeira, humilhando-a e excitando-a. Fizeram de tudo com aquela moça. Entre a assistência, fiquei com medo de alguém notar o quanto eu estava excitada. Durante todo filme fiquei pensando em ser usada do mesmo jeito. Vários filmes sobre sadomasoquismo rolaram na tela, muito interessantes, com cenas deliciosas. Sem torturas físicas e sem violências. Assim eu entendo que deve ser uma boa transa. Pelo que pesquisei, essa revista é a única no Brasil que fala sobre sadomasoquismo, e seus artigos são escritos com conhecimento de causa. São muito profundos, me deixaram com uma enorme vontade de saber mais a respeito do tema.

Pode me indicar algum livro elucidativo? Acho o Sade muito louco e enjoativo. Prefiro mil vezes a realidade que você escreve. Confio em você. Sei que não publicaria meu endereço, pois respeita seus leitores.

Um grande abraço e obrigada pela atenção. Com carinho,  
da Sandra.”

Depoimentos como esse me transmitiam segurança para continuar meu trabalho, e muita alegria por saber que, graças aos meus artigos, o SME ia se solidificando no sentido da desmistificação do que é o erotismo ligado à palavra sadomasoquismo e do que é a psicopatia ou maldade. Durante as primeiras análises clínicas (seguidas até hoje pelos retrógrados), psicólogos, ao estudarem as atitudes de pacientes face às suas tendências sadomasoquistas, fizeram crer que ser sádico é viver agressivamente, causando dor indistintamente, e até sem teor erótico. Com o sádico-maldoso ou o psicopático, até pode ser. Mas com o SME nunca a dor é o mais importante.

Muitos acreditam que ser masoquista é gostar de sofrer castigos físicos. Implantaram a idéia de que certas maneiras de relacionamentos sexuais são destrutivos, necessitando de tratamento. Vivendo na pele as dificuldades de me fazer entender, parti em busca de estudos específicos, mas foi nos muitos depoimentos de meus leitores que descobri o verdadeiro sentido para tudo isso.

Nossa literatura tem muito pouco sobre o assunto. Além de Sacher e Sade, só conhecia *A História de O*, de Pauline Reage, muito apreciada no mundo todo por quem entende todo erotismo contido na história de “O”. Mas até hoje temos pouca literatura do gênero.

Tomando por base Wilhelm Reich, quando defendeu o prazer aliado à vida, sempre achei válido seu conceito: “As relações sexuais não são morais nem imorais. Oriundas de forte impulso natural, apenas pelo pensamento ou condições colaterais se tornam uma coisa ou outra. O significado da sexualidade não se restringe a seu efeito mais importante – a procriação. Para o homem, uma vida sexual correspondente à sua individualidade e às suas necessidades é condição de harmonia vital interna e externa.”

É isso que pretendo projetar nesta obra. Muita gente tem necessidade de práticas diferentes, exóticas, bizarras para um bom relacionamento e um equilíbrio emocional perfeito.

Muitos gostam da dor física, outros da psicológica, outros da humilhação, ou da dor moral: xingamentos, depreciação de seus préstimos, mas tudo dentro de um clima onde a excitação tem que estar presente.

Uns acham “anormal”, outros entendem perfeitamente que cada um tem o direito de fazer-se feliz, seja como for. Alguns são indiferentes. Mas todos se interessam pelo assunto, desde que o conceito de prazer não ultrapasse limites. As “regras do jogo” têm um termo de equilíbrio na avaliação da posse do dominado.

Muitos leitores queriam ajudar outras pessoas a encontrar sua maneira de amar, e, através de minha coluna, passavam recados úteis para os interessados:

“ Rio de Janeiro, Abril de 1984

Sendo leitora assídua da sua revista, quero que publique esta carta, para que meu depoimento sirva para ajudar a propagar o SME e retirar o injusto preconceito contra essa forma de amar. Ela dá prazer a quem curte a dor como forma alternativa de um prazer tão pouco entendido até hoje. Concordo com tudo que você diz sobre SME. Gostaria de acrescentar minhas experiências e os estudos que fiz. Há algum tempo venho querendo saber por que eu, moça bonita, de boa família, jovem (22 anos), tenho prazer em ser humilhada, subjugada ou em sentir dor antes do gozo.

Hoje, não acho nada de mais, graças a seus artigos elucidativos, mas antes eu tinha medo e vergonha de assumir minha tendência. Andei respondendo alguns anúncios de homens que se diziam “Mestres”. No entanto, não entendiam nada do erotismo ligado ao masoquismo e só em me declarar “escrava” recebia cartas grosseiras e sem nenhuma conotação do que esperava. Mas, ao fazer mais uma tentativa, conheci Roberto. Antes de contar nossa primeira experiência, vou falar sobre minha criação, o que talvez explique um pouco as causas das razões de eu ser assim.



Desde pequena, meu pai sempre foi muito rigoroso comigo e meus irmãos, principalmente comigo, por ser filha única. Bastante severo, sempre que cometia algum deslize ou tirava notas baixas na escola, quando ele chegava em casa, já sabia como reagiria. Mandava-me ajoelhar diante da cama e curvar-me de bruços. Então chicoteava minhas nádegas com o cinto. Certa vez, quando fiquei reprovada numa matéria, proibiu-me de calçar durante um mês. Como dizem, o SME, se manifesta primeiramente na infância, e este foi o meu caso.

Durante aquele mês, estar descalça perante minhas amigas, mais que humilhação ou castigo, causava-me um certo prazer, assim como apanhar. Até esta época, morávamos no interior fluminense. Durante minha adolescência, mudamos para o Rio. Neste período até entrar na faculdade, tive vários namorados. Meu masoquismo ficou nos sonhos e fantasias. Só consegui realizá-lo por completo com Roberto. Considero-me uma garota bem liberal, de mente aberta. Tive vários relacionamentos íntimos, mas algo me faltava. Não me sentia satisfeita e só pensava em pedir para alguém me espancar as nádegas, como estímulo, pois considerava isso necessário, quase um afrodisíaco.

Mas tinha receio do julgamento deles. Um dia fui impulsionada a comprar a revista *Clube dos Homens*, quando vi um chamativo na capa a respeito de SM. Ao ler seus artigos, um sentimento novo se apossou de mim, pois meu corpo vibrou, tremi de emoção e tive certeza de querer viver experiências iguais. Ao descobrir que minhas fantasias, onde me imaginava totalmente submissa, eram forte tendência ao que você, Wilma, chamava de “masoquismo-erótico”, resolvi ir em busca de quem me possuísse integralmente. Com certo receio, respondi alguns anúncios. Mas tinha medo da violência de quem se mostrava muito agressivo, pessoas de baixo nível.

Desde a primeira carta, Roberto foi amável, mas seguro do que queria. Não me enganei em ir ao seu encontro, pois me realizou completamente e é o motivo desta narrativa.

Durante algum tempo, trocamos correspondência, e ele, ao contrário dos outros, que eram estúpidos e infantis, se propôs a me ensinar os mistérios desse relacionamento que é uma arte, como você diz, Wilma. Você me fez ver que é uma relação como outra qualquer, desde que seja entre pessoas equilibradas, sensíveis e responsáveis. Mostrando-se culto e educado, Roberto deixava-me cada vez mais desejosa de entregar-me a ele. Fiz algumas observações, como não desejar excessos de violência ou nada que pudesse marcar meu corpo de forma aparente ou irreversível. Concordou.

Tomando coragem, marquei nosso primeiro encontro, em um fim de semana num barzinho do Leblon. Enquanto o esperava, ansiosa e emocionada, só desejava que ele atendesse a minhas expectativas reais. Ao che-

gar, vi que seu tipo físico me agradava e a recíproca era verdadeira. Conversamos bastante, até ficarmos mais descontraídos, quando então aceitei seu convite para ir até seu apartamento. Lá chegando, como era a primeira vez, ele, um tanto sem jeito, delicadamente pediu que eu tirasse a roupa. Como vinha analisando seu comportamento, seu modo de pedir me animou a prosseguir e tirei tudo sem relutar. Perguntou-me então se poderia colocar alguns objetos em meu corpo.

Só em me sentir submissa, já estava ficando excitada. Para facilitar as coisas, disse que poderia fazer o que quisesse comigo, dentro de certos limites, é claro. Colocou uma correia de couro em meu pescoço como uma coleira, e nos pulsos e tornozelos grossas pulseiras de couro preto com argolas. Comecei a me sentir uma verdadeira “escrava”, disposta a realizar toda a vontade de meu Amo. Percebendo minha inegável excitação, disse que seria mais severo. Pegou meu pé com força, prendeu uma corrente e uniu as duas argolas do tornozelo. De pés atados, sentia-me incapaz de reagir e, com prazer, fiquei na expectativa do que mais seria capaz de fazer comigo naquela posição.

Sentia-me cada vez mais inferior. Prendeu outra correntinha à coleira e mandou-me ajoelhar perante meu Amo. Aquelas palavras foram as molas-mestras que desencadearam um jorro de esmegma na minha vagina. Notando o líquido que me encharcava, tirou o membro para fora, ordenando que o chupasse. Segurei aquele mastro duro, deliciada. Com as mãos livres, acariciava seu saco, cheirando, aspirando fortemente seu perfume de macho. Ele gemia alto, até que não agüentando mais, gozou em minha boca. Como uma gatinha faminta, saboreei todo seu esperma, não desperdiçando uma gota!

Depois de consumado seu gozo, tentei me masturbar, mas ele proibiu, ordenando que me deitasse no tapete enquanto descansávamos um pouco. Mas a excitação interrompia o curso normal do relaxamento. Comecei a me contorcer de tesão. Alguns minutos depois, ele foi para o quarto. Retornou nu e com um chicote na mão. Era curto, com várias tiras e de couro macio. Quase gritei de alegria. Minhas carnes tremeram. Um arrepio correu pela espinha alojando-se em meu clitóris.

– Meu senhor tão gentil e educado tem coragem de surrar sua “escrava”? Então faça-o sem piedade...

– Fique de quatro como uma cadela. Vou proteger suas nádegas com um pano para não marcar muito. Quero prendê-la como um animal, usá-la de todas as formas como minha “escrava-erótica”.

Suas palavras surtiram um efeito especial. Com as mãos presas para não me tocar, a ponta da correntinha da coleira atada em um móvel, senti a primeira lambada com um prazer indescritível. A cada vez que seu chicote

atingia minhas nádegas, causava-me uma sensação maravilhosa, um prazer supremo que nunca havia sentido antes. A medida que as lambadas aumentavam, minhas sensações eram maiores. Meus gemidos eram de alegria, minhas lágrimas eram de felicidade. Em dado momento, um tanto preocupado, perguntou:

– Dói muito?

– Está delicioso. Continue, por favor...

Soltando grunhidos como uma cadela, percebi que tirara o pano de minhas nádegas e me açoitava agora com seu membro duro. Lubrificada como estava, foi um convite para sua penetração. Deu algumas estocadas e dirigiu-o lentamente para o orifício anal. Seu membro grosso fazia-me alcançar as nuvens, e quando senti sua mão dedilhando meu clitóris e sua boca acariciando minha nuca, urrei. Suavemente ia penetrando-me sem dor, só prazer, mas na verdade rasgava minhas pregas, pois nunca tinha feito sexo anal. Por ser bem apertado, deu-nos um prazer desmedido. Ambos chegamos ao orgasmo juntos. De minha parte, foi o mais delicioso gozo que tinha tido até então! Gozei tão intensamente que a maravilhosa sensação de seu esperma jorrando dentro de mim causou-me um prazer incrível no reto, pela dorzinha suave e ardida e um enfraquecimento nas pernas.

Desatando a coleira, ficamos deitados juntinhos até o fôlego voltar novamente. Roberto convidou-me para ir deitar em sua cama. Conversamos muito. Da forma como me tratava (embora um tanto sem graça por ser a primeira vez), senti-me muito bem. Beijou meus seios, minha boca, acariciou da nuca ao ponto mais sensível de meu corpo. Em seguida fizemos amor em várias posições e quando nos despedimos, perguntou se ainda seria sua “escravazinha”. Não podia resistir a um homem gentil e vigoroso. Prometi voltar. Hoje, quando meu Senhor me chama, deixo tudo e vou feliz ao seu encontro, sabendo os prazeres que me aguardam. Sou submissa e humilde, mas também mais feliz do que nunca.

Hoje vejo o sadomasoquismo ou o que chamam “perversões” (como designam alguns revisionistas da sexologia) apenas com um significado lúdico de tais práticas. Ou seja, desde que a pessoa se sinta ajustada, é uma forma de prazer normal, até terapêutica. Em vez de ficar me preocupando se aquela forma tão diferente à maioria é normal, vou fundo, sabendo ser a mais deliciosa. Tudo depende de um bom entendimento entre os parceiros, quando não se é maldoso nem doente em toda extensão da palavra.

Não me envergonho de ser masoquista. Ao contrário. Sinto muito prazer em ser usada. Não penso em reprimir isso de forma alguma. Adoro usar coleira, fazer tudo que meu Amo deseja e ser castigada antes de completar o ato sexual. Já que em nada interfere em minha vida social,

pretendo continuar, pois nem meus sentimentos são negativos. Não gosto de homens estúpidos e idiotas, estes são os que nunca dominarão uma mulher, no sentido erótico da palavra. Roberto faz tudo com decisão, classe, firmeza, dominando-me sem estupidez e grosseria. Um homem com suas qualidades pode levar sua parceira a coisas que jamais imaginou, a prazeres nunca atingidos, sem excessos e violências.

Nunca deixei de freqüentar praias, mesmo após ter-me submetido aos caprichos do chicote de Roberto. Duas ou três vezes por semana, no máximo, fico à sua disposição. Ele gosta de me chicotear a sola dos pés, pois não marca e é delicioso. Cada pé em dias alternados. Com o tempo vamos adquirindo técnicas. A experiência mostrou-nos meios de prazer sem deixar que isso interfira em nossas vidas. A habilidade e a decisão do parceiro também são muito importantes. A cada dia que passa, posso dizer que nosso prazer aumenta, faço coisas que hoje me orgulho, mas no trabalho, ou na faculdade, as pessoas com quem convivo jamais sonhariam com o que eu seria capaz de fazer. Muitos podem criticar, por isso escondo minhas “traquinagens”. Para você e seus leitores eu conto, pois sei que me entendem.

Muitas vezes, antes do banho, me prostro diante dele, que urina em meu rosto e corpo. Em dias de maior excitação, deixo-me amarrar em forma de X e me delicio quando, de bruços, sinto a quentura da brasa de seu cigarro girar em torno de meu ânus numa promessa de me queimar. Essa ameaça me excita e não duvido que um dia realize esse castigo. Embora faça tudo com segurança e firmeza para sentir minhas reações, sabe arrancar tremores de prazer com essas ameaças...

Querida Wilma. Já escrevi bastante. Deixo aqui meu agradecimento por você estar desenvolvendo um trabalho tão digno de incentivo como esse. Um beijão.

Patrícia.”

É por ter conhecimento de realidades assim que ao ler o livro *Ame e Dê Vexame*, do psicanalista e escritor Roberto Freire, não concordo com seu ponto de vista sobre o SME. Ao responder uma entrevista para a revista *Wonderful*, diz quando perguntam:

– Enfim, qual é a melhor maneira de se fazer sexo? Como atingir a felicidade sexual?

R.F. – Simplesmente conseguindo ser você mesmo e identificando-se com o que você é em seu corpo todo, em seu soma, não dividido, sobretudo em cabeça, tronco, membros e sexo. E aprendendo a enfrentar todas as dificuldades que se apresentam contra isso. Ser livre é muito mais difícil do

que alcançar o prazer sexual (até esse ponto, concordo plenamente). Existe um certo tipo de prazer sadomasoquista que é fácil alcançar. É o jeito como gozam os escravos, os neuróticos, os medíocres e os poderosos...

Vejamos a resposta que dá a seguir, quando lhe foi perguntado:

– Nisso tudo, onde fica o amor?

R. F. – A maioria das pessoas tem uma visão estreita e conformada sobre o amor. Pra se viver um amor inteiro, livre e nem um pouco sadomasoquista, sem nenhum sacrifício, é preciso ter a coragem do ridículo, de assumir coisas aparentemente absurdas e incomuns. Porque cada um tem uma forma original e pessoal de amar, se é realmente livre...

Acredito que para ser realmente livre, é preciso assumir suas “formas originais” de amar. Precisa mesmo ter a “coragem do ridículo, assumir coisas aparentemente absurdas e incomuns”. Ao agir assim, terá que liberar todo seu sadomasoquismo-erótico, aí sim, sem sacrifícios. Só então vai ser “você mesmo, identificando-se com o que você é em seu corpo todo, em seu soma, não dividido, sobretudo cabeça, tronco, membros e sexo”.

Assim, pode-se entender pessoas como estas minhas correspondentes e como a moça que assistia uma conferência desse escritor no Museu de Arte Moderna e depois quis ir para um motel com ele. Ela era masoquista-erótica. Admiradora de seu trabalho, achava-o um tanto agressivo, grosso, até um pouco sem educação. Imaginou que o fosse também na hora de praticar o sexo. Pensou que fosse tratá-la como sempre desejara. Ela não sabia que as aparências enganam; nesse caso, geralmente é ao contrário.

Como outros, ele também não entendeu seus anseios. Foi trágico. Acho necessário muitos depoimentos como estes que descrevi para que alguns homens se conscientizem que o masoquismo-erótico existe e é latente em pessoas que “identificando-se com o que são”, assumem com “coragem o ridículo de viver coisas aparentemente absurdas e incomuns”, chamadas sadomasoquismo. Ele descreve, ao referir-se ao caso da mulher que estava atenta em sua conferência no MAM, e no motel foi logo pedindo para que a batesse:

– Fiquei meio paralisado. Aquela atitude desafiadora me fez mal. Afastei-me e voltei a beber...

– Me bate! Eu quero que você me bata! Na cara, com força!

– Pare com isso. Vamos embora...

Se naquele momento ele soubesse o que estas minhas leitoras descrevem, talvez entendesse o que esta mulher necessitava, e a sua noite naquele motel não teria acabado tão mal. Ao contrário, ele teria uma experiência rica e gratificante, para hoje saber transmitir a outros suas emoções. Encontrando uma masoquista-erótica não se assustaria. Saberria que,

na verdade, ela só precisava de “estímulos mais fortes” para alcançar o “seu Nirvana”.

Nestes relatos verídicos o leitor encontra a emoção e a alegria de quem vive na prática essas exóticas formas de relacionamento, que excitam e satisfazem. Como diz Patrícia: “Tudo depende de um bom entendimento entre os parceiros.”

## Masochismo masculino

Os sadomasoquistas sabem que a dor e a degradação não são as únicas formas necessárias para se alcançar o orgasmo. Podem perfeitamente se excitar sem um clima SME. Já se tem falado de homens que “pareciam normais” e foram descobertos como praticantes de sadomasoquismo. Isso prova que a prática do SME pode ser tratada como uma “variação” e não como um fetiche, isto é, como “única forma, imperiosa e necessária” de alguém se realizar. Com ou sem o objeto de seu desejo, podem alcançar um orgasmo gratificante. Porém, para quem tem mais oportunidade, a realização dessas “fantasias bizarras” pode trazer uma excitação maior e mais forte. Pode intensificar e abreviar o orgasmo feminino. Alongar o tempo de excitação masculina, ativando freneticamente o prazer.

Quanto à dor, também existem variações. Com o tempo alguns indivíduos podem aumentar a resistência, mas nas primeiras vezes, é sensível e temeroso ao ponto de querer fugir ou negar-se como masoquista-erótico. Ele desconhece seus limites e tem medo de enfrentar uma tentativa. Pode excitar-se muito, com certas fantasias criadas em sua mente, ou com cenas de filmes, ilustrações fortes, literaturas que narram episódios para ele excitantes. Mas quando faz alguma tentativa, recua assustado. Por isso, muitos preferem parceiros que os “obriguem” a realizar seus devaneios. Então, dispõe-se a cumprir as ordens de quem deve ter superioridade suficiente para mandar nele. Principalmente em relação à dor, isso é muito comum.

Quem se propõe a realizar as fantasias de um masoquista, deve saber que a dor tem que ser moderada e as situações de degradação e humilhação muito bem estudadas. Deve entender que isso faz parte, mas tem que ser “combinado”. Quando a “dose” é em demasia, pode atrapalhar um bom relacionamento.

Um estímulo (que normalmente seria insuportável) começa a causar dor durante o tempo de excitação (quando o prazer está sendo o objetivo), a consciência da dor diminui. Mas para que isso se torne gratificante, e possa chegar ao auge, é preciso não ultrapassar o limite de cada um, que

tem doses de endorfina (o analgésico natural produzido pelo cérebro) em maior ou menor quantidade.

Todos têm que saber quais os estímulos agradáveis e desagradáveis para o aumento da excitação, antes de partir para um relacionamento com outra pessoa. Precisa também de uma boa avaliação do parceiro e muito entendimento entre ambos. Não se deve arriscar nada.

Num relacionamento SME, há necessidade de apetrechos, não para um esquema bem-comportado, pois isso muito planejado pareceria meio teatral. Os acessórios específicos devem fazer parte de uma preliminar, mas é preciso ter muita criatividade para que não fique um tanto artificial. Isso destruiria toda a graça e o inesperado é mais gratificante. Se não tiver nada em mãos, deve-se improvisar. Meias, sutiãs, calcinhas, cintos, lenços e outras peças que estejam mais fáceis, muitas vezes são melhores que um ambiente todo arrumadinho, como se pertencesse a um cenário. Tem pessoas que gostam de planejar e organizar com antecedência. Outros preferem que as coisas aconteçam sem preparo.

Os homens (muito mais que as mulheres) têm fantasias em que seu “objeto fálico” é muito poderoso, possante, bonito. Com a finalidade de alcançar mais prazer, ficar mais tempo ereto, ou apenas para agradar a visão, inventaram adornos e enfeites para o pênis. Os povos da Antiguidade criaram uma série de apetrechos, e alguns chegaram até os dias de hoje. São usados cada vez mais, procurando sofisticá-los. Os *Sex Shops* distribuem catálogos com mostruários incríveis! Existem muitos tipos de anéis, forquilhas, prendedores (que mantêm a ereção por mais tempo).

Nessas lojas que vendem de tudo para o aumento do prazer, existem muitos modelos, verdadeiras criações de mentes surrealistas. Vou citar alguns, referentes à prática do SME, principalmente os chicotes, algemas e “arreios do diabo” (esse termo foi criado por mim, quando em um de meus artigos quis designar as peças que envolvem o pênis e o saco escrotal com a finalidade de prendê-lo fortemente, para aumentar o prazer ou sacrificar um homem, quando a dominadora leva-o com essa peça sob as vestes em lugares públicos. Ao escrever meu livro denominei a peça. Hoje quem escreve sobre SME emprega-o nos artigos).

A maioria dos masoquistas gosta de ter o membro preso, amarrado ou de alguma forma impedido de ficar ereto em toda sua plenitude. Isso é só um joguinho, pois quanto mais presos, mais se excitam. Tanto é que já se fazem “cintos de castidade” que permitem a cópula livremente. Funciona mais como simbolismo.

O “castigo” da palmada e da chinelada é uma arte. Bem ministradas dão prazer tanto a quem bate como a quem apanha. Deitar uma pessoa

de braços sobre as coxas, ou sobre a cama, curvada sobre um sofá, ou qualquer lugar onde as nádegas fiquem expostas e ir aplicando estímulos nessa região é simplesmente delirante! Com a massagem, observa-se a pele ir avermelhando, sinal que o prazer está aumentando. Mas a leveza, a ternura e a constância devem estar em cada golpe. Só assim consegue-se a vibração excitante, necessária para que ambos se completem (nunca esquecer que cada pessoa que leva os golpes tem limites diferentes). A palma da mão é a mais indicada, mas usar os chinelos, objetos como cabo de escova, colher de pau, ou outro utensílio qualquer... até o chicote é válido, dependendo do grau que a dor estimula o masoquista e da fantasia que ele tenha.

Principalmente o chicote constitui-se num símbolo que, dentro do ritual característico, não se pode deixar de lado. O chicote deve estar presente (ou alguma coisa que o substitua, como o cinto). Mas se a pessoa submissa não curte a dor como elemento de aumento ao prazer, não é um chicote em punho que vai impor excitação ao outro, ou superioridade a quem o usa. O importante é a maneira como se usa. É peça fundamental para aqueles que se excitam só em vê-lo. Mas é preciso cuidado para não machucar seriamente. Às vezes a voz autoritária, os gestos decisivos fazem o mesmo efeito. Nessa hora, o masoquista entrega-se ao parceiro.

Tem chicotes de couro cru (doem muito), os quase macios (ardem um pouco) e os de fios de seda (só para carinho). Recomendo o de meio-termo. É aconselhável ter algo dessa natureza, assim como uma cordinha macia, quando não se tem algemas. Mas é preciso saber amarrar. Ao dar umas três voltas em torno do pulso ou tornozelo, é recomendável passar a ponta por dentro dessas voltas, para segurar e garantir o conforto, sem comprometer a circulação sanguínea.

É preciso ter cuidado para não sufocar uma pessoa, ao introduzir algo em sua boca. Por isso, são fabricadas algumas mordanças especiais. Uma delas tem uma bolinha de borracha que se introduz na boca, prendendo-se com correias de couro. Existe uma peça de borracha (parece um freio de cavalo) com um tubo furado no meio para a respiração que se introduz na boca (pode-se administrar líquidos), com presilhas na nuca. As máscaras que cobrem todo o rosto são muito práticas, mas é preciso ter espaço ventilado para as narinas. Mordanças e outros meios de se impedir que o escravo-erótico fale, devem ser usadas com perfeito conhecimento e permissão de quem está se entregando para uma transa de SME. Uma das regras sagradas do sadomasoquismo é ter cuidado, diz-nos Alex Confort em seus livros. Nunca deixar alguém amarrado durante uma noite toda, principalmente com a boca amordaçada, ou impedido de manifestar algu-



ma coisa que porventura não estiver indo bem. Acontecem acidentes quando menos se espera e os descuidados pagam caro por isso.

Existem inúmeros sistemas de se usar peças especiais para um bom desempenho dentro do clima SME. Dei exemplo dos principais. Quem se interessar em saber mais, pode encontrar em catálogos de *Sex Shops*. O pioneiro a publicar catálogo e fazer propaganda em revistas brasileiras foi um alemão que os importava para distribuir via correio, e o negócio foi tão próspero que logo montou o maior e mais completo “bazar” dedicado ao ramo SME de S. Paulo. E o mais caro também, pois trabalhava só com peças importadas, de boa qualidade e visual excelente.

São Paulo está bem servido de casas trabalhando com artigos dessa natureza. Pelo que me consta, as grandes capitais brasileiras já têm boa quantidade de pessoas vendendo esses acessórios.

Todos os masoquistas gostam de usar peças especialmente feitas para essa finalidade, mas os homens são muito mais fantasiosos que as mulheres. Inventam, fabricam, procuram novidades, descobrem coisas extraordinárias!

Muitas pessoas não precisam delas para se excitarem. Qualquer imposição à atividade física ou emocional tende normalmente a aumentar o estado de excitação do masoquista. Adoram que a dominadora dê ordens impondo sua vontade, demonstrando superioridade e altivez. E a mulher que tem o instinto dominante, sente-se realizada com o poder que exerce sobre um masoquista. Em certas situações, pode flutuar de alegria por ver todas as ordens cumpridas e seus desejos satisfeitos. Mas ela tem que saber domar, forçar sem oprimir, obrigar sem grosseria, inspirar confiança na mão que conduz. Só então merece que um “servo” se ajoelhe, beije seus pés e se entregue. A força e a inteligência da Ama faz de um ser humano o objeto de seus prazeres.

Não esquecer nunca que nos sussurros excitantes de uma pessoa presa está o equilíbrio de quem domina. Saber interpretar os olhares insinuantes, expressões faciais, postura do corpo, murmúrios, enfim, toda linguagem indireta. Essa é uma arte de bom relacionamento. Às vezes, através de qualquer sinal destes, pode-se concluir até onde vai o limite do parceiro, onde o prazer grita mais alto ou a frustração se desenvolve. Principalmente a excitação é um sinal veemente.

Quem está no comando tem que ser carinhoso e possessivo, exigente e generoso, sagaz, bondoso e cruel. Tem que saber projetar luz e sombra. Não se deve impor, obrigar sem ter ainda tomado posse. Talvez seja isto que um homem não encontra num ambiente onde o profissionalismo é o ponto forte. O parceiro tem que ter o conceito de prazer e limite. Tem que

saber equilibrar-se e a avaliação para conseguir a posse do dominado é muito importante. Principalmente se a pessoa não curte a dor como prazer maior e sim a degradação mental, e isso pode ser detectado pelo tom de voz macia e atitudes humildes, durante uma conversa preliminar.

As formas de se tratar um M.E. (masoquista-erótico) tanto física como mentalmente devem ser reveladas nas minúcias de uma conversa franca e esclarecedora. Existem muitas maneiras de se descobrir ou sentir isso. Quando se fala com um masoquista pela primeira vez, a sensibilidade deve aflorar ao máximo. Aprendi muitas técnicas, criei e aperfeiçoei outras. Poucas obras que falam de amor e sexo trazem instruções de SME. No livro *Os Prazeres do Sexo*, Alex Comfort tem algumas formas usadas com a finalidade de satisfazer um temperamento SME. Essa obra foi meu “catecismo”. Nela encontrei muitas explicações e técnicas para se conseguir um bom relacionamento. O autor descreve todas as características de relacionamentos típicos de um conjunto SME, sem dar nome aos bois. Mas para um bom entendedor...

A palavra “sodomasoquismo” é considerada pejorativa. Assumir-se com essa predileção é pecar contra um conceito arraigado. Os praticantes dessas formas diferentes de fazer amor são criaturas incompreendidas! As formas exóticas de satisfação do seu erotismo, para os não-criativos, os que se contentam com o sexo tradicional (papai-mamãe), são motivo de críticas. Não aceitam com naturalidade e ainda os marginalizam.

Tentar alcançar a personalidade de um verdadeiro M.E. é complicado, mas quando se alcança as razões de tudo, entende-se o que faz com que a “vítima” forme o seu “carrasco”. Conhecendo-se, o M.E. impõe seus prazeres, com o direito de quem dita as regras de seu próprio jogo.

Muita infelicidade poderia ser evitada se as pessoas aceitassem o fato de que não somos todos iguais, principalmente nas predileções e fantasias sexuais. Ao saber que o outro quer variar um relacionamento, deve-se procurar ver nessa atitude apenas uma forma de enriquecimento do ato sexual. É necessário não dar conotação negativa a determinadas fantasias eróticas só porque se afastam dos padrões convencionais. Nem todas as práticas devem ser consideradas de natureza patológica. Variantes do sexo, utilizadas ocasionalmente, por curiosidade, ou desejo de variar, não devem ser consideradas como “desvio”. Ninguém deve se limitar ao óbvio, e, sim, procurar enriquecer a prática do prazer. A aquiescência do ato tem que ser espontânea, mutuamente apreciada e interessante para ambos. Tudo deve ser uma expressão da personalidade e não uma “obrigação”.

Por que condenar uma pessoa por ser diferente? Existe quem exterioriza seu masoquismo sem que ninguém saiba: o medo e a ansiedade

experimentadas por muitos praticantes de esportes perigosos, quem gosta de filmes e livros de terror, os brinquedos perigosos e “infernais” dos parques de diversão, jovens que praticam roleta russa por diversão, os “pegas” automobilísticos, as pessoas que se deixam humilhar e degradar por conveniência, e tudo que não seja por razões e prazer erótico. São masoquistas sociais. Encontram uma válvula de escape sem serem apontados como degenerados e depravados. Mas, na realidade, não diferem muito dos homens que procuram uma dominadora (mesmo profissional) que o “use e o submeta”.

O adulto que hoje assume seu prazer masoquista teve como ponte o estágio infantil que, de uma forma ou de outra, o excitou. Junto com a ansiedade e o medo natural (que fornece o desejo de vencer, precisando ultrapassar qualquer sensação para provar a si mesmo que é forte) vem o “treinamento” do suportável, que psicologicamente varia de pessoa para pessoa. A utilização e fabricação dos hormônios analgésicos, a massagem dos corpúsculos nervosos e a predisposição de tornar em prazer o que os demais consideram impraticável, são os segredos dos masoquistas.

A pessoa que vai dominá-lo precisa conhecer tudo isso, para ajudá-lo a alcançar o máximo de prazer. É ele quem define o tipo de “tratamento” pelo qual sente mais prazer. Aí entram todas as formas de fetichismo imaginárias e todas as fantasias que o excitam. Se o parceiro consegue satisfazer a contento os desejos e a confiança de um masoquista, este se entrega de corpo e alma a todas as sensações. Por mais exóticas que sejam, o masoquista anseia por desfrutá-las. Com a mente nublada pelo desejo forte que o abrasa, pode deixar-se dominar e ser usado das maneiras mais incríveis. Os M.E. são pessoas ajustadas, que sentem prazeres lúdicos com situações de dominação e degradação.

Quando sentem que estão ultrapassando seus limites ou não estão satisfazendo-o, quebram suas promessas e se refazem rapidamente. Mesmo um “contrato” assinado perde o valor se os meios empregados não o satisfizerem.

Só mesmo um doente mental ficaria sujeito a algo que não o agrada. Sacher Masoch, em seu livro *Vênus das Peles*, dá exemplo bem nítido disso, quando Séverim rompe os laços com Wanda, por esta ter mandado o Grego chicoteá-lo. Em sua frase “merece ser chicoteado quem se deixa chicotear” demonstra o quanto o indivíduo normal pode reagir aos desvarios. Uma pessoa equilibrada que não seja o masoquista com compulsão suicida, que não seja o desequilibrado mental, alienado, pode e deve pesar bem, antes de dar prosseguimento a um relacionamento que não o satisfaça eroticamente. Um contrato é apenas um pedaço de papel, como dizia o

Marquês de Sade: “São os homens quem fazem os contratos e não estes aos homens.”

## O prazer do masoquista erótico

Muitas pessoas perguntam como nasce o desejo de um indivíduo em práticas sexuais tão destoantes da maioria. Aqui estão alguns depoimentos de quem prefere relacionamentos incomuns.

“ Cotia, 15-6-94

Meu nome é Marcos, tenho 27 anos. Gostaria de te contar um pouco a meu respeito, para uma pequena dedução sua, de quem está escrevendo.

Nasci em 1967, com grande expectativa de meus pais, principalmente de meu pai, que sonhava com um menino. De acordo com relatos de minha mãe e de amigos, fui uma criança muito bonita e com inteligência acima da média.

No primeiro ano de escola, passei em segundo lugar em minha sala, com direito a medalha, mas percebi que algo atrapalhava, não na escola, mas em casa. Meu pai era policial naquela época, e muito severo, não admitia erros dos filhos (tenho uma irmã três anos mais velha), e seus castigos eram freqüentes e duros.

Diversas surras por traquinagens de criança me foram aplicadas, mas eu achava que era injusto e fiquei muito magoado até hoje. Acredito que ele tentou nos moldar na sua forma militar de pensar e errou, pois todos temos pensamentos próprios.

Em 1975 entrei no ginásio e o terror tomava conta de mim toda vez que ele entrava em casa; eu rezava para que nada estivesse fora do lugar ou quebrado, senão seria outra surra.

Depois de dois ou três anos resolvi fugir de casa, porque ele havia prometido me bater. Me encontraram perdido na cidade, chamaram minha família, tudo ficou bem e eu escapei. Após esse dia, melhorou uma boa parte do problema, mas não todo. Me tornei uma criança traumatizada pela violência gratuita e desnecessária de um homem ignorante quanto à educação de seus filhos.

Depois de 1980 nunca mais apanhei de ninguém, mas nessa época começava minha adolescência e descobri a sexualidade. Comprei uma revista. Nela havia uma fantástica reportagem sobre SME. Confesso que fiquei muito excitado, mas não entendi por que meu membro ficava rígido por olhar um rapazinho sendo castigado por uma mulher.

Fiquei confuso e com medo, porque na minha cabeça eu era anormal e horrível. As pessoas nunca poderiam saber. Eu nem sabia como poderia pedir para uma mulher me satisfazer. Eu era uma criança grande, com problema.

Depois disso, minha vida nunca mais foi a mesma. Dois anos mais tarde, abandonei os estudos e comecei a trabalhar. Tive minha primeira relação sexual com uma prostituta, na rua dos Andradas, na boca do lixo em São Paulo. Nem bem a penetrei, ejaculei. Um fracasso.

Em casa eu fazia tudo o que meu pai não gostava, não sei se por mágoa ou outra razão. Sem amigos e sem atenção de meus pais, busquei apoio na música. Comecei a ser roqueiro. Rebeldia, liberdade e protesto não poderiam ser melhor para um rapaz perdido, sem saber o que fazer.

Depois vieram drogas e álcool, e, uma personalidade triste e muito compenetrada. Todos estranhavam que uma criança tão esperta pudesse mudar tanto em tão pouco tempo. Não conseguia chegar perto de nenhuma mulher, porque não poderiam saber que eu me excitava com coisas estranhas. Falar para alguém, nem pensar.

Quando eu presenciava ou escutava uma criança sendo castigada, imediatamente eu tinha uma superereção, e quando isso acontecia eu pensava ser um louco, um maníaco sexual.

Ainda na escola, observava as professoras e os cintos que usavam. Quando chegava perto, meu coração saltava pela boca, de medo e desejo de experimentá-los. Observava também os pés das mulheres, sempre em busca de uma sandália de dedos à mostra toda em couro, baixa, ou um maravilhoso chinelo. Era meu sonho ser castigado por uma mulher daquelas. Com aquela idade, não associava ao sexo e nem sabia por que queria apanhar.

Em 1986 conheci uma moça com dezesseis anos e nos apaixonamos. Foi a primeira pessoa que gostei em toda minha vida e logo pensei em como contar para ela. Bem, uma pista aqui, outra ali e ela começou a entender o jogo e se tornou perfeita em minhas fantasias. Talvez quase perfeita, pois não gosto de dizer: ‘agora faça isso, ou está bom, agora aquilo’. Tem de ser espontâneo.

Bem, já estava ótimo pra mim e nos casamos em 1989. Não foi um erro o casamento, mas não sei por que eu fiquei entediado. Aumentaram meus problemas com o álcool. Nos separamos em 1992. Foi uma tragédia porque nós gostávamos um do outro, mas a família dela não gostava de mim e da minha música (tenho uma banda de *rock*) e ela me criticava por chegar tarde dos ensaios, embriagado.

Isso acabou comigo. Fiquei pensando nessa mulher. Jamais eu iria arrumar outra pessoa que me compreendesse e topasse fazer as coisas que

nós fazíamos. Ela era muito bonita e tinha pés bonitinhos. Eu a presenteei com muitos cintos de couro puro de diversas cores e modelos e mais de uma dúzia de chinelinhos, todos diferentes uns dos outros: atalhados, de pelúcia, de couro, de cetim. Todos provocavam dores e marcas maravilhosas em minhas pernas gordinhas e brancas.

Quando tudo acabou, voltei para casa de meus pais. Me chamavam de irresponsável e boêmio. Por quase um ano sofri, chorei e evitei muitas mulheres e envolvimento sérios. Transei com muitas garotas nesse período, mas nada comparado à minha maravilhosa Walquíria.

Andava e ando ainda nas ruas, ônibus e lojas olhando nas cinturas femininas e nos seus pés. Só fantasiando. Pareço um obcecado, só penso nisso, não consigo pensar em outra coisa.

Bem, Wilma, desculpe se te fiz ler toda essa ladainha, mas eu precisava falar com alguém tudo o que sinto. Espero sinceramente que você me responda, pois vai ser muito importante para mim. Por hoje é só. Um grande abraço,

Marco Aurélio – São Paulo.”

Essa criança castigada freqüente e duramente com os golpes de cinto, palmadas, chineladas foi se incitando, principalmente as nádegas. Com o estímulo intenso desses golpes, essa região ficou cada vez mais motivada a recebê-los, pois os nervinhos abundantes dessa região aumentaram a resistência. Essa área se transformou numa região erógena. Mentalmente o menino passou a desenvolver a “prática da espera” e se propor a não deixar doer, com isso o Ponto P só deixava passar a dor que a endorfina produzida pelo cérebro retivesse.

A sorte desse leitor foi ter conseguido o que muita gente passa a vida toda procurando: uma companheira que o aceitou com sua predileção e até cooperou para desenvolver esse erotismo tão diferente. Ao perdê-la, ficou pensando que não vai encontrar outra igual. Mas como a vida nos reserva surpresas inesperadas, quem sabe? Pode ser que a sorte bata duas vezes à sua porta!

“ Rio de Janeiro 2 de abril, de 1994

Rainha Wilma Azevedo

Quem lhe escreve é o Paulo (pseudônimo), um admirador que gostaria de pedir sua ajuda. Sou masoquista e adoro ser escravo de mulheres. Mas infelizmente até hoje não consegui encontrar qualquer parceira que

aceitasse este tipo de comportamento, então, qual foi minha escolha? Tenho que pagar profissionais do sexo para ser dominado, humilhado, xingado, espancado, chicoteado, sodomizado, etc. Só que esse tipo de relacionamento não é nada satisfatório, já que sei que a mulher faz estas coisas comigo somente por dinheiro e não por afetividade ou sentimento. Por isto lhe escrevo, Rainha. Gostaria de saber se a Senhora poderia me indicar algum tipo de publicação onde eu possa anunciar procurando uma parceira, ou mesmo se conhece alguma amiga dominadora que possa vir a ser minha Rainha. É claro que como todos que lhe escrevem, adoraria ser dominado pela Senhora, mas sei que não passa de um sonho, mesmo porque não deve haver tempo para atender a todos que lhe escrevem. Mas se a Senhora conhece alguma dominadora, por favor me indique. Sinto muita vontade de levar chineladas e palmadas na bunda, prazer que talvez tenha vindo da minha infância, quando tomei muitas surras desse tipo, por desrespeitar ou não cumprir o que determinava minha mãe. Sou um escravo branco, bonito, olhos e cabelos castanhos, 1,83 m, 90 kg, corpo atlético e com 16 cm de pênis. Sou escravo com belos dentes, às vezes sou obediente, outras malcriado. Preciso de boas chicotadas para aprender meu lugar. Teria muito gosto em ser sua empregada doméstica, seu cavalo de montaria, seu cachorro de madame e sua fêmea penetrada com consolo. Garanto que irá se divertir muito comigo. Para isso basta dizer como posso encontrá-la. Tenho disponibilidade para ir à SP nos próximos fins de semana. Minha dona, ordene que eu vá ao seu encontro. Estou pronto para varrer o seu chão, lavar suas roupas e beijar seus pés. Por favor, Rainha, imploro sua ajuda. Mando selo para resposta.

Seu capacho, Paulo.”

Habituei-me a receber as mais incríveis cartas, com pedidos variados e promessas comprometedoras. Homens cultos, do meio artístico, empresarial e político, sempre me fizeram a corte, pedindo e oferecendo presentes. Minha resposta é sempre NÃO. Astutamente, pedem que eu sirva de ponto de contato para relacionamentos com “amigas” minhas. Nunca me propus a cambiar esse tipo de conhecimento por uma simples razão: as mulheres sadomasoquistas não-profissionais que conheço já têm seus parceiros. Nunca encontrei ninguém que se propusesse a conhecer alguém do meio, para uma relação SME. Muitas profissionais querem amizade comigo, para que eu lhes indique “clientes”. Disfarçadamente arrancariam tudo que pudessem desses homens que não sabem medir a altura da dignidade de uma mulher. Não sou contra quem exerce essa “profissão”, mas não concordo com a venda de “serviços” dessa natureza.

Quem quiser que vá à luta. Tem muitos anúncios de homens procurando suas donas em revistas especializadas. Profissionais declaram suas especialidades, especificando suas “habilidades”. A necessidade dos homens em encontrar uma dominadora é muito grande. Aconselho um casal a ir desenvolvendo técnicas, quando um dos dois é sadomasoquista, até aprimorar-se num entendimento perfeito. Se ambos têm fantasias exóticas, melhor ainda. Se apenas um dos dois, acho bom primarem pela sinceridade e abertura de seus sonhos. Quem sabe o outro aceite e a felicidade se complete.

Muitos masoquistas põem anúncio descrevendo predileções exóticas. Para muitas mulheres pode soar como um perfeito besteirol. Eles vão com muita “sede ao pote”, depois reclamam que no Brasil não tem dominadoras, que as mulheres não respondem seus anúncios!

Tenho certeza de que muitas mulheres carentes, ao se apaixonarem por um homem, fazem tudo para agradá-lo. Aos pouquinhos eles conseguem fazer a mulher compreender que seus gostos podem ser diferentes, mas não são anormais. Principalmente ao anunciar, devem redigir textos menos explícitos. Eu mesma, quando passei a me interessar por anúncios, não respondia aos mais afoitos. Só com o tempo e depois de conhecer o que era o SME, compreender que nele existe equilíbrio e respeito, é que me aventurei a procurar conhecimentos pessoais dessa natureza. O primeiro masoquista com quem convivi por três anos foi encontrado através de um anúncio, e com ele tive uma vivência enriquecedora.

Juntos, participamos de relacionamentos sadomasoquistas no começo de minhas pesquisas. Por isso, hoje, não me baseio apenas nos depoimentos de cartas. Conheci alguns adeptos por curiosidade e por querer aprender mais. Depois que encontrei “Anton”, meu escravo austríaco, nos entendemos, nos apaixonamos e passamos a ter um entendimento maravilhoso, que durou oito anos.

Acredito que muita gente aprendeu com meus artigos, pois neles sempre foi retratada a realidade desse mundo diferente. Ao lançar este livro, quero deixar claro que o SME não é um ser “anormal” e “doente”. O masoquista precisa e gosta de estímulos fortes, tem ereções ao se imaginar “usado eroticamente” por uma mulher. Mas ela tem que saber desfrutar dos prazeres do comando e poder sobre a fragilidade de um homem que quando criança foi “treinado” para sentir tesão daquela forma.

Espero que muito em breve as mulheres aceitem esse tipo de excitação como um complemento do prazer e não como até hoje foi tratado por muitos: coisa de malucos. Através dos anúncios, vê-se que na prática de SME tem muito mais homens procurando parceiras que mulheres. Revistas especializadas trazem anúncios assim:



“ESCRAVO SUBMISSO – deseja conhecer rainhas que gostem de maltratar homens das mais diversas formas e que sejam sádicas, cruéis e perversas. Branco, peludo, higiênico, 29 anos, 1,69 m e 67 kg estará à disposição. Hércules, Rio de Janeiro.”

“SEU ESCRAVO BIZARRO – Para mulher que quiser ser minha dona, minha rainha, serei todo seu. Venha dominar-me, se merecer, esbofeteie-me. Se for relapso, xingue-me, humilhe-me. Se errar, cuspa na minha cara, estou à disposição para chupá-la inteira, a começar pelos pés. Venha me comer. Enfie seus dedos no meu cu. Goze, e, no final, urine em minha cara, mije em minha boca e garganta abaixo, seja você solteira ou casada. Sou branco, cabelos e olhos castanhos, 1,60, nível universitário, 27 anos, culto e discreto. Estudo proposta de casais. Se tiver outra fantasia, que não o SM(E), escreva assim mesmo. Cartas com foto-fone terão prioridade. Henrique, São Paulo.”

“ESCRAVO DESAFIA – Quero saber se existe rainha que seja sádica, cruel e perversa o suficiente para domar e adestrar um réles servo como eu. Será que tem? Quero saber também de suas taras e desejos, pois pretendo realizá-los. Peça cartas detalhadas. L, São Paulo.”

Tenho certeza que se fossem menos demonstrativos, iriam dar se melhor. As mulheres não estão AINDA suficientemente esclarecidas para entender que isso é coisa de pessoa criativa e fantasiosa. Realizar essas “proezas” é muito mais fácil e divertido do que elas imaginam.

O fato de os homens desejarem submissão erótica mais que as mulheres parece, à primeira vista, sem lógica, pois são os homens que em toda a história dominaram nos lares, na sociedade, na política. Eles são educados e treinados para lutar e vencer em todas as áreas. Talvez por isso, entre quatro paredes, desejem o contrário. Isso ocorre principalmente com homens bem-sucedidos na vida.

No início de minhas experiências conheci um correspondente que foi para o Rio preparar sua participação numa Feira do Rio-Centro. Telefonou-me dizendo que gostaria de me conhecer. Propus-me acompanhá-lo até o pavilhão onde estava montando o boxe de exposição. Disposta a não perder a oportunidade de testar sua submissão, ordenei-lhe que fosse me apanhar, já preparado, isto é: com calcinhas, cinta-ligas e meias de *nylon*. Quando entrei em seu carro, mostrou-me as peças femininas sob a calça.

Fomos conversando normalmente e, ao chegar, ele providenciou uma mesinha, cadeiras e uma bebidinha gelada, para que eu ficasse observando, enquanto direcionava onde seriam colocadas as grandes peças. Motores de barcos da sua indústria eram levantados por guindastes e

vários homens musculosos e experientes estavam à sua disposição. Olhava-o dando ordens, para que depositassem ali ou acolá, virassem nessa ou naquela posição, mais para cá, mais para lá. Sob seu comando, aqueles homens acatavam suas ordens sem vacilar. Nem parecia o mesmo que obedientemente, minutos atrás, descera a calça para mostrar as peças íntimas femininas. Comecei a admirar seu comando e poder entre seus funcionários. Ele gritava ordens, determinava posições, enfim, dirigia tudo. Abaixava, levantava, subia, descia. Foi então que uma idéia cômica me veio à cabeça. Imaginei a calça dele rasgando. Se isso acontecesse, a cara de espanto e depois a gozação seriam inevitáveis, quando os ajudantes vissem que o homem forte, prepotente e poderoso usava roupinhas de mulher, cheias de rendinhas e laços, meias e cinta-ligas. Ficaria ridicularizado se descobrissem que era um masoquista, sob **meu** comando.

Os homens têm por natureza uma agressividade maior que as mulheres. Porém não pode ser esquecido que tanto um como outro têm hormônios do sexo oposto, na relação de 10%. Os hormônios masculinos das mulheres são usados para enfrentar o dia-a-dia no pequeno mundo onde podem ser dominantes: no lar ou na profissão. Poucas usam para o sexo.

Já muitos homens sentem necessidade de aflorar o elemento feminino através de brincos nas orelhas, cabelos longos soltos ou presos em rabos-de-cavalo, uso de roupas unissex, exageradamente coloridas, cuecas de seda, etc. Principalmente no carnaval, se assumem. No íntimo, devem ter inveja das possibilidades enormes que as mulheres têm no uso de roupas e apetrechos mais vistosos e adornos mais chamativos. No reino animal, geralmente é o macho provido de mais beleza que a fêmea. Os humanos com menos possibilidades de agirem normalmente foram trazendo para a moda masculina certas características que eram estritamente femininas. Muitos vão além. Deixam aflorar seu lado feminino, não reprimem a necessidade de serem dominados pela mulher. Passivamente se entregam e masoquistamente satisfazem suas fantasias. Especialmente os de classe média a alta, acostumados a mandar e exigir. São “senhores” em altos postos profissionais e financeiros, comandando tudo e todos. Seus empregados são tratados com rigor. Mas como alguns precisam satisfazer seu lado feminino de submissão, usam o erotismo como uma válvula de escape para seus anseios.

No Brasil, muitos já assumiram e tomaram coragem para expor suas predileções. Modéstia à parte, mas sei que isso se devem grande parte ao meu trabalho de desmistificação do SME em revistas que trabalhei nestes 16 anos. Mas as mulheres estão a cem anos-luz atrasadas nessa objetividade masculina. Em outros países, como Inglaterra, Alemanha, EUA, um

número enorme de homens anunciam procurando mulheres dominadoras. Na Alemanha, em cada cidade grande existem de dois a cinco estabelecimentos muito bem montados para atender essa procura. Bem mobiliados e com instrumentos incríveis de imobilização e “tortura”.

Homens e mulheres dominadoras são raros. Parceiras femininas são muito mais difíceis, pois elas não descobriram ainda que o SME é uma necessidade do físico e da libido de muitos homens, e que isso tudo que fantasiam não são apenas “maluquices”.

Por outro lado, algumas mulheres aproveitam sua pequena parcela de hormônio masculino e orgulhosas, vitoriosas, dominam e humilham seus homens. Tudo bem, contanto que seja durante o jogo sexual. Muitas procuram se vingar inconscientemente da dominação masculina, que ocorre normalmente nos casamentos, na profissão, na sociedade. É absolutamente possível uma relação harmônica entre “machões” masoquistas e “meigas” mulheres dominadoras!

Existem três situações definidas para se praticar esse jogo erótico:

1- Sadomasoquista x Sadomasoquista: quando um sadomasoquista (aquele que curte dominar e ser dominado) encontra outro sadomasoquista, deve ser definida uma posição de comando a cada período do relacionamento. É contraproducente passarem de uma posição à outra, isto é, de dominado a dominador, num mesmo dia de relacionamento. Um sádico que estava curtindo o prazer de dominar e comandar, não deve transformar-se no masoquista logo após o ato. Isso conturba sua psiquê. Deve inverter os papéis com no mínimo um dia de intervalo.

2- Masoquista x Dominador: masoquista pode definir sua posição e “respeitar” o sádico que, por sua vez, firmar-se-á ainda mais. Esse é o ideal. Quando uma pessoa como eu, que sou apenas dominadora e não me excito nem um pouquinho como “escrava”, me posiciono como a parte mais forte dos dois, vivo a fantasia como uma realidade dentro desse contexto. É perigoso um querer inverter a posição e o outro aceitar só para agradar o parceiro. Chega a ser frustrante.

3- Dominador x Masoquista: o dominador tem plenos poderes num clima SME, ou se estiverem sob contrato, usufruir de todas as cláusulas e direitos que sua posição permite. Aí a fantasia será o mais possível aproximada da realidade, pois um está à disposição do outro, entrelaçando os interesses de prazer e satisfação.

Quando um homem e uma mulher se encontram, têm afinidades e os mesmos métodos para obtenção dos prazeres sexuais, tudo pode ser usufruído sem medo ou vergonha. O amor ajuda muito a um aceitar o outro como é. Os não-praticantes de SM, antes de julgar e condenar um casal

que gosta desta ou daquela forma de relação, têm que procurar saber as causas que os levaram a isso. É bem mais fácil compreender um sadomasoquista, o difícil é entender a razão por que Deus criou cada ser humano tão diferente. Se o polegar foi marcado individualmente, quem garante que, sobre o sexo, não seja a mesma coisa?

## Tire proveito das fantasias sexuais dele

Muitos homens negam, mas eles têm fantasias sexuais onde sua força, sua astúcia, seu poder, sua importância, sua aparente atitude de mandão, enfim, sua “superioridade” seja vencida, a vontade não conte, os desejos secretos sejam atiçados, as fantasias mais bizarras atendidas, entendidas e realizadas.

Uma mulher não precisa ser belíssima, muito culta ou inteligentíssima para atrair um homem e tornar-se irresistível. Se ela for sensível, mas enérgica, ativa, delicadamente possessiva, que saiba o que quer na cama e entenda das “artes sexuais”, pode transformar o mais inatingível dos homens no mais dócil, interessado e dedicado companheiro. Juntos, desfrutarão momentos de completa realização e felicidade.

Cada pessoa tem sua maneira própria de sentir tesão e se satisfazer. Muitos fantasiam formas criativas, diferentes e até satíricas. É preciso compreender, ou pelo menos aceitar, as variantes. Muitas vezes, podem parecer exóticas e diferentes de tudo que se tenha imaginado, porém, se depender da realização desses sonhos para se completarem, por que não tentar?

Muitas mulheres se horrorizam, acham ridículo, se preocupando se “aquilo” é “normal”, se o parceiro é um “pervertido”. O comportamento em sociedade e na convivência diária determina o conhecimento quando a pessoa é má ou psicologicamente afetada. Por isso, a mulher não deve ficar amedrontada só porque o marido pede que pratique alguns atos sensuais e diferentes. Não prejudicando nem física nem psicologicamente, ela deve deixar essa preocupação para as esposas que têm homens problemáticos na convivência, ou fora das quatro paredes do quarto.

Realmente existem alguns desvios da natureza que podem fazer uma pessoa diferente das outras. Mas isso geralmente é detectado pelas pessoas que vivem próximas. Se for um indivíduo bem equilibrado socialmente em todos os sentidos, é melhor extravasar toda energia acumulada. Desde que isso não agrida a ética e não ultrapasse limites. Quem não se satisfaz com o “papai-mamãe”, cria método e forma individual, procurando o cli-

ma orgásmico para se satisfazer. As variações, como “brincadeiras excitantes”, podem lhes proporcionar completa realização.

Muitas mulheres desdenham e recriminam quando o marido demonstra seus desejos. Antes da recusa, é melhor estudar as variantes e seus efeitos. Não acusar, levando para o campo da “anormalidade”, é um bom princípio. Pelo menos uma vez deve-se tentar. Pode ser que as fantasias dele acabem agradando.

As pessoas têm que saber distinguir as brincadeiras eróticas boas, gratificantes, emocionalmente equilibradas, ajustadas, normais. São apenas jogos sexuais que desafiam a capacidade criativa. Nem sempre, ou melhor, raríssimas excessões são casos complicados que necessitam de uma ajuda psicológica.

Quando o indivíduo não se despoja dos sentimentos reais e emocionais dentro dos limites do meio em que vive, as brincadeiras eróticas se transformam num gostoso ritual do amor e do prazer. Muitos casais passaram a viver melhor depois que tiveram coragem de assumir suas tendências sem vergonhas nem complexos. Se o parceiro for uma pessoa compreensiva, na certa prefere que o outro seja o mais natural possível e se revele totalmente nesse sentido. Com a abertura entre as pessoas, muitas dúvidas podem ser esclarecidas e problemas evitados. As realizações de comum acordo podem trazer mais afetividade e união.

Quem deseja conservar o parceiro, basta fazê-lo totalmente feliz e realizado na cama. A mulher que “sabe das coisas” deve, antes de tudo, procurar descobrir qual a fantasia sexual que fica guardada no subconsciente. As primeiras imagens ligadas ao sexo vão determinar seu comportamento para o resto da vida. Esse segredo só será revelado a alguém de muita confiança, alguém que ele tenha certeza que vai levar a sério, muito a sério, sua preferência, seus sonhos e desejos. Alguém que não vai encará-la como uma maluca ou pervertida e, sim, como uma pessoa criativa e até engraçada, mas nunca uma “anormal”.

O homem não está interessado em se comprometer, revelando seus mistérios, quando sente que não será bem-interpretado e compreendido. Para ficar “à vontade” tem que sentir interesse verdadeiro, espontâneo, autêntico. Quando o outro se mostrar pronto para revelar alguma confiança, mostre-se aberta, competitiva, compreensiva e até disponha-se a cooperar. Tudo fica mais interessante quando o outro consegue tirar proveito e vantagens. O mais importante é deixar o coração determinar como fazer perante situações que fogem ao nosso entendimento.

Muitas mulheres com maridos pedólatras nunca deixam eles tocarem seus pés. Têm cócegas ou entendem que essa não deve ser a forma

inicial de um ato sexual. A zona erógena da sola do pé comanda o canal de energia sexual. Essa área sensível pode se transformar em prazer.

A mulher deve ter capacidade para lidar com homens que procuram demonstrar e aparentar indiferença. Muitas vezes não se abrem, quando não sentem reciprocidade na companheira. Se constroem, mas não sossegam. Não raro, vão em busca de outras mulheres que realizem seus desejos. É por isso que a mulher deve procurar tornar-se amiga e companheira, conquistando a confiança dele, e não apenas satisfazendo-o “pela metade”. Não recuse acompanhá-lo em seus vãos imaginários. Deixe seu coração arrebatado correndo junto com os sonhos dele.

Uma mulher aparentemente frágil e insignificante pode transformar-se na mais cobiçada e querida amada-amante.

Existem muitas formas de entrar no “clima” das brincadeiras consideradas “esquisitas”. Se notar que o marido se atrai por roupas íntimas femininas, por que não incentivá-lo a vestir alguma peça? Isso não denigre a sua virilidade. Só porque acha bonita e atraente uma camisola de *lingerie*, não quer dizer que deseje vesti-la por homossexualidade ou com o intuito de travestismo. Muitas vezes quer usar roupas finas e bonitas para experimentar o conforto, a beleza, a maciez. Se no carnaval gosta de vestir-se de mulher, por que não continuar entre quatro paredes em qualquer época do ano? Mesmo que você ache ridículo, não se deprima. Pode ser bizarro, mas nem por isso “anormal”. Muitas vezes, tentando ser gentil e agradável ao ceder à fantasia do outro, descobre-se que o exótico pode nos elevar às alturas, e proporcionar-nos satisfação completa.

Mulheres têm fantasias tanto quanto os homens, mas são muito inseguras. Muitas ficam à espera que o homem descubra suas preferências. Se fossem mais soltas e livres, se dariam melhor. Em vez de ficar pacificamente aguardando, devem ir atrás de novas descobertas.

Numa conversa descontraída, franca e maliciosa, deliciosamente dissimulada, podemos chegar ao ego do parceiro num clima de amizade e interesse real. Quando você conseguir a confiança de seu marido, verá o quanto ele se torna mais afetivo e carinhoso. Alcançando seus sonhos, com certeza se divertirão muito...

Dentre as variantes que podem transformar um ato sexual insípido e repetitivo, estão algumas que, bem desenvolvidas, só podem gratificar. Existem criações fantásticas!

A pedolatria envaidece muito a mulher. Os adoradores de pés são cavalheiros, românticos, gentis, elevando a parceira a um pedestal, como uma deusa ou uma rainha. Um ritual de pedolatria é muito excitante. Os pedólatras adoram a servidão e a veneração. São dóceis, fazendo o relacio-

namento tornar-se sofisticado. Passar a língua entre os dedinhos delicados, na sola macia, ou no peito do pé, é tudo que desejam para satisfazer suas vontades. Às vezes precisam também do cheiro e do sabor de um pé suado ao natural. Outros são fetichistas, com predileção por determinado tipo de calçado. Varia entre botas, sandálias de saltos altos e até sapatilhas de balé.

A imobilização é a arte não violenta de se prender alguém. Dessa forma você pode praticar o que quiser com ele. Realize suas vontades mais secretas, sem que possa se rebelar, sem poder recusar-se ou fazer qualquer movimento para impedir. Porém, não se deve usar essa prática sem inteiro conhecimento de como lidar com os apetrechos. O “prisioneiro” nunca deve ficar em situação de não poder indicar se algo errado estiver acontecendo. Qualquer mordaca ou nó deve desatar-se facilmente.

Uma pessoa imobilizada pode ser manuseada pelo tempo que se queira, podendo interromper o clima orgásmico quantas vezes se desejar. Quando se interrompe uma felação ou cunilingus, é um verdadeiro castigo! Lembre-se: logo após o orgasmo, o parceiro quer ser desatado...

Nos “tormentos deliciosos” é possível usar métodos realmente criativos até atingir o limite de dor. Não abuse ultrapassando, se a pessoa não quiser. Qualquer tipo de crueldade e grosseria pode estragar um bom relacionamento. Quando se provoca a dor acima da sensibilidade do outro, não se causa prazer. Ao contrário, inibe-o. A dor pode ser até simbólica através de “castigos” suaves, com chicotes de couro macio. Uma brincadeira dessa natureza nunca pode ser dolorosa ou perigosa. Queimaduras e hematomas são descuidos ou desconhecimento do que é o erotismo do prazer e dor.

Existem homens de personalidade dócil, generosa e passiva. Gostam que a mulher usufrua de seus dotes sexuais, mas também de seus préstimos. Seu prazer maior é saber que desempenha bem qualquer tipo de tarefa que lhe for ordenada. Quando o homem é muito prestativo como ajudante diário, quem garante que não esteja servindo com o intuito de satisfazer seus desejos mais íntimos? Embora não confessem, muitos gostariam de ajudar como uma obrigação de “escravo” e se excitam com isso. Imagine se vestisse apenas um aventalzinho, com o membro e a bunda à disposição para carícias e leves tapas! Você pode aproveitar a “disponibilidade” para usá-lo como massagista ou seu pagem. Aí depende da imaginação de cada um...

Quando ele deseja ser domado como um leão feroz, ou sonha em ser cavalgado, ou ser tratado como um cãozinho de luxo, ou um filhinho mimado, a mulher pode atendê-lo. Banhá-lo dando atenção à região genital, talqueá-lo, massageá-lo. É bom cada mulher criar suas próprias maneiras.

Enfim, cada predileção das diversas parafilias pode ser compartilhada sem traumas nem dramas. Se ele notar que a parceira está a fim de participar com satisfação (por mais estapafúrdio que pareça) ao ir confessando seus “pecados mais secretos”, vai livrando-se dos temores, torna-se amigo e confidente, desde que a sua cumplicidade não seja apenas um engodo para ficar íntima, por curiosidade ou brincadeira.

Muitas mulheres pensam em agarrar seu homem pelo estômago. Mas eles preferem ser “agarrados” pelo sexo. Então por que não tirar proveito em prol de seu próprio prazer?

## Fantasy Club

Em 1985, ao sentir a necessidade de unir os brasileiros SadoMasoquistasEróticos através de correspondência para troca de informações e amizade, planejei montar uma sociedade para agrupamento de interesses mútuos. Amigos com os quais pretendia formar uma equipe ajudaram a escolher o sugestivo nome de Fantasy Club. Vimos publicado num jornal americano. Escrevi para todos os correspondentes, avisando que seria cobrada uma pequena taxa para as despesas, com direito a cada um receber um jornalzinho editado por mim, onde poderiam participar da forma como desejassem: recados, idéias, contos e informações diversas. Na primeira semana, já recebera quase uma centena de cheques dos interessados.

Não havia descontado nenhum ainda, quando uma tarde Cosam me ligou insistindo para que eu fosse conhecer dois amigos seus. Um era masoquista que sonhava em ser meu escravo, o outro era Senhor e tinha sua esposa num regime de escravidão erótica. Ele, Cosam, estava desejando fazer um relacionamento com o casal. Mas queria primeiro apresentar-me a eles. Ele vivia procurando razões para ficar em contato comigo, achei que era uma boa desculpa para que me visse pessoalmente, já que há algum tempo tínhamos nos separado depois de um relacionamento que durara quase três anos. Desejando que me deixasse em paz, resolvi atendê-lo, com a intenção que conhecesse outras pessoas, fosse “escravizar” ou ser “escravo” de mulheres por aí, e me esquecesse, pois sua “paixão” me incomodava. Assim, pedi que marcasse uma reunião com o pessoal.

Quando cheguei no restaurante, apenas um homem bonitão, com uma pinta no rosto, me esperava ao lado de Cosam. Era o “Senhor”, sua esposa masoquista não viera. Conversamos um pouco e ele insitiu para acompanhá-lo até seu apartamento onde estavam se reunindo alguns ami-



gos “do meio SM”. Sem temer nada, lá fui eu confiante, em seu carro, enquanto Cosam seguia no seu próprio veículo. Meu Passat ficaria estacionado na Cinelândia.

Ao chegar num prédio de uma rua na Lapa, uma mulher de meia-idade abriu-nos a porta. Ele a beijou carinhosamente na testa, apresentando:

– Esta é Darcy, minha esposa-escrava...

– Que bom conhecê-la, Darcy – respondi satisfeita. Entrei e ao observar a decoração da saleta, comentei:

– Pôxa! Vocês são muito corajosos. Eu não tenho nada exposto. Os chicotes, e demais apetrechos, são guardados. Não decoro minha sala dessa forma. E se alguma visita curiosa perguntar por que isso tudo?

– Nós sempre falamos que fazemos coleção de chicotes e outros apetrechos de montaria, pois adoramos cavalgar...

– Têm filhos?

– Só um rapaz de dezessete anos.

Sentados ao redor de uma mesa redonda na pequena saleta, estavam dois homens, muito elegantes, que “sentiram muito prazer em conhecer-me”. Sentei-me descontraída, e logo Cosam demonstrou interesse que eles conhecessem pessoas de nível, como um amigo que eu tinha em S. Paulo. Cosam já estivera comigo nos dois luxuosos apartamentos no edifício Copam de propriedade de um comerciante que se dispunha a me ajudar na formação do Fantasy Club. Os dois homens, que deram apenas seus pseudônimos, pouco falavam, mas também se mostraram interessadíssimos em ajudar e dar continuidade a um trabalho de equipe, para o agrupamento de todos os sadomasoquistas do Brasil. Cosam fez uma ligação para o escritório de meu amigo em S. Paulo, mas ele não estava. Ligou sem pensar que o número do outro viria anotado na conta do telefone no final do mês e isso abriria o anonimato do comerciante que na certa, se soubesse, não autorizaria. Entusiasmada, na hora eu mesma nem pensei nisso. Cosam, que adorava conversar sobre SME, falou muito, mas teve que se retirar logo, pois sua obrigação marital o chamava.

Fiquei à mercê da curiosidade dos três homens que faziam muitas perguntas, e os ouvidos atentos da mulher. Falei muito da minha vida pessoal, as razões que me haviam levado a escrever sobre SME, fazendo questão de enfatizar toda hora: seria uma sádica, como descrevera Sade em suas obras. Naquele tempo eu não sabia ainda as diferenças entre S.M., S.P. e S.E.; mesmo assim, fiz questão de contar que os “joguinhos” de dominação e poder no erotismo, ser a dominadora na cama, me atraíam.

Em dado momento, tocaram a campainha. Um rapaz moreno, que me pareceu ter bem mais de vinte e cinco anos e não dezessete como

havam dito, entrou e me foi apresentado como o filho deles. O rapaz mexeu num armário e se retirou amavelmente. Mal sabia que ali estava um gravador possante, registrando toda conversa...

Mostrando as fotos que tinha em meu poder e falando tudo a meu respeito, não omiti nada, pois nada tinha ou tenho a esconder. Nunca cometi algum delito que possa ferir alguma lei ou código de honra.

Falei de minhas dificuldades profissionais numa cidade grande, para onde tinha me mudado vinda de uma cidade do interior, com um marido emeplégico e dois filhos pequenos para criar. Falei das crises de desemprego e que tinha optado por escrever sobre SME por sentir necessidade de alguém aqui no Brasil falar sobre esse tema, tabu na época. Conversei distraidamente, confiantemente. Perguntaram quantos escravos eu tinha. Fui sincera. Disse que vivia muito bem com um rapaz que não gostava de SME, e por isso me afastara de todo relacionamento dessa natureza. Que estava feliz assim e que não pretendia praticar mais o SME e sim escrever sobre ele e formar o Fantasy Club, para que meus leitores se intercambiassem.

Alguém perguntou se estava recebendo muito dinheiro das adesões dos sócios. Sem entender a razão dessa pergunta, disse que naquela altura já tinha mais de cem inscritos, e que logo daria continuidade aos planos do Fantasy. Conversamos por quase duas horas, sem eu entender por que queriam saber tanto sobre tudo... Pareceu-me que o maior interesse deles era promover reuniões onde todo pessoal se encontrasse e nós déssemos demonstrações das curtições de cada um. Falaram ter contato com o dono do Clube Ele e Ela da Barra da Tijuca. Seria fácil arranjar uma noite para dedicar inteiramente ao SM. Queriam que eu convidasse todos os meus “escravos” e que, na tal noite, eu demonstrasse o que fazia com eles... Como não sou dada a demonstrações em público, e não tendo “escravo” nenhum a convidar, não me interessei pelo assunto.

Quando resolvi ir embora, o marido de Darcy, que se manteve o tempo todo quase calada, se propôs a me dar uma carona até a Rua das Marrecas, onde estava meu carro. Durante o percurso, disse:

– Engraçado, Wilma, você já reparou que os nomes das pessoas são de acordo com suas personalidades? Eu sou uma pessoa muito ligada a sexo. Vê? Meu nome é Eros. Na mitologia grega, ele era o Deus do amor, do erotismo. Eu sou assim... tudo que se refere ao sexo me interessa. A Darcy significa dar-a-si. E ela é masoquista, vive dando-se a alguém. Você é Wilma Vil e Má. E é sádica. Vê? Não é muito interessante?

– Mas eu não sou sádica. Sou Dominadora, é diferente. E meu nome não é Wilma, ele é pseudônimo. Eu criei Wilma, como crio alguns personagens de meus contos...

A conversa foi esquentando, e entusiasmada contei meu nome verdadeiro. Ao chegarmos, ele gentilmente fez questão de descer, abrir-me a porta. Perguntou se desejava que me seguisse com seu carro até perto de minha casa, pois era um pouco tarde. Agradei, dizendo que nada iria acontecer, que não tinha medo algum, pois morava perto. Esperou que entrasse e desse partida.

Em dado momento, tive a impressão que me escoltava. Mas na Av. Presidente Vargas, se distanciou. Fiquei tranqüila e distraída, fui rememorando nossas conversas. Deve ter-me seguido mas me perdeu de vista assim que entrei na ruazinha onde morava, um beco escondidinho do condomínio Santa Genoveva, na rua Três de Janeiro entre a Av. D. Pedro e Rua S. Cristóvão. Muitos cariocas, taxistas e moradores dos arredores desconhecem essa rua.

Dois dias depois, uma moça me ligou se dizendo minha fã. Ofereceu-se para me servir, já que era masoquista e se excitara muito com meus contos sobre os relacionamentos com Karina. A primeira coisa que perguntei foi quem lhe dera o número de meu telefone. Disse que não diria ainda, mas um dia eu iria saber. Insisti, mas ela continuou com a conversa sobre servir-me e ser vendida a um Mestre como Cesar (o amigo-personagem, que me dera Karina). Disse que ele viajara. Ela respondeu que com certeza eu tinha outro amigo, que gostaria de adquiri-la. Que me serviria numa tarde qualquer, para eu sentir seu desempenho e já começar a avaliá-la. Eu disse que não pretendia ter outra escrava, pois não era homossexual e que o “relacionamento” com Karina fora por mera curiosidade e para poder compor um personagem de contos.

Pedi que eu marcasse um encontro para nos conhecermos. Sua fantasia maior era ser vendida como uma escrava-sexual a alguém. Disse-lhe que eu fazia tudo simbolicamente e que seria difícil satisfazer sua fantasia de **compra e venda**. Ela insistiu, dizendo que seu maior desejo era ser **negociada**, onde um homem avaliasse seus dotes e **pagasse** para obtê-la. Disse que eu poderia **vendê-la** e ficar com o dinheiro.

Estranhando aquela conversa, fui logo dizendo que não tinha interesse algum em fazer isso. Ela insistiu para marcarmos um encontro. No outro dia, fui até o Mezanino da Mesbla, onde já me aguardava. Era relativamente jovem, gordinha, baixinha, cabelos pretos encaracolados até os ombros. De saia e blusa, saltos altos, parecia uma secretária executiva. Nos apresentamos e iniciamos uma longa conversa onde eu narrei, de coração aberto, tudo a meu respeito. Disse que assim que deixara Cosam, conhecera um rapaz, mais jovem que eu. Estávamos vivendo juntos há quase três anos. Como ele não era dado a nada referente a sadomasoquismo, eu havia corta-

do os relacionamentos com todos do meio SME. Não conhecia ninguém, a não ser um homem de S. Paulo, que me emprestara seu apartamento todo decorado em estilo SM, para ser fotografada com uma modelo como “escrava”. Como ele gostava de relacionamentos onde uma mulher o servisse, falaria com ele e se fosse do seu interesse, poderia tentar realizar sua fantasia de ser vendida, mas o dinheiro teria que ser simbólico.

Parece que não gostou muito do homem morar em S. Paulo, alegando a dificuldade em viajar até lá. Queria alguém do Rio. Nem me lembrei de Eros, ou Cosam, que poderiam se interessar em “adquiri-la”. No fundo, pretendia encerrar aquele assunto e nunca tentar realizar sua fantasia, com aquela história boba de “compra e venda” reais. Falei de meu amigo de S. Paulo para dificultar qualquer contato. Se ele se interessasse em conhecê-la, que entrasse em entendimento direto com ela, pois não tinha cabimento algum, eu **vendê-la**, pois não me interessava ter lucro algum com isso. Graças a Deus, meus pais me deram uma boa formação e nunca tive a índole de fazer fortuna “seja como for”, sem me inportar com os meios para obtê-la.

Ela insistia para que fosse tudo muito real, com dinheiro vivo, num toma lá, dá cá, para que se sentisse mesmo **vendida**. Eu disse que falaria com ele, mas não queria grana alguma.

Fiquei de ligar para meu amigo e dar-lhe a resposta. Que me telefonasse dali a três dias. No outro dia, às sete horas da manhã, acordei com o toque do telefone. Estranhando a hora, atendi sonolenta, um pouco zozna. Um homem com voz meio rouca disse:

– Quero falar com a Wilma.

– É ela mesma...

– Olha aqui Wilma, você anda escrevendo numa revista aí que é sádica, gosta de torturar os homens...Quando eu pegar você, vou torturar até morrer e depois jogar você no Mangue. Já sei seu nome, preciso só descobrir onde mora...

Pensando tratar-se de brincadeira de algum amigo que acordara a fim de me passar um trote, respondi:

– Ah! É? Pois pegue a caneta que vou ditar meu endereço...

A voz, com raiva e grosseria quase gritou:

– O quê? Vai dar seu endereço? Dê então. Dê se for CAPAZ. Amanhã mesmo vai aparecer com a boca cheia de formigas por aí...

Percebendo que não era brincadeira, sentei-me melhor na cama e perguntei quase sem acreditar no que ouvira:

– Quem é você? Primeiro preciso saber com quem estou falando...

Silêncio.

Desligaram.

Não consegui dormir mais. Minha cabeça deu uma volta. Aquilo era uma ameaça de **morte**. E não era brincadeira!

Na hora, liguei para uma amiga, advogada. Sentindo a gravidade do caso, foi diretamente em minha casa. Pessoalmente, ao ouvir todo o relato, se propôs a contatar um amigo seu, ex-integrante do S.N.I. O homem veio para minha casa imediatamente. Conversamos muito e chegamos à conclusão que aquela moça que tinha se oferecido para ser minha “escrava”, tinha alguma coisa a ver com aquilo. Comecei a telefonar a todos os amigos contando o que se passava. Dizia que marcaria um encontro com a moça. De longe, alguém iria fotografar-nos. Então, o ex-integrante do S.N.I., que agora era delegado, chegaria exigindo os documentos e iria obrigá-la a dizer quem estava por detrás dela, onde tinha conseguido meu telefone, etc. Quando liguei para o Eros, contando o que se passava, ele ficou muito surpreso e se ofereceu para ir também, ficando por perto... Disse que voltaria a ligar para ele.

Pouco depois, uma voz estranha me chamou pelo nome ao telefone. Se identificou como esposa do Eros. Disse que descobrira que o marido tinha uma amante. Estavam se divorciando. Que o irmão dele era detetive particular, mas como era a favor da cunhada, estava tentando ver se pegava Eros em flagrante. Sabendo que Eros gostava de sadomasoquismo, o irmão tinha contratado uma “mulher de casa de massagem” para se oferecer a mim como escrava, querendo que eu a **vendesse** a um homem. Na certa, como eu havia acabado de conhecer Eros, ajeitaria tudo com ele. Quando estivesse **vendendo** a mulher a Eros, um fotógrafo iria pegar o flagrante, que serviria de prova nos autos do divórcio, para que ela recebesse os bens que lhe eram de direito. Contou uma outra história complicada, de uma briga entre eles, quando ele a tinha jogado fora do carro em velocidade na curva da Lagoa Rodrigo de Freitas, etc. Finalizou dizendo que não era para me preocupar, que não tinha nada a ver comigo. E que voltaria a ligar. Desligou sem dar tempo a comentários.

À tarde, a mulher que desejava ser minha “escrava”, como havíamos combinado, ligou, querendo saber se havia falado com o homem de S. Paulo...Cravejei a moça de perguntas e ela muito nervosa disse que quem estava por detrás de tudo aquilo era um delegado da 13ª, Dr. Fulano de Tal. Disse também que tinha sido quase raptada por detetives particulares e que estivera num escritório onde nossas conversas telefônicas tinham sido gravadas...

Percebi que a coisa era muito mais grave do que supunha. Rememorando os fatos, compreendi que Eros e seus “amigos” tinham mesmo pinta

de policiais à paisana. Que não tinham conversado muito sobre sadomasoquismo e, sim, de minha vida particular. Haviam demonstrado muito interesse em saber se eu estava ganhando muito dinheiro. Queriam que eu reunisse o “meu pessoal” para uma demonstração coletiva, da prática sadomasoquista, em público.

Minha amiga advogada resolveu ir falar com o tal delegado da 13ª, que era seu conhecido de longa data. Fomos. Ao chegar na saleta de espera, uma senhora gorda, baixinha, com cabelos oxigenados cortados bem curtos, estava sentada num banco de três lugares, ao lado de uma outra, mulata, com um lenço na cabeça. Esta parecia ser uma empregada doméstica. Acomodei-me ao lado da senhora de cabelos curtos, e minha advogada na outra poltrona. As duas nos olharam sem dar-nos importância alguma.

Silêncio. Sem querer, olhei completamente desinteressada o papel que a mulher tinha nas mãos. Vi uma lista de nomes e em cima, números. O primeiro da lista era o de Cosam e sua caixa postal. A seguir, o de seu amigo que ele tivera a intenção de apresentar-me naquela noite que me apresentou Eros. A seguir vinham alguns nomes de pessoas conhecidas e outros que nunca vira, mas sabia estarem ligados em SM. Meu coração disparou. Discretamente fui ajeitar-me ao lado de minha advogada e sutilmente sussurrei-lhe ao ouvido o que tinha visto. Ela mandou que eu descesse, ficasse no carro e pedisse que o motorista acompanhasse as mulheres, quando elas saíssem dali. Fiz o que dissera e assim que as vi saindo, mostrei-as a ele e voltei para a saleta da delegacia, que estava vazia. Esperei muito tempo, até que a porta se abriu. O delegado acompanhava minha amiga gentilmente. Ela ficou surpresa quando me viu ali, uma vez que me ordenara ficar no carro. Fui de encontro a eles, pois eu achava que não tinha nada a esconder e que tinha que pôr tudo aquilo em pratos limpos. Ela, a contra-gosto, me apresentou:

– Esta é Wilma Azevedo...

Me pareceu que o homem levou um susto.

– Wilma? A sua advogada já me contou tudo o que está se passando. Eu disse a ela que estou fazendo o processo de um divórcio aí, que o casal tem a característica que ela me descreveu do tal Eros e a esposa, falou. Mas duvido que sejam eles. Eu não tenho nada a ver com essa história. Estão usando meu nome à toa. Vou querer apurar isso direito...Mas, veja só! – falou admirado –, então você é a Wilma Azevedo? Pois é, Wilma. Quem desfralda uma bandeira em prol de um assunto tabu como é o sadomasoquismo, tem que pagar um preço. Não vê a Betty Fridam? Infezivelmente é assim.

– Mas, doutor, eu estou apenas defendendo o erotismo dentro do SM. Não estou apregoando maldades, torturas, nada disso!

– Mesmo assim, querida. Você está mexendo com uma coisa perigosa. Vai ver que os maridos que têm essa tendência, estão querendo que as mulheres participem e alguma mulher enciumada está querendo acabar com você... Percebeu? Pode acontecer que elas julguem que você é a culpada por despertar esse tipo de tesão nos homens. Mas eu vou ver o que posso fazer. Estou às suas ordens. Venha sempre tomar um cafezinho comigo. Quando sair seu livro, traga um pra mim, tá?

Ao sair, o motorista disse que as mulheres tinham entrado num prédio no início da Rua Santa Luzia, 776. Tinham saltado do elevador no décimo andar. Fomos lá. De acordo com o quadro de informações na portaria, naquele andar estava escrito **‘PREVINA de Assessoria e Serviços Ltda.’** g. 1003 e 1004. O porteiro nos disse que lá era o **“quartel general da décima terceira delegacia”**. Não foi preciso dizer mais nada! A equipe de detetives estava querendo me **“pegar”**.

A advogada conseguiu se informar a respeito do casal. Descobriu identidade, CIC, situação civil e ...endereços. Mas, que fazer?

Resolvi não arrumar complicações para minha cabeça. Fiz de conta que acreditei no delegado. Sem poder explicar direitinho o que se passava, rasguei ao meio todos os cheques e os devolvi, pedindo desculpas aos leitores. No mês seguinte, publiquei este “conto” aproveitando um encontro frustrado.

## Previna-se coração!

Na vida só se deve ter certeza de uma coisa: de que vale a pena, que é maravilhoso viver!

As fantasias que cada ser humano acalenta devem ser entendidas, aceitas e desfrutadas pelo indivíduo sem culpas ou receios, desde que sejam fantasias realizáveis dentro do critério social e psicológico. Todos têm o direito de privacidade quanto à sua individualidade, sendo justo que possam desfrutar de sua peculiar maneira de ser.

Desde que não desrespeitemos os outros, não ultrapassemos nenhuma lei, como realizamos nossos atos sexuais só a nós diz respeito. Existem pessoas que se excitam de diversas maneiras, e aos “normais” podem até parecer descabidas. Mas quando encontramos um parceiro que curte os mesmos gostares, às vezes um simples encontro faz-nos sentir que o mundo está mais colorido e belo. Se falarmos para alguém que estamos em

sublime estado de alma só porque uma vaga promessa de um bom momento nos tirou o sono, vamos parecer aos olhos deles uns bobocas. No entanto, isso acontece... às vezes até com um simples telefonema!

Assim foi comigo. Quando ouvi a ternura da voz do outro lado, a passividade e concordância para as regras do encontro, fiquei feliz. Como ele não poderia vir ao Rio, eu iria em S. Paulo.

Cheguei primeiro em frente ao prédio onde marcáramos. Fiquei parada embaixo da marquise, pois estava muito frio e o crepúsculo descia coberto por uma chuvinha fina e sem graça. Após alguns minutos, vi um rapaz alto, muito bonito de corpo e rosto, se aproximando. Nunca poderia supor que aquele meu correspondente fosse de um tipo físico tão atraente! Chegou sorrindo e me cumprimentou com carinho, quase ternura.

Chamou um táxi. Acomodados, reparei que seu tipo físico não só me agradava e atraía, como também sua voz, seu jeito firme nos gestos mais simples. Dei o nome do restaurante em que íamos. Conversamos coisas banais sobre a temperatura e motivos do trânsito. Mas os meus olhos deviam demonstrar o que me ia na alma: emoção!

Quando entramos, escolhi um cantinho onde ficássemos isolados e esquecidos, até dos garçons. Sentamos frente à frente, nos avaliando. Seu rosto alegre e bonito tinha uma expressão de carinho e felicidade. Começamos a conversar sem saber o que dizer primeiro, de tanto que tínhamos a falar. De repente, senti o quanto seria maravilhoso se pudesse ter aquele homem, naquele momento, num lugar onde pudesse dar vazão a todos meus desejos e vontades, para satisfazer meus instintos, pois um arrepio de prazer percorria meu corpo, ensopando minha calcinha de esmegma. Era um tesão inexplicável, pois isso nunca me ocorria de imediato, ao conhecer alguém. No máximo, sinto imensa satisfação quando estou conquistando um homem! Me dá ganas de subjugá-lo, quando vejo que alcancei meu objetivo que é deixar um homem amarrado à minha sensualidade. Pensava:

“ Que bom sentir que o mesmo está acontecendo com ele! Ótimo estar atraída, desejando-o tê-lo aos meus pés, me excitando só em pensar nisso, sentindo ondas de calor na presença dele, em contraste com a temperatura. Fico feliz por saber que estou me fazendo entender, dando a certeza que comigo ele alcançará graus de prazer nunca antes conseguidos! Vou atraí-lo, segurar a punho esse bicho-homem. Vou deixá-lo me querendo, me desejando, se excitando só em imaginar um prazer incontido em ter o privilégio de conseguir um momento de amor comigo.” Estava feliz e meus hormônios se revolviam dentro de mim...

Olhei bem dentro dos seus olhos, dizendo:

– Eu te quero! Você vai ser meu!



Senti seu tremor. Vi seus olhos brilharem. Ameaçou um sorriso, mas em seguida balbuciou com voz trêmula:

– Farei o que a **Senhora** quiser.

Coisa boa ouvir exatamente o que gosto. Sorvi um golinho do Martini à minha frente, sem sentir o seu gosto. Lambi a cereja vagorosamente como se não soubesse que seus olhos estavam acompanhando meu gesto sensual, pois minha língua porejava saliva em torno da fruta vermelha. Sorri. Disfarcei minha excitação, para não parecer vulgar, embora sabendo que ele sentia o mesmo. Achei que já era hora de tocar suas mãos. Segurei-as firmemente. Seu sorriso foi um repuxar de músculos. Prazer e alegria por ser **tomado** daquela forma.

Como é bom podermos ter iniciativas. Ali eu estava como a conquistadora e não como a conquistada. Essa posição me agrada e enaltece. Apertando seus dedos entre minhas mãos, perguntei quais eram seus desejos mais secretos. Conforme ia descrevendo, fui vendo como se pareciam com os meus...

– Gosto de amarrar meu membro com uma cordinha, ou uma correntinha, para que fique preso. É delicioso senti-lo dentro de alguma coisa que o aprisiona. Às vezes uso esta correntinha.

Tirou do bolso algumas argolinhas dessas de prender lustres, colocando-a ante meus olhos cobiçosos. Segurei o metal de encontro à palma de suas mãos. Como que aninhadas, ali ficaram as argolinhas geladas, sendo aquecidas com o calor de nosso contato. A temperatura baixara mais ainda, mas, por dentro de nós, subira rapidamente.

Eu o encarava de uma maneira ativa como uma presa fácil ante meu olhar decidido. Nossas mãos unidas prendiam as argolinhas, mantendo ondas de eletricidade. Olhei seus olhos, vi seu rosto tenso. Uma vontade enorme de tomar aquela mente e aquele corpo foi se tornando irresistível dentro de mim.

Tinha gana de abraçar aquele homem, despi-lo, colocar aquela correntinha em volta de seu membro e ficar brincando com ele. Subjugado aos meus carinhos, com o seu corpo sob meu tato. A passividade de sua mão presa na minha embalou ternas emoções descontroladas. Que coisa boa se pudesse sair dali, mantê-lo a meu lado num recanto onde não existisse ninguém para atrapalhar, ninguém para cortar o nosso barato! Mas, como estávamos num local público, não poderíamos de forma alguma ultrapassar os limites. A única coisa que poderia fazer era sentir suas mãos nas minhas e imaginar seu corpo sob meu comando e vontade...

Mentalmente fui despindo-o. Com minhas unhas de gata mansa, arranchei suas costas e nádegas, e docilmente fui fincando as garras mais profundamente. E ele se contorceu. Captara minhas ondas mentais por magnetis-

mo? O garçom chegara com outro copo. O encanto foi interrompido. Procurei prestar atenção no que ele dizia. Contava-me como se auto-satisfazia, pois a esposa não poderia nunca compreender seu modo de sentir prazer. Ah! Como são pobres certos casamentos!

As mulheres não querem entender que os desejos e vontades dos maridos têm que ser respeitados e, antes de tudo, realizados.

Fiquei pensando como seria bom para ambos se o casal sempre procurasse, nos meandros do dia-a-dia, compreender e aceitar o outro como ele é. Poderiam ser evitados muitos casamentos desfeitos se ambos se conscientizassem de que esse entendimento é primordial e necessário.

Tomamos as bebidas em silêncio. Tínhamos que sair dali. Lá fora estava mais gelado e a chuvinha fina havia se intensificado. Ele tinha pressa. Era seu horário normal de voltar para casa. Os compromissos de um casamento o forçavam a me deixar. Essa constatação me fez voltar à realidade. Ele tinha que ir e eu ficaria ali, plantada, numa excitação incrível! Nesse momento, senti a amargura de querer ter a meu lado aquele homem e não poder, imaginar tudo que poderia fazer com ele, fantasiar possuí-lo, sem realizar meus ideais. Que frustrante um plano desfeito! Aquela hora, pensei no FANTASY CLUB.

O projeto que idealizara tivera que ser adiado. Possuir aquele homem também tinha que esperar mais tempo. Naquele instante, vi que assim como meus sonhos de formar um clube ideal para pessoas que são Sadomasoquistas-eróticas tiveram que ficar para trás, vi que aquele homem também tinha que ser deixado de lado, mas a emoção que senti e vi estampada em suas faces era a mesma. Isso era um mau começo. Um leitor, um fã, um correspondente que se dizia carente e desejoso de me conhecer fora a razão daquele encontro. Olhei-o triste e minha atitude foi justamente ao contrário do que meus desejos ditavam: retirei minhas mãos das suas e o olhei diretamente, sem palavras.

Eu queria demonstrar indiferença, mas sabia que pelos meus olhos, pelos meus gestos seguros, mas cheios de ternura, não iria conseguir demonstrar desinteresse.

Não, aquele era mais um sonho que eu teria que deixar de lado. De minha atitude presente e futura dependia uma série de situações e talvez a mudança de alguns destinos. O dele, o da esposa e filhos. Eu não sou o tipo de mulher que se vangloria de arrancar um homem de seu lar e fazê-lo apaixonar-se por mim, às vezes até se prejudicando seriamente. Deixam seu casamento desencaminhando-se. Tem tantos homens livres por aí, por isso, ao sentir grande atração logo no primeiro encontro, era melhor cortar as emoções. Não sou uma destruidora de lares.

Resolvi dizer a ele mais, em tom de ordem que de pedido, que saísse dali, que ele tinha pressa e eu não, por isso iria tomar mais uma bebida enquanto fazia um pouco de hora.

Prontamente obedeceu-me, não sei se pelo seu horário que estava esgotado, ou para me demonstrar docilidade. Sei que, quando levantou-se, senti uma vontade imperiosa de seguir com ele. Não falar nada, apenas embebedar-me de sua presença. Dando-me um rápido beijinho no rosto ele se afastou. Eu fiquei só. E fiquei triste. Com mãos e coração vazios!

Quando cheguei em casa, olhei a palma da mão, onde a frieza do metal da correntinha ainda ardia. Deitei-me depressa pois estava gelada. Quando senti o macio do travesseiro, lembrei-me de seu beijo macio e rápido, tão terno, tão delicioso. Eu desejava aquele homem, não para pôr sentado a meus pés como um animalzinho, como sempre fizera com os outros. Queria que sentasse a meus pés, como um admirador sentaria num gramado aos pés de sua amada. Com ele, em vez de açoite, se pudesse, lhe daria beijos e as tradicionais mordidinhas de brincadeira, ou tesão, quando me enroscasse em seus braços, mas, na certa, descontaria em seu membro, para o qual teria brincadeiras com mil criatividades, diversificando muito da simples argolinha de metal de prender lustres!

Eu não gostaria de magoar o seu corpo e sim brincar com ele. Existem tantos apetrechos para se prender o membro! Depois de acariciá-lo, ministrar fortes estímulos que só eu sei proporcionar a um homem, eu prenderia seu membro naquelas argolinhas e o “torturaria” com chupadas e lambidas, fazendo-o delirar de prazer. Prenderia seus pulsos na grade da cama, apenas para percorrer-lhe o corpo todo com a língua, sem interrupção. Sim, eu desejava amar aquele corpo, beijar, abraçar, possuir, me esfregar nele, me deleitar de tudo que tinha a me oferecer.

Aquele homem eu não queria como um “dominado” mas como um domínio em que, sendo meu, a mim pertencendo, percorreria toda a geografia de seu corpo com mãos cheias de prazer para dar.

Como seria belo se eu o tivesse ali comigo, naquela cama, distribuindo carinho e todos os prazeres de meu instinto. Com seu corpo sem mistérios, eu o amaria com ardor. E é nesses momentos que me torno infinitamente mulher...

Foi pensando em tudo isso que percebi não poder mais retroceder. Naquele instante, quando as lembranças apenas parecem pouco, é muito, é tudo. É um instante de eternidade em que o organismo entra em convulsão espontânea... esse é o prazer sublime e lindo dos solitários “pecadores”. Escondido num claustro inviolável, na felicidade proibida, se encerra toda uma história de amor que não foi usado. Às vezes, um simples tocar dos

dedos nas cordas vitais dos nervos de onde provêm grandes sensibilidades, uma convulsão de prazeres se desencadeia como um arco-íris.

Nesse prazer proibido, maculado, escondido, não estamos sós. Um mundo de paixões nos compensa. E foi o que aconteceu naquele instante: meu corpo era testemunha de um fato inegável! A atração que me causara a presença de Augusto me preenchia inteiramente...

As argolinhas. Como ainda as sentia no tato, na palma das minhas mãos vazias! Foram elas as culpadas de tanta excitação. Foram por elas as imagens se formando vagarosamente até se transformarem em presença real e cobiçada, ativa e atuante. Agora, aos poucos já poderia respirar normalmente. Já era eu mesma. Assim que me realizei, sua imagem apagou-se. Me senti amedrontada e vulnerável. Aquele homem mexera com meus sentimentos, meu coração. As defesas estiveram descontroladas todo tempo a seu lado, até aquele momento. Só me senti desligada daquela atração depois que me toquei. Como se estivesse com seu corpo em cima do meu, senti meus anéis. Pareciam o frio metal de uma correntinha que eu acari-ciara. Tivera as argolinhas em minhas mãos sem poder usá-las...

Meu coração ainda estava pulsando mais forte quando percebi que estava totalmente errada. Não poderia deixar-me levar por aquele tipo de sentimento e emoção. Tinha que **PREVENIR-ME**.

Todos temos que tomar precaução quando o perigo se aproxima. Ele era um perigo. Eu era um risco para ele também.

Não faz o meu gênero sair por aí conquistando maridos incautos. Aquele homem tinha uma esposa esperando por ele. Se o satisfazia ou não, era um problema que só a ele caberia resolver. Eu não deveria me intrometer prometendo realizá-lo e satisfazê-lo sexualmente em toda sua plenitude, fazendo o que sua esposa não aceitaria ou compreenderia. Aquele homem iria se apaixonar por mim, eu por ele, e a coisa iria degingolar.

Quando a gente não se **PREVINE** contra um desastre desses, o futuro pode ser pior que as dores da separação e da renúncia.

Se eu tinha consciência de que houve uma forte atração, desejos e anseios logo no primeiro encontro, por que persistir na continuidade de um romance que só poderia trazer dissabores para ambos?

Quando eu pensei em criar o FANTASY CLUB, foi com a melhor das intenções. Mas era inadequada a ocasião, devido à ignorância do nosso desinformado público. Era preciso muito trabalho de base antes de montar algo parecido.

Como o ideal do FANTASY, aquele homem teria que ser deixado de lado. Não me comuniquei mais com ele. Semanas depois, encontrei em minha caixa postal a seguinte carta:

“À Rainha Wilma Azevedo

Como a vida é maravilhosa... Em plena segunda-feira, fria, chuvosa, que para mim seria mais um dia de rotina, com apenas um telefonema, tudo se transformou num dia maravilhoso e inesquecível, porém hoje estou com um sono danado, pois não consegui dormir ontem à noite, devido ao estado de excitação que a minha Rainha me deixou.

“Passei um dia muito tenso após o seu telefonema e a expectativa de ir ao encontro de minha Rainha pela primeira vez me sobrecarregou, e mesmo após senti-la bem pertinho deste seu insignificante criado, não consegui aliviar a minha tensão, apenas ela se transformou em excitação, pois eu me senti diante de uma Rainha autêntica, segura, me fazendo perceber a distância existente entre nós, sem usar arrogância, prepotência, autoritarismo, me fez sentir no meu devido lugar, respeitando-a, admirando-a e acima de tudo me fez amá-la pela sua inteligência e beleza interior.

A sua sensibilidade eclodiu de forma tão vibrante que me senti renovado e com muita disposição para servi-la e fazer tudo para merecê-la como minha Mestra suprema, porque hoje tenho certeza de que sou apenas um criado para servi-la.

Peço licença para encerrar esta, curvando-me humildemente em respeito à minha Mestra e Senhora. Beijos em seus lindos pés. Do seu, Augusto.”

A data dessa carta era do dia seguinte àquele encontro. Fiquei a pensar se ele teria tido dúvidas se a colocaria no correio, em minha direção ou não. Só sei que da minha parte, tão intensamente vivida naquela noite, ele não devia esperar mais nada, pois tinha que cortar o mal pela raiz.

Foi bom que ele tenha sentido uma certa distância, que procurei deixar claro entre nós, pois sua presença foi marcante demais e a atração mútua que sentimos foi muito forte para se arriscar um relacionamento íntimo, mesmo que seja por uma única vez. Sinto muito, mas eu acho que se toda mulher pensasse assim, não existiriam tantos casamentos desfeitos. E o homem casado quando sente essa emoção toda, logo no primeiro encontro, deve deixar de ser irresponsável indo de encontro a problemas e desacertos que só viriam prejudicá-lo no futuro...

Por mais que eu deseje aquele homem, por mais que saiba o quão é maravilhoso um encontro amoroso entre a gente, vou ter que passar por cima e esquecer que, juntos, poderíamos usufruir de momentos intensos, e só me lembrar que, em busca dessa quimera, eu posso também encontrar momentos de agonia e aborrecimentos.

Portanto, aqui vai uma mensagem: **PREVINA-SE**

Quando sentimos o perigo, devemos tomar cuidado para evitar maiores danos. Por isso, fortalecida por certezas que só poderão clarear pontos obscuros para nosso futuro, fico **PREVENIDA** em qualquer circunstância, evitando maiores prejuízos.

Quando este conto foi publicado, tive mesmo que cortar qualquer contato com Augusto, que era um personagem real. Tudo o que narrara tinha acontecido. Mas usei nosso encontro para mostrar aos detetives algo oculto, e que estava **PREVENIDA** contra qualquer situação, pois sabia quem eram! Levei uma revista para o tal delegado. Colocando a mão em meu ombro disse amigavelmente:

– É Wilma, você se saiu muito bem...

Não me preocupei mais com tudo aquilo. Embora em outras ocasiões eles tenham me telefonado com convites e promessas, nunca mais quis tomar conhecimento de nada referente a eles...

## Mal-entendidos

Conheci alguns clubes na Europa e nos EUA onde as pessoas vão para assistirem cenas de masoquistas se apresentando no palco, dominadoras autênticas ou não, que se assumem diante do público. Outros frequentam as noites de espetáculos, para encontrar parceiros, e muitos, apenas para se excitarem, e se masturbar em casa.

No Brasil, até hoje, não temos nada tão bem organizado como lá fora. Em S. Paulo um dos locais que atende esse tipo de cliente é uma casa pouco espaçosa. Mobiliada com alguns equipamentos próprios, tem três quartos e uma saleta. Fica no segundo andar de uma antiga casa da Rua Joaquim Floriano, no Itaim. As moças que atendem chegam quase sem nenhuma experiência, aprendendo através da prática. Sua organizadora foi muito esperta e corajosa ao criar o Clube “O”.

Depois de meu trabalho sobre SME, as “profissionais” viram que atender sadomasoquistas é uma boa. As que se especializam, sabem que ser a rainha é um ótimo negócio. Tanto em termos de segurança como em termos de grana. Normalmente não precisam nem tirar os trajes (geralmente de couro ou látex), pois não transam. O cliente se satisfaz apenas com o ritual e paga o dobro do preço. Em tempos de AIDS então, foi um achado para quem vive de “programa”.

Recentemente soube que houve a tentativa de um grupo de pessoas, inclusive um psicólogo, tentando formar um novo esquema de atendimento para pessoas com os mesmos gostos e tendências, que desejavam se

aproximar. Formularam um questionário, onde os futuros interessados davam suas opiniões e falavam de seus desejos. Por incompatibilidade de ideais, suas organizadoras romperam a sociedade. Separaram-se e uma delas continuou com a idéia. Desejo que consiga o que ninguém até hoje alcançou: sucesso.

Em 93 quando uma “jornalista” da revista *Nova* me entrevistou pedindo que falasse sobre isso, não tínhamos nada que pudesse ser apontado como exemplo de clube SME no Brasil. No Rio de Janeiro, algumas profissionais anunciavam “seus préstimos” em jornais. Muita gente, como Cosam Atsidas, tentou montar associações que, no entanto, foram extintas por falta de interessados para assumir mensalidades ajudando nas despesas de correio e tudo mais. Sem ajuda financeira, havia muito trabalho e pouco retorno.

Quando dei a entrevista para a “repórter” da revista *Nova* em 93, eu soubera de um grupo que se reunira por umas três vezes, tentando formar o que chamavam de SoMos. Conteí isso a ela. Mudando minhas palavras, no texto que se referia a minha pessoa escreveu: “Segundo a jornalista e escritora Wilma Azevedo, uma das poucas estudiosas do assunto no Brasil, o SoMos é o que mais reproduz o clima dos clubes novaiorquinos: são exibidos e trocados vídeos e revistas, todo mundo se veste a caráter, e os mais desinibidos mostram suas práticas e seus ‘escravos’. Ela chegou a cadastrar 15.000 simpatizantes de S.M., mas acredita que apenas uns 2.000 sejam praticantes regulares, participem ativamente de reuniões, comprem acessórios e publicações no exterior, troquem correspondências e se organizem em grupos. É nas reuniões destes grupos, reservados e sem lugar fixo, que realmente acontecem as ‘cerimônias sadomasoquistas’.”

Houve mal-entendido da repórter, pois nunca cometeria a bobagem de comparar essa associação com um clube do porte de um Paddles, por exemplo. A engrenagem montada lá fora não poderia ser comparada com meia dúzia de pessoas que andavam se reunindo em mesas de bares ou restaurantes, cheias de idéias, mas sem nenhuma condição para bem desenvolver um verdadeiro clube no Brasil. Não poderia comentar o funcionamento do grupo, porque estivera presente apenas uma vez para prestigiar o pessoal, sem nenhum tipo de envolvimento. Permaneci pouco tempo, saindo antes do término da reunião.

Nem preciso dizer o que aconteceu quando a reportagem foi publicada. Dos reais 10.000 cadastrados no meu arquivo, nem todas as cartas eram de sadomasoquistas declarados. Este “engano” também aconteceu com outra repórter da revista *Manchete*. Dei uma cifra de mais ou menos uns 2.000 masoquistas (ela declarou 6.000) uns 1.000 sádicos (em vez de

3.000 como escreveu), e umas 800 pessoas que tanto eram sádicas como masoquistas (e não 1.000, como foi publicado)! A primeira conversou comigo por mais ou menos meia hora na mesa de uma lanchonete, a segunda, uns 40 minutos na própria redação da revista. Elas acharam melhor aumentar os números, enfeitando a reportagem. Se até hoje são cifras muito elevadas, em 93 era quase impossível! Telefonei para as “redações” reclamando. A repórter da revista *Nova*, disse pertencer a uma equipe e nada poder fazer diante do ocorrido. Essa matéria apresentava a repórter Shelley Levitt, “que esteve percorrendo os templos sadomasoquistas em N.Y., ouvindo adeptos e consultando médicos e terapeutas em busca de uma resposta: ‘Quando o desejo se torna doença?’”

Se alguém me perguntasse, teria a resposta na ponta da língua, pois sei que se torna doença quando a pessoa portadora desses desejos tem má índole, é perversa ou desequilibrada mental. Do contrário não passa mesmo de uma boa realização na área erótica. Mordidas, trocas de tapas, imobilização e humilhação verbal fazem parte ao menos uma vez de um terço de casais em que o relacionamento é chamado normal. A excitação sexual move-se pelo sentimento de desejo, medo, ansiedade, desforra, triunfo, risos e riscos. O relatório de cientistas e sexólogos como Kinsey, terapeutas como a equipe do Instituto Terapêutico Berkeley, na Califórnia, afirma que um terço dos casais pesquisados já haviam experimentado algumas práticas violentas, apenas como brincadeira. Palmadas, chineladas, imobilização, “cavalgada”, apertões, insultos, humilhações, cócegas etc. eram bem conhecidas dos entrevistados. Com respeito aos limites do parceiro, nada que não fosse de seu conhecimento e consentimento.

Psiquiatras afirmam que “há um pouco de perversão em todos nós”. Um **pouco** eu até acredito, mas não “em todos nós” e nada que se aproxime dos “120 dias de Sodoma” do Marquês de Sade, a não ser que não se trate de SME.

Sexólogos atuais teriam que separar definitivamente a palavra “sado-masoquismo”. Quando o erotismo brinca de “fazer mal”, foi criado o termo “parafilia” e nele devem ser enquadradas certas práticas, porque são formas “paralelas” ao chamado sexo “normal”.

Todo carinho violento pode ser tomado como agressão, ou estímulo sexual, dependendo de como o indivíduo lida com seus hormônios, principalmente a adrenalina e a endorfina. Depende também de como respeita a si mesmo e aos outros.

E por falar em respeito, volto ao assunto anterior: no mundo todo sabemos de jornalistas que são desrespeitosos, maus, “caras de pau”, insensíveis, indiscretos, só importando com um bom furo de reportagem.



Nesse campo profissional, encontramos verdadeiros sádicos maldosos. Já fui prejudicada em algumas entrevistas, mas o pior me aconteceu com o (graças a Deus extinto) “Documento Especial”, que era apresentado pela Rede Manchete.

Uma tarde uma moça da equipe me telefonou. Contou-me que iam fazer um programa dedicado ao SM. Pediu que a recebesse, pois viria me entrevistar em casa. Cautelosamente prontifiquei-me a encontrar-me com ela no centro da cidade. Marcamos no restaurante Amarelinho. Levei muitas revistas importadas, meu livro e alguns apetrechos para ilustrar nossa conversa. Uma advogada amiga me preveniu quanto ao perigo de me filmarem conversando em plena mesa do restaurante. Fiquei atenta.

Era uma jovem que não entendia nada de SME. Conforme fui falando com ela, vi que ia ficando preocupada, dando mais atenção ao relóginho no pulso do que à nossa conversa. Redobrei a atenção. Não demorou muito, vi a equipe de filmagem se aproximando. Ela levantou o braço acenando, enquanto dizia:

– Aqui, estamos aqui... Ao ver que não fora notada, levantou-se indo de encontro a eles. Aproveitei para sair dali apressadamente. Mas o homem com a câmera no ombro e um outro a seu lado me seguiram quase correndo, entre os transeuntes. Percebi que me filmavam por trás. Parei voltando-me com o dedo em riste:

– Olhem aqui! Se vocês jogarem minha imagem no ar, vou processar vocês. Há oito anos faço artigos sobre SME, e nunca permiti publicarem foto minha. Não é de meu interesse que os leitores me conheçam. Não permito que me filmem em hipótese alguma...

Pararam de imediato. Quando cheguei em casa, liguei para o estúdio dando uma bronca por tentarem me filmar naquela “externa”. Com muito custo, achei melhor dar uma entrevista de estúdio, já que a insistência deles era muito grande.

Como estava de viagem à S. Paulo, foram me entrevistar lá. Sem maquiador ou cabeleireiro, me arrumei como pude e dei uma entrevista por quase uma hora. Procurei divulgar meu livro, falar sobre meu trabalho e a seriedade do SME. No final, assinei um recibo de “cachê” que não deu nem para pagar o táxi de ida e volta para o estúdio. Quando a reportagem foi ao ar, vi que haviam pago para algumas mulheres “de programa” deixarem a equipe filmar sem que o cliente soubesse. Misturaram prostituição e espetáculos deprimentes em boates de baixa categoria, me jogando em *closets* rápidos, com frases soltas e quase sem sentido. Tentei ligar para falar com a jornalista ou o chefe da reportagem, pois já era uma pessoa pública e eles não tinham o direito de denegrir minha imagem e meu

trabalho, como foi feito. Não fui atendida por ninguém. Até hoje me arrependo de ter dado aquela entrevista.

Quando a jornalista Márcia Piovesan trabalhava para a revista *Semanário*, fez uma boa matéria a meu respeito. Mas o título foi pejorativo: “Uma Rainha que atende por Caixa Postal.” Reclamei e eles publicaram uma carta minha esclarecendo ao leitor **que eu atendia “por Caixa Postal” apenas os pedidos de meus livros, mais nada**. Recebi muita correspondência e tive que explicar a cada um que não adiantava ficarem me fazendo ofertas do que quer que fosse, pois meu interesse era apenas ser a Rainha Literária do SME. Não pretendia conhecer muito menos “atender” ninguém. Com o fechamento da *Semanário* logo depois, nunca mais consegui reaver as fotos de meu arquivo que a Márcia levava para ilustrar a matéria...

A última vez que cedi à tentação de responder ao pedido de uma jornalista foi a de Alessandra Nagra da revista *Isto É*. Respondi umas perguntas por telefone, e quando li não acreditei. Ela escreveu que eu afirmara que o calçado preferido para a prática do SM é o de salto fino, “porque machuca mais”. Quando falo a respeito em meus artigos, combato esse tipo de “tratamento” a um pedólatra que não curte a dor como objetivo principal num relacionamento (se for maltratado, pode até perder a ereção).

Mas a pior coisa nesse gênero foi quando o Leo Borges (diretor da *Ele e Ela* na época) publicou o telefone de minha residência, para os leitores pedirem meus livros. Quando soube que o número do telefone de minha casa estava exposto nas bancas, tive que gastar uma nota preta e me apressar em trocar a linha, pois ele não tinha respeitado o meu pedido de sigilo. Mas isso não impediu meu sentimento logo depois, quando soube de sua morte, tão drástica.

Achei que este capítulo não poderia faltar nesta obra, pois muitas vezes recebi críticas sem que meu leitor soubesse o que realmente acontece por trás das letras.

## **Abaixo o preconceito!**

No dia 4-9-94 as bancas de jornais estampavam um dos mais “populares” órgãos de imprensa paulistanos com uma manchete chamativa. Na foto, uma linda jovem presa num X de madeira, olhos vendados, só de calcinha, meia rendão, saltos altos. Ao lado, em letras garrafais, os dizeres: SACRIFICADA NA JAULA DO SEXO. Os autênticos curtidores dessa variante sexual vibraram, pois era uma bonita cena sadomasoquista. Mas a matéria mostrou que o repórter Renato Stancati, ao “entrar na boate

proibida” (segundo ele), não soube retratar o verdadeiro sentimento que move aqueles que optam por esse tipo de relacionamento sexual. Totalmente mal-informado, descreveu sua matéria preconceituosa chamando os frequentadores de “malucos”.

Como muitos que se propõem a “descobrir a verdade”, não alcançou o fundo da questão. Desperdiçou um bom espaço, e a oportunidade de bem informar o público carente de reportagens, onde o sadomasoquismo erótico seja visto pelo ângulo verdadeiro que até hoje tão poucos souberam retratar. Mas a culpa disso é a desinformação total das pessoas não-praticantes. Muito pouco se tem falado e escrito, concretamente, para se esclarecer o controvertido tema, na área sexual. Quase todos os psicólogos que estudaram o sadomasoquismo desvendaram seu lado psicológico, tentando explicar o que se passa no subconsciente de um neurótico e o físico ficou relegado ao esquecimento. Quem não dividir os três modos de ser sadomasoquista, como explico nesta obra, e não procurar saber a causa física que leva uma pessoa a ter prazer em receber estímulos fortes, jamais chegará às razões do prazer aliado à dor. Acho muito importante que pessoas como esse repórter procurem se instruir antes de arriscar a escrever textos, como os que publicou na página 5 do *Notícias Populares*. Para ele os equipamentos são “estranhos” e sua admiração visível por muitos com “altos cargos” gostarem de apanhar foi o ponto alto de seu trabalho, mas para os adeptos nada disso é novidade.

A entrevista com a psicóloga Mirtes Ullmann iluminou um pouquinho a matéria, pois ela tentou explicar que um sadomasoquista é assim, porque apanhou muito dos pais: “Os pais só se lembram dos filhos para bater neles, quando se comportam mal, aí a criança passa a fazer besteiras para chamar a atenção. Depois, na idade adulta, eles associam a dor com o prazer”, diz ela.

É mais ou menos isso, sim. Só que não é só na idade “adulta”. Na infância pode estar muitas causas de uma pessoa ser sadomasoquista e gostar disso. Porém, muitas vezes, mesmo quem nunca apanhou pode desenvolver o prazer em transformar em delícia o que para tantos é apenas dor e humilhação.

Sempre achei que a fantasia faz parte do ritual de prazer e os outros têm que aprender a respeitar as predileções alheias, pois é o combustível da libido. Os humanos não são como os animais que praticam o sexo somente quando estão no cio. Eles não têm hora para o desejo sexual, não obedecem um ritmo padronizado. A origem da imaginação erótica é entendida pelos psicólogos como fundamental, até para manter o equilíbrio emocional das pessoas. Dizem que em matéria de fantasia, vale tudo, menos a violência e a

censura. Quanto mais fantasiarmos, mais prazeroso é o ato sexual. As emoções ajudam na química do organismo, e todos sabemos o quanto as emoções boas fazem bem à saúde. O hormônio ACETILCOLINA, que é liberado pelo coração para a corrente sanguínea, proporciona enorme bem-estar ao corpo todo. Como o coração é um órgão de ressonância das emoções, o amor, o mais nobre sentimento, deve ser vivido intensamente e o sexo realizado de acordo com o desejo de cada um.

É preciso muita maturidade para alguém usufruir de sua capacidade sexual em toda plenitude, sem subterfúgios. Quando o indivíduo sofre de desenvolvimento emocional retardado, não consegue a maturidade, fantasia cenas utópicas e tenta realizar na prática (muitas vezes através de masturbações) idealizando a realização de seu desejo, seja com seres humanos ou objetos inanimados (fetichistas). Isso é mais uma infantilidade que um perigo.

Antigamente, quando alguém descobria que outra pessoa era fetichista, achava isso o cúmulo do comportamento anormal. Se acontecia algum crime com requintes maldosos, onde o agressor obtinha satisfação sexual de alguma forma, em vez de ser chamado de sádico-psicopata ou sádico-maldoso, a palavra sádico era associada à conduta criminoso. Narrando o fato com tintas embebidas nas observações detalhadas das torturas usadas, a imprensa usava a notícia como chamariz de venda, criando no público a impressão de que esses criminosos são pessoas normais que de repente se transformam. Criaram tipos violentos que perambulam pelas ruas, desejosos de satisfazerem seus apetites pervertidos sobre suas vítimas.

Disse antigamente, pois desde que o erotismo começou a ser aliado ao SM, os estudiosos procuram explicar o fenômeno. Esta obra vem pôr fim a muitos interrogatórios de quem deseja entender o que se passa verdadeiramente com um sadomasoquista. Depois de muito estudo, cheguei a conclusões até hoje desconhecidas, e acredito que meu trabalho muito vem colaborar com pessoas que desejam escrever sobre o assunto e não têm onde buscar material de pesquisa, como o caso do repórter Renato Stancati.



# Parte II



## Você é normal?

Até há poucos anos, nos ensinavam que não podíamos arrancar prazeres sexuais de nosso corpo por ser “feio”, “prejudicial à saúde” ou “pecaminoso”. Era proibido querermos variar ou intensificar os prazeres eróticos. Isso era visto como comportamento indecente e mesmo na educação masculina, quando o homem recebia menos proibições, ensinavam a prática sexual com moderação e “respeito”. Resultado: muitos ficavam se conflituando a vida inteira! Muitos problemas graves foram detectados por causa disso.

Quando um indivíduo é alertado contra as “perversões”, sem saber exatamente onde começa e onde termina as parafilias consideradas pela maioria como “anormais”, desconfia de tudo e se porventura tem fantasias diferentes das conhecidas, já fica se achando um “desviado”. E muito pior se for o cônjuge quem tenha certas preferências. Principalmente as mulheres não aceitam certas variações.

Na verdade, é difícil concluirmos o que é normal e anormal, pois cada sociedade, dependendo da época, desenvolve critérios próprios. Antigamente o conceito de “normal” era muito rígido. Quase tudo era considerado “degeneração”. Com os estudos dos psicólogos e analistas da mente humana, chegou-se à conclusão do quanto é ilógico a punição de indivíduos praticantes das chamadas variedades eróticas. Eu acho que as preferências sexuais, desde que não atinjam a integridade física, ou não violem a vontade soberana do outro, não podem encontrar restrições por parte de quem deseja ser a palmatória do mundo..

Os conceitos estão mudando, e os cientistas já consideram ser a prática do sexo paralelo ao normal como um bem indispensável nos caminhos para a realização de uma sociedade mais feliz.

Considero as pessoas que gostam de variar tudo sobre sexo como seres criativos, inteligentes e ousados. Podemos afirmar que não é nem perigoso, nem monstruoso, nem triste ou problemático. No máximo, um exótico...

Há pouco tempo soube que na Arábia, se as moças estão distraídas brincando no parque dos castelos e um homem adentrar sem ser esperado, elas são obrigadas a cobrir o rosto com as vestes, mesmo que as virilhas fiquem descobertas...

Por outro lado, quando deparamos com pessoas que têm preferências diferentes de tudo que é convencional pela sociedade com o rótulo de “normal”, nos assustamos e custamos para aceitar as “esquisitices” alheias.



## Sadomasoquismo

Quando Krafft-Ebing uniu os prenomes de Sade e Masoch, não deve ter afirmado que todas as tendências diferentes de práticas sexuais fossem sádicas ou masoquistas. Quem o pratica no campo erótico em todo o sentido da palavra, jamais o generalizaria.

Vivenciando o SME, descobri que, como as variantes do homossexualismo, o SM também tem divisões. Assim como existe o homossexual passivo (o que só dá), o ativo (que só come), o que é ativo e passivo (dá e come) e até o vulgo “gilete”, isto é, aquele que também gosta de mulher (às vezes casado, com filhos), existe o heterossexual. No Sadomasoquismo erótico, tem os que são apenas Masoquistas, os que são apenas Sádicos e os que tanto gostam de uma posição como da outra. E tem os que não são nem uma coisa e nem outra. Não se deve acreditar nem afirmar que todos somos Sádicos ou todos somos Masoquistas. Eroticamente falando sim, todos temos essas tendências. Nem que seja uma única vez na vida, um dia experimentamos na hora do ato sexual uma gana de morder, arranhar, bater, carinhosamente, é claro!

É preciso avaliar as três tendências de uma personalidade Sádica: a maldosa, a psicopática e a ERÓTICA. Assim como a personalidade masoquista que de acordo com o indivíduo pode ser suicida, alienada ou ERÓTICA. Concluí que dentro do campo unicamente erótico o temido Sado-masoquismo pode ser uma “variante dos prazeres”, até como “afrodisíaco”. Numa entrevista para a Revista da *Folha de S. Paulo* número 59, o Dr. Contardo Calligaris, um italiano que tem consultório em S. Paulo e Porto Alegre, disse: “A palavra perversão faz pouco sentido e como ‘desvio’ da ‘norma sexual’ não existe.

Psiquiatra, psicanalista ou qualquer um que assim a utilize, está falando besteira. A categoria de perversão no Ocidente, desde o século XIX, é uma categoria policial, jamais clínica.”

Nesse ponto, concordo com ele, mas vou além pois, acredito que nós temos as três categorias: a policial, a clínica e a erótica.

## Sadismo maldoso

A definição de limites entre o campo do sadismo erótico e do sadismo maldoso ainda não foi muito estudada. Tenho lido diversos livros onde os autores explicam o sadismo como sendo uma tendência ligada à agressividade.

Eu que vivi isso na prática conheci muitos sádicos, e posso afirmar que o sadismo maldoso é mais comum de que o sadismo psicopático e o sadismo erótico.

Escritores mal-informados, desconhecendo o verdadeiro sentido das palavras, não conseguindo uma separação lógica, atestam que todo sádico é pernicioso. A maioria diz que todo sádico é praticado com requinte de crueldade e brutalidade. Lógico que tirando o sadismo erótico, assim devemos classificar as outras duas categorias. Mas dentro do erotismo existe o respeito à vontade e ao limite do outro, assim como o desejo da sua satisfação.

Ford e Beach, dois pesquisadores americanos que estudaram o comportamento sexual de certos animais violentos na hora da cópula, viram que se a fêmea não estiver no cio e não for receptiva, não há coito. O estímulo que a fêmea recebe durante a vigorosa luta é necessário para a liberação dos óvulos de seus ovários. Então a agressividade do macho é o normal entre eles. Por mais que fiquemos admirados, essa também é a realidade do ser humano. Muitas pessoas necessitam do estímulo das dores para alcançar o orgasmo. Embora a história da civilização humana mostre que há relação entre crueldade e o instinto sexual, com referência ao erotismo isso é verdade.

Alguns psicólogos explicam que é latente em nossa libido a compulsão de violência e sexo. Acredito que diversos impulsos psíquicos aí se interligam, mas ainda não aprendi a separar, detectar e trabalhar com esses instintos. Para não complicar muito, chamo-os de SM (Sádico Maldoso), pois se o indivíduo conhece esse seu problema e não procura ajuda, então deve ser punido pela lei. (Quando o sadismo é psicopático, deve ser tratado pela medicina.)

Encontramos muitos SM nas histórias dos circos romanos, quando se lançavam inocentes às feras. No meio da multidão, se pudessem ser levantadas as longas saias das damas, na certa se veriam vulvas molhadas, com uma excitação sem limites, enquanto os mais distintos cavalheiros estariam eretos dentro das vestes, ao se deliciarem em ver o horrível esquarteramento das vítimas. Assim era também com as execuções em praças públicas.

Outro exemplo é encontrado na Inquisição. Quantos carrascos tiveram orgasmos violentos ao torturar suas presas! Mesmo Hitler, ao contabilizar quantos judeus já tinham sido cremados, quem garante que não se excitava ao ver a extensão de seu poder? Os ditadores, as repressões políticas, enfim, temos tantos exemplos que nos perderíamos do assunto principal que é conhecermos a grande verdade: Sim, através dos tempos, podemos nos certificar de que é possível a ligação entre maldade e prazer sexual. Até a polícia de hoje! De vez em quando tomamos conhecimento de cenas

sádicas maldosas sem limites. Encontramos muitos depoimentos de pessoas que tiveram experiências desastrosas dessa natureza.

Mas os sádicos maldosos e todos que exercem autoritarismo perverso que vem de encontro à dignidade humana, seja em nome da lei, da pátria ou de Deus, devem ser punidos. Tanto pela lei de Deus como pela lei dos homens!

Os doentes psicopáticos precisam ser tratados pela medicina. Essas duas categorias nada têm a ver com a terceira, que rege o comportamento unicamente ERÓTICO, que é a do prazer aliado à dor. Rimar dor com amor e prazer pode até parecer coisa de maluco, mas até a medicina já explica.

Quero passar para o leigo (como eu, antes dessas descobertas) conclusões para desfrutar suas tendências eróticas sem culpas, sem medos, sem auto-recriminações. Insisto para não se preocupar com suas fantasias e tratar de se recuperar dos sustos que os outros têm procurado incutir naqueles que sabem fazer de sua vida afetiva-sexual um mundo “diferente”, onde suas criatividade não chegam a ultrapassar nenhuma ética, quer da sociedade, quer do foro íntimo de ninguém.

## Os acessórios do prazer

**FETICHISMO** – prazer voltado para determinadas partes do corpo, ou objetos e peças do vestuário.

A sexualização de certas partes do corpo, objetos ou roupas pode começar a exercer um poderoso processo de excitação na criança, a partir de idades que variam de indivíduo para indivíduo. Existem psicólogos afirmando que desde o útero da mãe, a criança já pode gravar muita coisa do mundo exterior. Eu lembro de cenas vividas numa casa, onde morei quando tinha menos de dois anos. Quando entrevistei o Henfil, ele me confessou lembrar coisas dos seus dois anos de vida.

O mais tardar ocorre aos seis anos, quando o ser humano normal começa a compreender a fisiologia do corpo voltado para os prazeres sexuais, quando o organismo confere as necessidades básicas que se destacam, manifestando a ereção involuntária, ou prazer ao urinar ou defecar. A criança, na fase em que está “descobrimo o mundo”, pode gravar cenas acontecidas ao seu redor. Fixa os objetos mais próximos, emoções, desafios, ou o que atraia mais sua atenção.

Como ainda desconhece o coito ou a anatomia ginecológica, volta-se para as imagens visuais mais freqüentes que atraíam sua atenção. Associa peças do vestuário feminino, objetos ou partes do corpo de alguém de

seu círculo familiar. No garoto, geralmente a mãe, irmã, tias, babá, etc. despertam seu interesse e quando estão experimentando as primeiras manipulações sexuais, as mulheres mais próximas fazem parte de suas fantasias masturbatórias. Assim, criam-se os pedólatras, os bundólogos, os cheiradores de calcinhas usadas, os colecionadores de objetos como botas e sandálias, roupas de couro ou borracha, mechas de cabelo, mamadeira etc. O fetichismo do travestismo heterossexual, isto é, aqueles que se vestem com roupas femininas para serem aplaudidos, ou mesmo para ficar em frente ao espelho, só com o intuito de se excitar. Tem muito homem que chega em casa, troca o terno e agravata por lindos modelitos e quando a esposa colabora, praticam o ato sexual vestidos dessa forma.

Freud explicou o fetichismo como um complexo de Édipo e de castração, mas hoje muitos psicólogos e sexólogos admitem não haver explicação satisfatória para essa tendência do comportamento humano com base nessas teorias que, por muito tempo, dirigiram estudos de psicologia, apoiados nos métodos criados por Sigmund Freud, o pai da ciência do inconsciente.

Já não se tem em conta que tudo é **anormal** e **doentio** em matéria de sexo, fetichismo e predileções bizarras. Se a pessoa se excita com determinado objeto, parte do corpo ou qualquer outra coisa, mas não necessita disso como único meio para chegar ao prazer, se não sente imperiosa vontade de se satisfazer só dessa forma, ou com determinado objeto, isto é, se consegue se excitar também de várias outras maneiras, deixando sua predileção para ocasiões raras e especiais, essas fantasias não são mais consideradas maneiras “doentias”. Se consegue um ato sexual completo e alcança o orgasmo sem a **obrigatoriedade** do que mais o estimula e só usando essa variante como estímulo esporádico, satisfazendo suas fantasias dentro de um equilíbrio mental, certas tendências não podem ser consideradas como “anormalidades”.

Henfil, nosso nobre cartunista, o primeiro brasileiro a se declarar “pedólatra” publicamente, contou que seu berço ficava embaixo de uma ilustração da Virgem Maria, onde haviam desenhado uma linda jovem com os pés mais bonitos que se pode imaginar. Seus dedinhos nus, pisan-do a cabeça de uma cobra, chamavam sua atenção.

Deitado sob aquele quadrinho, com apenas dois anos de idade, já imaginava seu membro pisado por pés femininos. Começou a imaginar, sua “cobrinha” acariciada daquela forma, começando a ter prazer e às vezes ereção quase involuntária. Começou a notar os pés das irmãs, da mãe e de uma tia, quando se aproximavam de seu berço. Assim surgiu sua predileção pelos pés e não “por uma coisa cabeluda no vão das pernas,” como me disse, sorrindo.

Ao prefaciar meu livro *A Vênus de Cetim*, declarou: “Lembro-me que desde o berço eu tinha um imenso prazer em olhar os pés de uma mulher. Não me lembro o que me fez reprimir e levar minha paixão para a clandestinidade do feio, anormal, doentio e esquisito. Sei que precisei ficar muito conhecido para ter coragem de, 25 anos depois, desenhar personagens que exibiam minha ‘tara’. Assim falavam aqueles que considerava tarados por gostarem de coisas para mim anormais, como pescoço, joelho e (horror) orelhas....”

Em meu arquivo, tenho inúmeras cartas e depoimentos de leitores fetichistas. Objetos dos mais estapafúrdios, como clisteres (tubos para lavagem intestinal), uniformes: de militares, de médico, de enfermeira, camisolas finas de *lingerie*, calcinhas usadas. Até um bom prato de macarrão, como me confessou um dos leitores.

Um masoquista contou-me que, muito pequeno, tinha de se submeter a lavagens intestinais, pois seu intestino não funcionava de outra forma. Sem os modernos supositórios, sua mãe era obrigada a usar os clisteres, e conforme foi crescendo, ele mesmo segurava ao máximo as fezes, para que usassem o método da introdução do “bico” do pequeno aparelho de lavagem, pois isso lhe dava imenso prazer. Foi se tornando uma obsessão. Tinha ereção só em ver o aparelho pendurado atrás da porta do banheiro, onde sua mãe o guardava. Foi crescendo sempre usando o objeto, mesmo que fosse apenas para uma masturbação. Adulto, pagava prostitutas para darem lavagens nele com diversos líquidos que foi descobrindo aos poucos, sentindo prazeres intensos.

Um cheirador de calcinhas declarou que muito pequeno descobriu a calcinha, que era a peça do vestuário que abrigava a parte mais íntima de uma prima. Passou a manuseá-la às escondidas, sempre procurando no cesto de roupa sujas. Sua primeira masturbação com muito esmegma ocorreu aos oito anos. Viu sua vizinha, uma linda garota de uns treze anos, pendurando sua calcinha no varal. Sorrateiramente apanhou-a para cheirar escondido e praticar o manuseio de seu membro, o que lhe dava imensa satisfação. Seu prazer foi tão intenso que nunca mais deixou de sentir enorme tesão ao ver uma calcinha, principalmente a de alguém a quem tivesse atração física. Confessou-me que o prazer é maior quando a jovem nem desconfia de que sua calcinha está sendo usada por ele para essa prática. Disse que não é qualquer calcinha, isto é, não é a calcinha de qualquer mulher que o excita. Tem que ser especial...

Podemos detectar as razões dos fetichistas ao se excitarem com os objetos ao sabermos da história de vida de cada um. Tenho em meu arquivo depoimentos que são dramas intensos. Outros cômicos como o do rapaz

que se excita com um prato de macarrão! Sua babá tinha a mania de tirar toda sua roupa para não sujá-la. Cada vez que um macarrão caia em seu peito, pernas e região genital, “muito brincalhona” pegava em seu pequenino membro dizendo, “e este espaguettino aqui”? O constante manuseio daqueles dedinhos ágeis foram causando ereção intensa e daí para ele associar a idéia do macarrão com masturbação e tudo mais, foi rápido.

Comprenderíamos muito mais se soubéssemos de cada cena que marcou as primeiras assimilações de sexo de uma criança. Não podemos criticar um adulto que tem certas fantasias e fetiches. Desde que não seja prejudicial a ele e aos outros, que vá fundo e curta o que mais o excita. Chamam de sexo bizarro, exótico, esquisito. Seja como for, é preciso aceitar. Cada um tem seus próprios meios de chegar ao prazer total. Para quem curte as mesmas variações sexuais tudo é normal. Mas apenas os que curtem as mesmas coisas, pois, como disse Henfil, as “taras” alheias... são ...“um horror!”

## O homem cachorrinho

“Quando minhas priminhas brincavam não me davam atenção, a não ser que eu concordasse em ser o cachorro da “casinha” delas. Amarrado com uma coleira no pescoço latia para as ‘visitas’, dando alarme para as ‘donas da casa’. Enquanto elas faziam comidinha, cuidavam das bonecas ou conversavam, eu tinha que me curvar como um cão obediente. Calado aguardava o momento de me manifestar. Quando latia demais, uma delas me “educava”. Batia em minha bunda com as mãos ou chinelos e isso, com o tempo, foi-me causando um prazer erótico sem limites.

Ao descobrir o prazer de apanhar, quanto mais elas batiam, mais eu ‘latia’. Quando notaram minha ereção, o interesse foi coletivo e a naturalidade das brincadeiras foi se transformando e ser “cachorrinho” me serviu para inúmeras masturbações. Só que fomos desenvolvendo o lado erótico e para cheirar e lamber sob suas saias, foi um pulo. Essas experiências deliciosas ficaram gravadas para sempre em minha mente e hoje só me realizo se faço o ‘papel’ de cachorrinho nas preliminares do ato.”

Alfredo, Curitiba PR.

“Fui criado na Alemanha, onde a disciplina é a forma de viver, aprender, trabalhar e amar. Eu apanhei na bunda pelada até quase os meus 15 anos. Minha madrasta era muito rígida. Em cada surra, ela fazia questão de mostrar aquilo como um ritual de educação e bons modos. A qualquer mo-

mento, mandava abaixar minhas calças e cuecas e ir buscar a vara assim. Aqueles passos curtos, com a calça e cueca nas canelas, quase caindo, meus genitais balançando e a expectativa da surra deviam divertir minha madrasta e com o tempo passou a me excitar, ainda mais quando ela mandava eu lamber seu pé como “um cão vadio”. Quando passei a ter ereções, não tive como esconder o fato, e logo depois tinha satisfação de mostrar meu membro ereto, talvez como forma de agredir e me satisfazer. Hoje, só consigo um bom relacionamento quando fantasio que sou um “cão vadio”.

Marcelo, S. Paulo.

Estes são apenas dois exemplos das inúmeras cartas que recebo onde os leitores contam como chegaram a certas predileções sexuais. O desejo de ser CACHORRINHO DE MADAME é muito mais comum do que se imagina. Dentro do chamado sadomasoquismo, onde todas fantasias podem ser compreendidas e satisfeitas, a que o homem deseja ter uma coleira no pescoço, ser espancado e chamado de cachorro, trás um elevado teor satisfatório quando a dominadora entende que essa fantasia apenas alcança as impressões gravadas no subconsciente de cenas da infância. Ao satisfazer-se, a pessoa sente-se livre e feliz. Neste “conto”, narro uma cena da continuação de meu conto “Na Corte do Rei Gerson”, que o editor do meu livro *Tormentos Deliciosos* cortou, deixando incompleto meu trabalho. Como “Rubens” é real ilustro estas páginas com este conto, pois havia prometido para ele que o publicaria na obra, onde um editor insensível ou sem espírito comercial, achando que entendia muito de obras como a minha e sem saber avaliar meu trabalho, estragou a obra com uma capa horrível, tirando a epígrafe na primeira página do primeiro conto e me fazendo reduzir ao máximo cada relato, inclusive os já editados em revistas em que trabalhei. E muito conhecido no Club “O”, onde fez até um vídeo com as garotas, que o conheceram e podem comprovar a veracidade de seu gosto em ser um Cachorrinho de Madame. Na certa, lá, usava outro pseudônimo. Mas é um rapaz louro, bonito, impresário de companhias de balés vindas do exterior. A última vez que o vi, há muito tempo, estava no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

## Obsessão

Antes de conhecer Rubens, ao receber suas cartas entendi que tinha obsessão em ser tratado como cachorro. Por carta, narrou as razões de sua

preferência, contou-me que após o falecimento de sua mãe, foi morar com a avó paterna. O único amigo e companheiro era seu cachorrinho. Quando estava triste ou tinha medo, o apertava forte, cheio de carinho e emoção.

Quando, aos oito anos, o pai apresentou-lhe uma morena cor de jambo, cabelos negros encaracolados até os ombros, boca carnuda e gestos precisos, sentiu que representava uma ameaça. Ela não era sua mãe. Sua mãe tinha morrido. E por mais que ela se esforçasse, não conseguia disfarçar a implicância com Rubens, por causa do cachorro. Isso os fez inimigos.

Ao casar-se, o pai levou o menino e o cão para junto deles. Na frente das pessoas e principalmente do pai, Solange tratava-o com fingido bem-querer, por trás ela o maltratava, e principalmente o Bob. Vivia implicando com o seu cheiro. Dizia estar “empestiando” os tapetes e sofás. De tanto reclamar, o pai ordenou: o cão permaneceria preso no quintal e não entraria mais na casa.

Quando latia desesperado, o menino chorava junto com ele. O pior era não encontrá-lo mais à sua espera no portão, alegre, com seu abanar de rabo, feliz ao vê-lo chegando da escola. O garoto morria de pena, pois às vezes ficava enrolado na corrente, sem poder alcançar sua tijelinha.

Agora só podia soltá-lo à noite. Algumas vezes, recolhia-o às escondidas. O cão, obediente e feliz, deitava-se no tapete ao lado da cama, onde sempre dormira. Um dia, de manhã, ela o descobriu. Aos berros, o enxotou a vassouradas, prometendo castigos.

O clima não amistoso foi piorando, até culminar em sua insistência para que o pai o levasse dali. Disse que se não dessem fim naquele “saco de pulgas” ela é quem iria embora. Apaixonado pelos seus encantos, o pai concordou. O menino implorou, chorou muito, mas já esperava o pior. Um dia, ao chegar da escola, não o encontrou. Atordoado, prometeu, dali em diante, fazer tudo para aborrecer a madrastra.

Sem vontade de fazer nada, no outro dia foi para a escola. Vagou pela rua, mas a professora ligou para a casa dele. Quando o pai soube que gazeteara a aula, prometeu ir buscar o cão de volta, se não fizesse mais aquilo. Mas os dias iam se passando e nada. Por mais que se esforçasse para tirar boas notas, perdera a vontade de estudar. Arquitetou seu plano de vingança. De vez em quando, Solange recebia as amigas para um chá. Uma tarde, assim que ouviu a campainha, se posicionou de quatro atrás da porta, latindo. A madrastra gritou para que parasse com aquilo.

Nem ligou. Continuou latindo para a visita. A moça entrou rindo. Desconcertada, a madrastra não achou graça nenhuma. Ao vê-la aborrecida, ficou feliz. Continuou a cada amiga que chegava. Umassustavam-se, outras brincavam chamando-o de “Lulu”, outras ignoravam. Por mais



que fosse repreendido, não parou. Em dado momento, ela agarrou-o pelas orelhas, colocando-o de castigo, num canto da sala. Mais que depressa, enfiou-se sob as cadeiras, como um verdadeiro cão faria. Ouviu uma das moças dizer:

– Deixe-o. É uma criança. Está querendo chamar atenção. Esqueça-o. Ignore-o, que ele pára com isso...

Ficou calado. Elas se acomodaram, conversando distraidamente, sem se impressionar com a “criança” embaixo da mesa. A primeira coisa que chamou sua atenção foram os calçados delas. Estava uma tarde quente e algumas usavam vestidos leves com sandálias vistosas. Quando uma delas cruzou as pernas, enxergou sua calcinha. Reparou que Solange estava de saia curta e distraída entreabrira as coxas, mostrando uma calcinha de rendas, branca. Alguns pêlos negros, escapavam e sobressaíam no vão de suas pernas. Imaginou aquela pentelhada. Ficou curioso. Tinha muita raiva daquela mulher, mas durante todo o tempo não se moveu dali, sem despregar o olho, fascinado. Quando o chá terminou e todas se despediram, ao fechar a porta para a última amiga, Solange se voltou com fúria para ele:

– Agora você me paga. Eu já tive muita paciência. Mimado como sempre foi, precisa de uma boa surra...

Vendo-a nervosa, quis escapar, mas ela o agarrou pelos cabelos. Com movimentos rápidos arrancou sua camisa e foi despindo-o. Ficou imóvel, sem querer acreditar. Já era crescidinho, tinha vergonha de ficar nu perante ela. Com um safanão, foi jogado no chão e obrigado a ajoelhar-se. Tirando a sandália do pé, gritou:

– Tome, safado, cheire aqui. Reconheça o instrumento que vai ensiná-lo a não repetir mais isso. Vamos, cheire...você não imita cachorro? Então vamos, cheire aqui...

Sem entender direito, permaneceu calado. Aplicando uma chinelada (ou melhor, sandaliada) na sua bunda, berrou:

– Vamos ganir agora. Vamos! Você não quer ser um cão? Pois late agora, vamos! Só vai poder latir. Seu cachorro, vou te ensinar a latir bonito! Anda, late...

Ele deu um grito de dor, mas ela falou com mais raiva:

– Vamos, eu quero ouvir é latidos. Você me fez passar vergonha perante minhas amigas. Agora, quero ver... Vai imitar cachorro só pra mim...anda...late...

Outro golpe, mais forte, fê-lo entender que era melhor obedecer. Começou a cheirar a sandália e a latir. Mas ela mandava latir mais alto. Ao lembrar da calcinha de rendas branca e dos pêlos nas coxas, seu membro

foi se intumescendo até quase estourar de tão duro. Procurava esconder “aquilo”. Ela continuava:

– Vai apanhar como um cão danado! E tem que latir até eu achar que aprendeu bonitinho... vamos, mais forte... late como o Bob, vai..., gritava – acelerando as pancadas.

Percebendo que estava fora de si, insana, ele repetia os latidos, achando tudo uma palhaçada. O embaraço maior era o membro duro. Já não agüentava mais de dor na bunda e no saco. O membro ereto. Quando ela notou, parou encabulada. Após uma breve pausa, deu mais umas lambadas dizendo:

– E se contar isto a teu pai, vai ver do que sou capaz. Vai tomar seu banho agora e não se esqueça: bico calado...

Agarrou as roupas, protegendo as “vergonhas” e foi para o banho. De molho na banheira massageou a bunda doída. Se masturbou muito. Ficou feliz. No jantar, calado, evitou o pai e nem olhou do lado dela. Sentia vergonha por ela tê-lo visto “naquelas condições”.

Começou a fingir que estudava, mas ficava se masturbando, só pensando nela. As punhetas nem sempre davam o resultado esperado. Em sua fantasia via o vão das pernas da mulher com os pentelhos ao redor da calcinha, mas se não imaginasse estar apanhando, latindo e cheirando a sandália branca, não conseguia orgasmo. No fim do mês veio nota baixa no boletim. Ao recebê-lo, a moça, antes de mostrar ao marido, ordenou que se despisse, pois “estava merecendo outra boa surra”. E o suplício recomeçou. Fazendo-o cheirar sua sandália e a latir como um cão, não se contentou enquanto não teve certeza de que estava excitado. Pensando nos pentelhos em volta de sua calcinha, gozou ali mesmo. Então... sentiu que era isso que ela queria!

Dali em diante, algumas vezes, fazia alguma traquinagem esperando a surra, agora, deliciosa. Quando começava despir-se já ficava intumescido. Suportava os golpes até certo ponto. Quando era forte demais, perdia a ereção. Mas aquilo servia para fantasias masturbatórias, quando estivesse sozinho.

A mulher notou que devia bater moderadamente para que ele chegasse ao orgasmo. Assim começou um jogo entre eles. Passava a excitação, ele tinha mágoa, mas ela parecia não se importar com isso.

Quando ele tinha quinze anos, Solange sofreu um grave acidente. Ao vê-la morta, pensou que ela deixara marcas profundas em seu corpo e em sua alma. Ficou parado algum tempo ao lado do caixão, pensando nas surras, nas punhetas e se perguntando se aquela mulher não teria desejado tocá-lo, vendo-o gozar na sua frente quando o surrava. Sem querer, diri-

giu-se a seu quarto. Pensou em fazer uma última homenagem a ela. Masturbou-se, aparando o esperma na mão. Em seguida foi até o velório e sem que ninguém percebesse, esfregou aquela gosma ainda quente em suas mãos. Ela nunca o sentira, mas sempre o provocara!

Passou um bom tempo sem ter coragem de tocar-se. Triste, percebeu que realmente só ficava satisfeito quando se imaginava apanhando, sendo xingado de cachorro, obrigado a cheirar uma sandália. Tentou resistir. Mas não teve jeito. Assim que entendeu que esse fetiche era a melhor e a mais gratificante maneira de chegar ao orgasmo, desejou encontrar uma mulher que o satisfizesse. Por isso me escreveu, pois sabe que eu não discrimino ninguém, nem trato um fetichista como maluco. Pediu que ao menos uma vez o açoitasse sem piedade. Visitara algumas prostitutas em vão. Ao ler meus artigos, pensou que só eu poderia compreendê-lo. Sei administrar a arte do espancamento, como uma violência terna ou um carinho violento, respeitando limites. Conheço o prazer aliado à dor, pois a criança que apanhou de chineladas, palmadas, chicotadas, acostumou a transformar a dor em prazer. Nada atemorizador, portanto.

Quando o conheci numa tarde chuvosa em S. Paulo, ficamos amigos e prometi a ele publicar sua história. Quando o livro *Tormentos Deliciosos* saiu, ele me escreveu cobrando a promessa. Faz questão que muitos saibam as razões de sua preferência, assim imagina que as mulheres vão se acostumar a ver certas predileções apenas como fantasias, onde os fatos vividos na infância influenciam a vida do adulto. Acredita que muitas pessoas vão começar a encarar as Parafilias como parte integrante da personalidade dos adeptos do sexo bizarro.

A última vez que o vi falei sobre esta obra e que iria encaixar seu depoimento. Na porta do Teatro Municipal do Rio, onde comandava o descarregamento de peças para o *show* que trouxera da Alemanha, ali mesmo abaixou-se, beijando meu pé. Disse estar frequentando o Club “O”, onde era plenamente satisfeito pelas garotas da casa. Este caso verídico não poderia deixar de fazer parte destas páginas.

## Fantasia-se seja feliz!

**CISVESTISMO** – Prazer em fantasiar-se para o sexo.

Peter Dally, um psiquiatra inglês, estimou em 5% da população masculina que têm fantasias cisvestímicadas, isto é, adorariam vestir roupas fantasiosas na hora do ato sexual. Fardas, uniformes de médico, enfermei-

ra, trajes de gala, roupas sensuais, cores e padrões que fogem ao convencional. Uma vizinha me contou que a fantasia de seu esposo é que ela arranjasse um traje completo de colegial, entrasse correndo pelo aposento balançando a lancheira falando com voz infantil: – Titio, cheguei para estudar, já chegueeeiii.

Dali iria se desenrolar uma sedução até o ato final. Junto com as lições, os beijos e o sexo fariam parte da aula. Ela só estava esperando uma oportunidade para satisfazê-lo.

Muitas vezes são as mulheres que desejam transar com um homem vestido de farda, de médico, etc. Em minha lua-de-mel, quando eu tinha apenas 18 anos, nem sabia nada de sexo, desejei que meu marido vestisse minha camisola transparente, tentei amarrar um laço de fita em seu cabelo e fazer uma maquilagem. A primeira vez, aceitando a brincadeira, fez o que eu quis. Depois... nunca mais.

Esses fetiches são muito comuns. Quando o homem exterioriza seu lado feminino vestindo calcinhas, sutiãs, cinta-ligas, meias finas, *baby-doll*, camisolas de *lingerie* e roupas femininas, se excita, e às vezes copula com algumas peças no corpo. Uns chegam a usar calcinhas em vez de cuecas, e exteriormente não aparentam nada que os identifiquem. Ele é heterossexual. Apenas sente uma atração compulsiva por roupas diferentes. Muitos são casados e têm filhos.. Alguns confessam seu prazer à esposa, com a finalidade de obter consentimento e até participação dela em sua fantasia.

No Brasil, durante o carnaval, muitos homens aproveitam a festa para disfarçadamente realizar seus desejos. A sexologia clássica não trata desses casos esporádicos. Mas com certeza, nessa ocasião, muitos homens realizam a fantasia secreta e saem em público, exibindo-se com roupas do sexo oposto, felizes em poder soltar “a franga”, passando por simples foliões.

Já foi feita uma pesquisa que resultou na afirmação de alguns psicólogos que nessa tendência pode haver fatores neurológicos, outros psicológicos, e até genéticos. Mas tudo são hipóteses. Particularmente, acho que cada um tem que viver a fundo suas fantasias, desde que não prejudique ninguém...

Existem pessoas que praticam o **cisvestismo** sem nenhuma conotação sexual. É o caso de mulheres que se vestem com a finalidade de aparentar menos idade. Ou rapazes que querem aparentar mais. Na “anti-ostentação”, isto é, um ricaço com roupas despretensiosas, etc. Essa tendência de vestir-se principalmente para o sexo em desacordo com os demais não é preocupante, desde que a pessoa não adote isso como um hábito, e passe a só querer se excitar dessa forma.

O cineasta Luis Buñuel, ao filmar *Viridiana*, mostra um viúvo saudosos que veste as roupas da falecida. Muitos casos de pessoas que se vestem com as roupas da amada, para sentir seu cheiro, ou sua “presença”, já têm servido de tema para livros e filmes. Todos sabem que essas tendências existem, mas quase ninguém confessa ser um feliz civestista...

## **Galinha velha é que dá bom caldo**

**GERONTOFILIA** – Prazer em praticar sexo com pessoas bem mais velhas.

A grande maioria das pessoas que se mantém ativa sexualmente depois dos 50 anos está mais apta a satisfazer o parceiro, e isso é uma das razões dos jovens terem atração pelos mais velhos, pois a experiência e o conhecimento que adquirem durante toda vida faz com que se tornem sensuais e sábios aos olhos dos que apreciam um ato sexual incrementado.

Alguns psicólogos costumam explicar o comportamento de um jovem que procura uma mulher mais velha como um certo meio de proteção maternal e de uma jovem por um homem mais velho como interesse financeiro, quando não explicam assim para ambos os casos. Mas, na verdade, temos exemplos ao longo da história de casais que o parceiro era de igual condição financeira, com grande diferença de idade, que viveram felizes até que a morte os separou. Um desses casos, aqui no Brasil, foi o da famosa Chiquinha Gonzaga, que se separou do marido por ser uma mulher muito “avançada” para sua época e viveu um amor clandestino com um jovem mais de trinta anos mais novo que ela, durante longos anos, até a sua morte.

É muito comum a sociedade ter preconceitos quando se trata da mulher mais velha. Principalmente se os citados têm vida pública, como era o caso da Vera Fischer e do Felipe Camargo; as más línguas não deixam em paz. Mas quem vive ou viveu essa situação, garante que o velho ditado que “panela velha é que dá comida boa”, ou “galinha velha é que dá bom caldo” é muito certo, pois nem tudo pode ser baseado na diferença de idade, ou apenas no visual de um corpo perfeito, e, para alívio dos “coroas”, existem também os que se atraem mesmo por tudo que é oposto.

O poeta Flávio de Mel diz que “somente a matéria envelhece perante a sabedoria”. Além disso, existem os que se excitam sexualmente com pessoas deformadas, envelhecidas, muito gordas, muito magras, peludas, cor oposta, mulheres grávidas etc. Desejam para si o contrário do que são.

Vemos homens altos com mulheres baixas, baixos com mulheres mais altas, feios com mulheres lindas, homens bonitos com cada canhão à tiracolo! Só pode ser considerada patologia gerontóloga a pessoa que só se excita pela atração exercida por pessoas mais velhas, ou de aparência oposta, como o branco que só gosta de preta ou no mínimo mulata. Mas quando, por força das circunstâncias um, casal se conhece e não se importa e até prefere as diferenças, contanto que não se torne um fetiche, não precisa se preocupar com sua escolha.

A sociedade é muito crítica quando se trata da mulher mais velha. É que nos acostumamos a pensar que os idosos são mais “fracos” sexualmente. Mas isso não é verdade e, no caso da mulher, dizem que quanto mais o tempo passa (ou pela experiência, ou pelos outros fatores de sua condição), tem mais consciência de seus atributos sexuais. Muitas vezes escolhe um jovem justamente pelo vigor sexual. Existem muitas explicações para essa união. Acredito que o mais importante é o amor e a admiração que um tem pelo outro. E como todas as uniões, também deve ser... “infinita enquanto dura”.

## Sexo com deficientes

### ACROMOFILIA – Sexo com aleijados e mutilados.

Temos de admitir que todos os seres humanos, incluindo aqueles de alguma forma incapacitados, têm o direito de exprimir a sua sexualidade. Já se começa não apenas a tolerar o interesse sexual dessas pessoas, como também a cultivá-lo. Livros como *No Silêncio do Sexo* do escritor Ricardo Marcondes, *Se Houver Amanhã*, do escritor Carlos Moreno, *Minha Profissão é Andar*, do Luiz Carlos Pecci, mostra-nos as dificuldades de paraplégicos para se relacionar sexualmente.

Do outro lado (meu marido foi paralisado durante dez anos) eu sofri na carne as dificuldades geradas por uma emeplegia. Mas essa história vai ser relatada no próximo livro, que se chamará *Farândula*, já em preparo.

O sofrimento maior não é tanto pelo preconceito social, mas pela sua própria condição de saúde. É difícil alcançarmos o universo sexual de uma pessoa com o físico deteriorado por uma doença que o deixa sem movimentos ou mutilado. Eu sofri na pele durante anos esse problema, pois meu marido foi deficiente físico durante 10 anos. Só mesmo o amor e a abnegação superaram os traumas e dificuldades de um casal nessas condições.

Independente das dificuldades, existem pessoas (principalmente homens) que desejam e têm atração por mulheres com defeitos físicos e mutiladas. Acredito que quando uma mulher nessas condições se relaciona com um homem, deve dar tudo de si, tanto para agradar e satisfazer o companheiro, como para saciar sua carência afetiva e sexual, já que devem ter menos chances de variar de parceiros.

A revista francesa *Bizarre-International-Bondage*, número 6, narra a história de Alice, uma mulher mutilada de uma perna. Pelas ilustrações e o depoimento dela, dá para sentir que não existe diferença quando o parceiro toma sobre si a responsabilidade de causar prazer. Quando o “doente” tem a cabeça e o coração inteiros, nada é empecilho. As posições, o prazer, a satisfação são os mesmos. E se alguém se excita com o visual da deformidade, melhor ainda...

Essa predileção sexual é muito mais comum do que se imagina. Existem homens tarados por mulheres em cadeiras de rodas, ou deficientes de alguma forma.

Muitas revistas estrangeiras exploram esse tema e têm vendagem consumida por pessoas que, além da curiosidade, se excitam com as ilustrações e narrações de casos onde mulheres deficientes se divertem na prática do sexo. Enquanto a maioria marginaliza pessoas com problemas, existem as que procuram por elas. O escritor Ricardo Marcondes, antes da doença, via falar que os paraplégicos são muito assediados pelas mulheres por terem ereção demorada. Com o passar do tempo, viu que não é bem assim... Mas homens que têm tesão por mulheres deficientes físicas, ah! isso tem! Quando escrevi sobre isso em minha coluna do Jornal *O Palavra-vrão*, do Rio de Janeiro, recebi uma carta de um leitor com o pseudônimo Alfonsino Castro, de Duque de Caxias – RJ, dizendo ter gostado muito da matéria. Contava que tinha 58 anos de idade e que há 23 tem uma mulher deficiente física. Diz: “Acho que nascemos um para o outro, pois nosso caso é de tesão e amor. Nos completamos. Quando ela tinha 13 anos, teve uma doença no osso da perna esquerda, e o médico amputou-a por completo. Do lado esquerdo só tem a nádega. Foi uma plástica sem cicatrizes e isso dá um visual erótico excitante quando ela deita, pois os lábios da vagina são algo muito especial. Se for do seu interesse, na próxima, conto como adquirei este tipo de desejo, ou tara.”

Mas não voltou a escrever, ou se escreveu, não a recebi. Foi uma pena, pois seu exemplo no mínimo serviria de incentivo para que outros não olhassem para um deficiente físico com pena ou desprazer. Esses sentimentos são perniciosos para o bom desempenho sexual e até psicológico dessas pessoas que, como outras quaisquer, têm desejos, sonhos, fantasias e... muito tesão.

## Imobilizado

Muitas pessoas gostariam de ficar amarradas, submetidas à imobilidade, enquanto o parceiro “usa” seu corpo para carícias ousadas, sem poder fazer um gesto de impedimento ou mudança de situação. Mas têm medo de tentar. Ao ser levado a uma curva orgásmica lentamente, imobilizado, forçado a ter sensações mais fortes como através de sexo oral, sentem o que essa maravilhosa técnica pode fazer para um bom desempenho sexual. Principalmente os homens que têm esse tipo de fantasia, se auto-imobilizam, prendendo pés e membros, praticando assim a masturbação. Aumentam o estado de excitação apenas com o visual de suas próprias imposições e regras, num jogo erótico consigo mesmos. É importante que treinem antes de se sujeitar a uma prática dessa natureza. É preciso levar em consideração muitos fatores e não apenas o autoprazer. Um leitor me contou que ao praticar a imobilização, as cordas se prenderam num nó impossível de desatar. Quando os amigos da república de estudantes, onde morava, chegaram, tiveram que salvá-lo do sufoco e por muito tempo foi motivo de gozação. Foi uma situação embaraçosa. Por isso recomendo um treinamento cauteloso e consciente, antes da prática real. Seria melhor se alguém participasse da brincadeira. Na técnica e prática, as fantasias de imobilização que parecem fáceis podem se transformar num perigo. Mesmo com a aparelhagem certa é preciso saber prender sem machucar, soltar instantaneamente quando preciso.

Amarrar os braços acima da cabeça, tornozelos um ao outro, joelhos unidos deitado de costas ou em pé em uma coluna, ou numa árvore ao ar livre, é tudo que sonham os que se excitam imaginando-se indefesos, obrigados a praticar os diversos jogos amorosos. Para uma imobilização perfeita, pode-se usar as sofisticadas algemas, as práticas correntes com cadeados, cordas de algodão macio, até as improvisadas meias de *nylon*. O importante é ter cuidado. Nunca prender nada em torno do pescoço sem estar seguro de sua pronta desativação. Mas o bom mesmo é evitar isso. A mordaca faz parte do jogo, mas é preciso conhecer bem os limites do parceiro, pois o “prisioneiro” não deve ficar em situação de não poder indicar quando não está se sentindo bem. O dominador deve ficar atento a qualquer sinal de irregularidade.

Uma das regras é entregar-se a alguém que se conhece bem, nunca a um desconhecido. Algumas pessoas apresentam sadismo maldoso ou até mesmo sadismo psicopático. Sendo doloroso e inibidor, não causa prazer. A imobilidade deve ser mais simbólica que real, sem agressividade. A pessoa tem que ser firme, mas agradável, impetuosa mas ponderada, nunca mau e



desajeitada. A violência e a ternura em doses iguais é a receita certa para se alcançar gozo e prazer. Após o orgasmo, o homem deve ser imediatamente desamarrado, para não tolher seus movimentos espontâneos e não inibi-lo. Com cuidados especiais, pode-se proporcionar ao outro uma grata realização, sem punhos doloridos, câibras, ou outros desconfortos. A prisão tem que ser de comum acordo, para dar verdadeiros resultados.

### (IMOBILIZAÇÃO) – NÃO SE MEXA!

A *bondage*, como se denomina em inglês, ou *ligottage*, em francês, é a arte não-violenta de imobilizar o parceiro, para excitá-lo até o limite de sua carga erótica. Muitas pessoas gostariam de se entregar a outra para sofrer esse delicioso castigo, mas têm medo. Realmente é preciso conhecer e confiar muito na índole e nos predicados sexuais de alguém, para deixar-se prender por cordas e correntes. Quem se prontifica a práticas dessa natureza deve levar em conta o prazer, quando a dor proporcionada seja cabível dentro dos limites de quem se deixa imobilizar. Por isso o equilíbrio e a segurança máxima devem ser as principais preocupações. Existem regras indispensáveis para a imobilização, e todo “dominador” tem que ter certos cuidados. Nunca prenda nada em volta do pescoço de alguém que não possa ser desatado imediatamente. Cuidado com a circulação dos pulsos e tornozelos. Áreas genitais devem ser cuidadosamente manipuladas e a atenção maior deve ser para a expressão fisionômica do “escravo erótico”, principalmente quando está amordaçado. A qualquer sinal de dor ou desagrado, é necessário cuidar para que o outro se sinta bem, e com excitação crescente. A verdadeira arte da imobilização deve ser simbólica, mas sempre firme e com a máxima segurança. Só assim produz bons resultados.

Os estímulos devem ser exageradamente lentos. A felação ou cuni-  
língua não podem faltar.

Tive um amor muito complicado. Era casado e vivia às voltas com problemas de família e negócios da sua indústria. Nos restava pouco tempo para realizarmos nossas fantasias amorosas. Suas visitas eram muito rápidas. Eu tinha que respeitar e aproveitar o pouco tempo que ele dispunha. Era meu escravo erótico por livre e espontânea vontade, entregava-se inteiramente a meus caprichos e prazeres. Fazíamos brincadeiras sexuais interessantes, e uma das que sempre me recordo com satisfação aconteceu numa tarde, quando consegui mais tempo para ficar comigo.

Ele curtia a imobilização e meu desejo sempre fora prendê-lo firme, mas confortavelmente, praticando felação e masturbação lenta. Com seu

corpo à minha disposição, queria fazer uma “tortura” deliciosa, inesquecível. Quando “vesti” as correias de couro, cheias de fivelas e taxas em seu corpo, entendeu que ficaria à minha disposição, privado de meios para agir por conta própria. Os punhos foram presos na argola que prendia suas coxas e os antebraços à altura de sua barriga. O membro, já ereto, foi confortavelmente instalado na abertura para essa finalidade. Vendei-lhe os olhos, para que ele sentisse o prazer da brincadeira, como num sonho.

Deitei-o de costas, prendendo seus tornozelos com cordinhas macias e fortes. Precavidamente, dei algumas voltas, passando a ponta por dentro, para prender a corda, evitando que a circulação fosse prejudicada. Deslizei a mão pelo membro loucamente enrijecido, apertei-o firme e forte, em sua base. Senti meu homem muito *sexy* naquela posição. Impossibilitado de alcançar meu corpo, sem poder me ver imóvel, desfrutava os carinhos com prazer.

Dando atenção à masturbação, deslizei suave para cima e para baixo, lentamente. De repente, apertei com toda minha força e voltei agora num ritmo frenético, voluptuoso. Gemeu deliciado. Dali a pouco, estaria gozando. Então parei, beijei todo seu corpo, fui virando-o de bruços, acariciei suas nádegas com a língua. Encolhi seus joelhos para virá-lo de lado, expondo-o às explorações de meus dedos buliçosos. O membro duro babava esmegma grosso e abundante.

Depois de explorar sua região anal à vontade, sentindo a próstata ao redor de meu dedo brincação, minha outra mão continuava masturbando-o. Desvirei-o ajudando-o a sentar confortavelmente, tirei sua venda e iniciei um *strip-tease*. Expunha minhas partes genitais em várias posições. O exibicionismo ante seu olhar curioso e seu corpo imóvel, membro ereto babando de desejos, me excitou loucamente. Já estava prestes a explodir. Então parei. Acendi um cigarro, soltando a fumaça em seu rosto. Levei o cigarro a seus lábios, sem deixá-lo tragar.

Depois de um bom tempo naquela provocação, deixei-o dar uma fumadinha. Ele sorveu a fumaça como se aquela fosse a tragada mais deliciosa de toda a sua vida. Só então, depois de deitá-lo sobre a cama, na posição 69, esfregava-me em seu rosto. Era tudo que precisava no momento. Conseguindo meu gozo abundante, saí de cima dele, aumentando a velocidade da mão em seu membro. Parava, soltando-o quando via que ia ejacular. Eu queria que me implorasse, pedisse, suplicasse, para continuar até seu prazer total. E quando pediu que por piedade o deixasse chegar ao clímax, suplicando desesperado, contorcendo-se, esfregando-se na cama como um bicho cheio de veneno, atendi-o prontamente. Assim, havíamos desfrutado da brincadeira da imobilização com segurança e muito prazer.

## Sadismo erótico

O sadismo erótico existe em todas as pessoas em maior ou menor intensidade. Pelo menos uma vez as pessoas que se consideram totalmente “normais” já devem ter praticado alguma forma de estímulo sexual com mais violência e força. Uma “guerra” de travesseiros, beliscões leves, mordidinhas nos lóbulos das orelhas, arranhões, puxões de cabelo, ou até quando se finge dar um beijo e se recua sem satisfazer a vontade do outro, e tudo que se preste para provocar eroticamente pode ser considerado como estímulos do SE (Sadismo Erótico). Esse tipo de sadismo nada tem de patológico. Respeitando os limites das pessoas, não obrigando alguém a fazer o que não queira, mantendo um equilíbrio entre o desejo e a ação, o poder e a força, não levando até as últimas conseqüências seu domínio sobre os outros, essas são as regras do SE. Estas pessoas de bem com a vida fazem outros felizes. Quando alguém tem vontade de imobilizar o parceiro, brincar com seu corpo e “abusar” da disposição sexual do outro com equilíbrio, carinhosamente, sem ferimentos e castigos insuportáveis, não deve se preocupar. Masoch, ao descrever Wanda, colocou nela os sentimentos de quem ama e pratica o sadismo erótico para agradar o parceiro. O amor é o maior “afrodisíaco” que existe. Num trecho de sua obra mais famosa, a *Vênus das Peles*, deixa claro o seu controle.

“Começo a sentir prazer nesse jogo – disse ela –, mas por hoje chega; contudo, tenho uma curiosidade diabólica em saber até onde chega a tua capacidade de resistência, uma cruel volúpia apodera-se de mim ao sentir-te tremer sob o chicote. Mas agora levanta-te.”

Nota-se que Masoch descreveu a mulher de seus sonhos como uma sádica equilibrada. Assim deve ser todo relacionamento, quando se tem em conta o erotismo e bem-estar dos envolvidos nos padrões do sadomasoquismo atual, provando que nem Masoch, foi tão “masoquista” como querem imputar-lhe. Quem estuda a vida de Masoch e do Marquês de Sade, descobre que eles não foram os “sadomasoquistas” que os historiadores querem fazer crer. Os personagens de Sade se aproximam do que era o povo de sua época. Mas Masoch é bem claro em suas explicações. É só procurar entender suas entre linhas.

Se Sade fosse mesmo tão cruel, na hora de condenar sua sogra, a quem odiava, como juiz no julgamento dos nobres quando se livrou da Bastilha, a salvaria da morte?

Tudo indica que Sade foi antes de tudo um filósofo incompreendido, um cientista infeliz e um escritor genial. Não um “sádico” perverso e desalmado, criminoso e perigoso, como os personagens que criava, descreven-

do-os com requintes maldosos, revestidos de uma psicopatia latente que o poder e os títulos de nobreza lhes conferiam, pois a realidade daquela época era assim. Só que ninguém tinha coragem de enfrentá-la.

Já Masoch criou muitos romances destacando suas predileções no amor, mas quando os cientistas começaram a estudar seu comportamento taxando-o de “anormal”, depois de ter recebido reconhecimento como um bom escritor e títulos pelo mundo afora, ficou muito aborrecido, principalmente por terem ligado seu nome ao de Sade. Ele, particularmente, achava que um não tinha nada a ver com o outro. E não têm mesmo, mas como escritores, tiveram coragem suficiente para criar personagens e narrar seus próprios gostos, em obras distintas e científicas que até hoje mexem com os “bons costumes”.

## Fantasia

Quando eu era pequena, construía um mundinho todo meu. Juntava latinhas vazias, cacos de louça e coisas inúteis como se fossem valiosos utensílios domésticos. Arrumava-os nas “casinhas” sob as árvores, e imaginava estar numa mansão. Falava com as bonecas, respondendo a mim mesma num monólogo solitário, acreditando que elas me respondiam. Via os meninos arrumarem sabugos de milho como se fossem boiadas. Montavam em cabos de vassouras como possantes cavalos.

Fantasia infantil são poderosas, apaixonadas e muitas vezes permanecem pela vida afora e invadem o mundo adulto. Quando se descobre o sexo, e na adolescência, dá-se primordial importância a tudo que se refira a esse assunto. Preenchemos necessidades insatisfeitas, compensando realidades impossíveis. Nessa fase, nasce um sonhador.

Muitos jogadores compulsivos jogam apenas para ter o direito de sonhar. Arriscando a sorte num jogo, ganham o direito de ficar dias imaginando “o que vão fazer com o dinheiro”.

A prática do SME (sodomismo erótico) é muitas vezes para um adulto como um brinquedo de criança, ou os sonhos de um ganhador imaginário. Essas pessoas amadurecem voltadas para suas primeiras impressões e descobertas sexuais. Quando é impossível satisfazer a curiosidade ou necessidade, satisfazem seu desejo sexual baseadas em fantasias masturbatórias bonitas, imaginando ser muito amadas e solicitadas sexualmente, e isso gratifica o inconsciente. De tanto praticar a sós, isso acaba virando uma obsessão, se não encontram alguém que compartilhe as mesmas tendências.

Mas o S.M. (Sádico Maldoso), o S.P. (Sádico Psicopático), o M.C. (Masoquista Compulsivo), o M.M. (Masoquista Moral) e o M.A. (Masoquista Alienado) teriam que desde cedo identificar seu interesse, desejos, tesão, medo, complexo de inferioridade, os traumas, frustrações, para corrigir-se em tempo. A consulta a um psicólogo iria dar bons resultados. Mas quem, na adolescência, sabe que seu tesão é um desvio da personalidade e identifica o perigo?

Outro problema é que ele gosta disso. Imaginar-se nas situações fantasiadas lhe trás compensações masturbatórias, por isso não confia seus segredos a ninguém que possa vir ajudá-lo.

A pessoa que tem uma personalidade sádica maldosa ou psicopática, pode desenvolvê-la tornando-se um perigo. Teria que ser eliminada do convívio social entrando numa clínica de tratamento psicológico e terapêutico. O S.M. e o S.P. são perigosos quando se metem nos meios eróticos, ou se oferecem a alguém como dominadores. Existem casos extremos em que esses anormais ultrapassam todos os limites do outro, causando graves lesões físicas e até a morte. Não são fáceis de identificá-los, mas um pouco de bom senso é indispensável quando um SME parte para um relacionamento com estranhos. O melhor é nunca, NUNCA expor-se a um desconhecido antes de um bom papo, e, mesmo assim, é preciso tomar muito cuidado, pois muitas vezes podemos nos enganar.

Quando comecei a pesquisar esse assunto, não sabia muita coisa a respeito, mas já tinha sensibilidade suficiente para me safar de muitos S.M. ou S.P.. Hoje, é diferente. Logo sei se uma pessoa é confiável ou não.

Lembro-me do horror que me causou uma conversa que tive com certo indivíduo numa mesa de restaurante. Contou-me seus desejos e tesões. Um deles era pagar para algum pai ou mãe emprestar-lhe uma criança, estuprá-la na frente deles, pagando o que exigissem para satisfazer essa vontade. Contou-me que morria de tesão quando via essas pessoas que pedem esmolas nos cruzamentos. Quando o semáforo estava fechado e um pai ou mãe se aproximava de seu carro com uma criança no colo, seu membro já começava a intumescer!

Arrepiei-me ao pensar que o Marquês de Sade tinha razão quando escreveu os *120 Dias de Sodoma*. Aqueles personagens que descreveu bem, típicos de seu tempo no meio da nobreza, existem até hoje! Fiquei preocupada com o que poderia acontecer se aquele homem à minha frente encontrasse alguém com uma criança roubada no colo, cenas comuns nos dias de hoje!

Acredito que a maioria dos que tem esses “tesões” não possuem excepcionais qualidades físicas ou o mínimo de boa índole formadora de

um caráter nobre. Por isso, desejam satisfazer seus instintos desequilibrados, até por diversão...

Já o M.C.(masoquista compulsivo), o M.M.(masoquista moral) e o M.A.(masoquista alienado) oferecem-se para servir como “escravos”, implorando por punições, humilhações, degradações etc. Por não resistirem à vontade de satisfazer pelo menos uma vez suas fantasias (compulsão), ou para cumprir um acordo que para qualquer indivíduo não tem valor algum, mesmo passado em cartório (quer honrar a palavra dada), ou por não se preocupar realmente com o que possa vir a acontecer. Por estar tão ansioso para satisfazer-se, chega ao ponto de nem pensar nos problemas que possa vir a ter. Essas pessoas dão inteiro poder ao dominador, ou quando praticam a sós, correm certos perigos. Já aconteceu de encontrarem pessoas mortas em posições ou maneiras inexplicáveis. Elas apenas estavam simplesmente “realizando” fantasias sexuais. Tenho a carta de um masoquista-alienado que me conta:

“ Wilma, o meu maior sonho é conhecer uma mulher que realize minha fantasia de imobilização. Adoro ficar imaginando que a “mocinha” me prende e me castiga expondo minha genitália, brincando com ela, me masturbando e praticando felação até que eu goze. Eu faço tudo para resistir, mas, no fim de um tempo, meu esperma esguicha e isso me dá tanta satisfação que na impossibilidade de encontrar alguém que compartilhe comigo, já tenho corrido alguns riscos. Outro dia, aqui na “república” de estudantes onde estou morando, aproveitando a ausência dos colegas, amarrei uma corda na viga da área de serviço e prendi-me, não dando maior atenção ao laço em torno do pescoço. Acontece que meu pé resvalou sobre o banquinho em que estava trepado e este caiu. Wilma! Que situação! Não conseguia desatar o laço, e quando um colega chegou (graças a Deus), levou um susto me vendo nu, pendurado pelo pescoço. Se ele não tivesse esquecido um objeto e voltado em casa, na certa só iriam me encontrar morto! Primeiro eu disse que foi um assalto, mas vendo que era mentira, começaram a me gozar. Acabei “confessando” que estava tentando o suicídio. Na primeira mentira, todos riram, me ridicularizando, pois nada faltava em casa, e porque a nudez? Entre a dúvida e a certeza, os colegas passaram a me tratar como um pobre coitado, um demente, uma pessoa que precisa de atenção, carinho e cuidados. Mas eu prefiro isso que lhes confessar as verdadeiras razões que me levaram me a pendurar naquela corda! Wilma, como faço para encontrar aqui mesmo, em Belém, uma dominadora que aceite praticar a imobilização, em mim e comigo? Júlio, Belem, PA.”

Como ele faz para encontrar uma dominadora em Belém eu não posso saber, mas como tomar mais cuidado das próximas vezes que for realizar suas fantasias, é muito fácil de imaginar...

O que sei também é que todo masoquista erótico deseja viver ao menos um momento de suas fantasias sem correr risco de vida, sem tornar-se ridículo e de preferência que uma outra pessoa participe de suas “criações” com tesão, compartilhando assim de um momento único que se transforma em dupla felicidade, sem que a realidade interfira entre eles. Masoch exemplifica isso em um trecho de sua obra *A Vênus das Peles*:

“De repente, seu olhar (Wanda, a Vênus castigadora) tomou um ar sombrio, mesmo selvagem, e chicoteou-me; um momento depois pousou-me delicadamente o braço à volta da nuca e inclinou-se para mim com paixão.

– Magoei-te? – perguntou semi confusa, semi-angustiada.

– Não, respondi, e mesmo que tivesses magoado, as dores que me infligires serão para mim um prazer.

– Sim. É um prazer enquanto sabes que não é sério, que não tenho intenção de te fazer mal. Este jogo bárbaro repugna-me. Se eu fosse verdadeiramente a mulher que espanca os escravos, sentirias pavor.”

Ao relatar dessa forma seus sentimentos, Masoch prova a parte psicológica desse “jogo”.

Os que aprenderam a transformar a dor em prazer, os que desejam submeter-se a uma pessoa despota e dominadora, são criaturas que vivem suas fantasias mais secretas, num mundo real. Se encontrarem parceiros que os ajudem a realizar um clima erótico onde seus limites são respeitados, darão tudo para viverem e satisfazerem mesmo uma única vez as suas fantasias. Quando o masoquismo não envolve castigos físicos (ser admirado numa roupa especial que é seu fetiche, por exemplo), satisfaz o anseio de ter um bom aspecto, um físico atraente. Quando é um “escravo erótico” sente-se liberto para fazer o que realmente gosta, competente, e quer ser reconhecido como o melhor serviçal de cama e mesa, merecendo respeito e atraindo “admiração”, e assim obtém gratificação sexual psicológica, mesmo que não lhe seja permitida a prática do sexo.

As fantasias dentro do limite da normalidade, embora ultrapassem as convenções sociais, não prejudicam ninguém. Viver das fantasias e perder o interesse pela realidade, isso sim pode ser um risco. Isso prejudicará muito o equilíbrio emotivo e sua personalidade será desviada, por isso alguns médicos sem conhecimentos reais do SM chamavam as parafilias de desvio.

Fantasia não é sinal de desequilíbrio, desde que não se confunda fantasia com alienação e maldade. Quem deseja praticar o erotismo dentro dessas variantes sexuais, tem que ter responsabilidade. Pode reconhecer que não é masoquista alienado se conseguir segurar sua compulsão e desfrutar de suas fantasias apenas quando tudo for favorável, isto é, com outra pessoa que conheça bem, ou em situações em que não corra risco de vida. Não é sádico maldoso quando respeita o limite do parceiro, sem obrigar ninguém a fazer o que não queira, satisfazendo-se apenas com o joguinho ou “teatrinho”, sem tentar realizar tudo o que deseja custe o que custar.

## O escravo erótico

Geralmente o masoquista totalmente submisso aprendeu a transformar a dor em prazer quando na infância apanhou muito, em surras repetitivas e principalmente nas nádegas, onde os Corpúsculos de Meissner são em maior abundância. Sua personalidade foi formada embaixo de muita tortura psicológica por adultos repressores. Quando crescem, adoram submeter-se em todos os sentidos. Um homem com a personalidade dócil, generosa e passiva gosta que os “mestres do prazer” usufruam de seus dotes sexuais e também de seus préstimos. Dentro de estrita disciplina e severas punições, cumpre obrigações domésticas, tornando-se perfeito empregado de “cama e mesa”.

Vemos anúncios em revistas especializadas, e muitos nem acreditam que alguém possa gostar dessas coisas...

Mas existem muito mais masoquistas homens de que mulheres. Não exigem prazeres totais (isto inclui o gozo) e preocupam-se em bem servir qualquer tipo de mestre: mulher, homem ou travesti. Sua maior satisfação é saber que desempenham bem as funções que lhes são ordenadas. É o prazer psicológico. Sua cabeça funciona mais para a satisfação espiritual que física. Ao sentirem que são uns bons cumpridores de seus “deveres”, sentem-se realizados. Desde limpar bem uma casa, até preparar o seu dono(a) para a prática do sexo com outros parceiros, restando-lhe apenas o consolo de elogios e restos de generosidade que possam ter para com eles. Em *Tormentos Deliciosos* destaco essa tendência no conto “Depoimento de Honório”.

No exterior, onde o sadomasoquismo é praticado em família, as esposas obrigam os próprios maridos a servi-las em reuniões sociais, e na vida privada são perfeitos serviçais. Os depoimentos desses maridos felizes e realizados são encontrados em jornais e revistas especializadas. O Sr. John Roulet publicou um depoimento no jornal de Nova York, o *Dominante*



*Mystique*, em que relata seu dia-a-dia como serviçal e amante treinado para agradar a esposa e à todos que ela determinar, sem questionar as ordens e as vontades dela. Afirma estar completamente feliz, e para provar sua obediência assinou um contrato registrado em cartório. Comentei esse depoimento em um artigo, reescrevendo-o inteiramente. Hoje, conhecendo bem essas personalidades masoquistas, não tenho dúvidas que tudo ali relatado seja verídico. Mas aqui mesmo no Brasil podemos encontrar muitos “escravos eróticos”, e essas provas estão em meus arquivos nos depoimentos feitos pelos próprios leitores.

Mas pessoalmente só conheci “escravos” que na realidade, no dia-a-dia, davam as ordens fora da **cama** – o masoquista. Aprendi que para serem completamente submissos, esses homens têm que ser totalmente disciplinados e humilhados até na condição financeira, isto é, para que um masoquista se sinta realmente de bem com a vida, ele não pode ter recursos próprios para se manter, sendo sujeito inteiramente à mulher que o sustenta e provê. Deve também ter uma ligação a ela por amor aos filhos, ou outro sentimento qualquer que o obrigue a aceitar em sua vida diária todas as ordens impostas. Só assim se tornará inteiramente feliz sendo “obrigado” a rebaixar-se nas mais humilhantes situações. Vivendo à expensas de outrem, quer financeiramente ou sentimentalmente, esses masoquistas se entregam e curiosamente se tornam as criaturas mais felizes da face da terra. É como a mulher masoquista que se doa a um “mestre” para ser “obrigada” a agir como prostituta. Assim, ela fica livre do complexo de culpa, da “vergonha” e pecado pelas suas ações.

Em nossas revistas encontramos alguns anúncios de pessoas se oferecendo para serem escravizadas. Se quiser ter um “escravo erótico” à sua disposição, responda apenas impondo sua vontade e tesão. Além de curtir um bom relacionamento sexual dentro desse contexto, vai ter um serviçal excelente... e de graça!

Como exemplo desta preferência, transcrevo aqui, um “conto-depoimento” de um amigo, muito conhecido no meio SM brasileiro por ter aberto um clube sadomasoquista no sul do país. Renato Agostinho, em 95, montou em Porto Alegre o **SM System**. Deve estar usufruindo em seu dia-a-dia a realidade aliada à fantasia. Uma época andou por S. Paulo em busca de uma mulher que o escravizasse, morou algum tempo com esta Dominadora, mas voltou ao Sul, montando o primeiro Clube de SM em Porto Alegre, com shows semanais. Quando foi instituído um concurso de contos pelo *Sex Journal*, ele ganhou em primeiro lugar, por sabermos que era autêntico, que ele vivia essas situações realmente, em algum lugar por S. Paulo. Mesmo que o relato não seja verdadeiro na íntegra (como todo

masoquista, mistura realidade com fantasia), é difícil detectar até onde podemos separar uma coisa da outra... Vou transcrevê-lo na íntegra:

## Um “escravo” chamado Maria Isabel

Hoje exerço as tarefas de criada doméstica numa casa com quatro pessoas. Patrões, filho e nora que trabalham fora. Sou bem disciplinado, honesto, trabalhador e muito obediente. Se não, a patroa vai logo me castigando com relho. Embora sendo homem, apelidou-me de Maria Isabel. Maria, para ser mais preciso.

Visto um avental de criada, bermuda e chinelo, uso brincos baratinhos e uso constantemente um chapeuzinho de camareira. Esta é minha função: levanto à seis da manhã e começo a rotina. Sirvo café e eles saem para o trabalho. Arrumo tudo e levo na cama o desjejum da madame. Aí cuido de sua higiene pessoal. Limpo suas genitais quando usa o banheiro e tudo isso usando minha língua de fada, com muito cuidado para não irritá-la. Depois, arrumo o quarto e lavo as roupas. Gosto delas bem alvejadas e perfumadas. Exerço minhas funções com obediência, alegria e boa vontade.

Tenho alguns defeitos que a patroa imediatamente corrige a chicote, relho, chinelo ou varinha de marmelo, para que eu deixe de ser porca e burra. Aliás, me acha muito burra e sei que tem razão. Diz que tenho merda na cabeça, e eu acho que é verdade.

Os castigos, sobretudo a varinha, doem muito. Às vezes quero me rebelar, mas me submeto e continuo oferecendo passivamente as nádegas para a fustigação. A servidão é meu maior bem e talvez a melhor forma de liberdade. Visto-me e comporto-me como uma criada e é tudo que desejo na vida.

Após os serviços caseiros, assisto as novelas aos pés da patroa, até ser solicitada a atendê-la como objeto sexual. Me dispo exibindo minhas vergonhas. Fico nuazinha. Abaixo-me para lambar seus pés, excitando-a porque ela gosta muito de minha língua, que percorre onde ela exigir. Às vezes, para agradar, ofereço minha bunda para que me espanque e meu patrão me enrabe. Tenho que rebolar muito, pois ele gosta que mexa bastante, até conseguir um ou dois orgasmos. Depois de satisfeitos, cuido de suas higiênes, lambendo as áreas genitais dos dois, para limpá-los.

Assim é minha vida. Tenho uma dona que sabe que se quiser pode defecar na minha boca. Sabe que sou dela. No dia que completei um ano de casa, ela marcou-me com ferro em brasa. Hoje trago as iniciais L e M gravadas para sempre em minhas nádegas. Quando o ferro quente chiou,

me entupecí de dor. Fiz um som gutural, huuuummm, e desmaiei. Ao acordar, dei-me por inteira propriedade dela. Um brinquedo, um bobo da corte. Ela faz o que quer de mim. Gostaria de escrever um livro contando os castigos e os segredos meus e dela.

Tenho 58 anos, e já fui chamado de perfeito cavalheiro. Um *gentleman*. Era doutor, usava gravata e paletó. Tinha carro, empresa própria, mulher e um filho, minha riqueza. Um dia...me enchi das responsabilidades, resolvi mudar de vida. Fiz uma procuração para minha esposa e vim fazer-me doméstica em S. Paulo. Então conheci a escravidão, a felicidade e a liberdade de cuidar da minha vida como quero. Cumpro meus deveres e para isso não preciso sequer pensar. Apenas obedeço.

Outro dia, minha patroa quis pôr um anúncio no jornal para oferecer-me para outra mulher que deseje alguém como eu. Chegou a redigir assim: “Doméstica: Ponho à disposição de alguma Senhora dominadora, que deseje um escravo branco, canela fina. Serve como doméstica, cozinha, passa, lava e arruma. Trabalha com um burro, pois foi treinado para isso. Dócil e submisso; no entanto, deve ser chicoteado com rigor. Vou substituí-lo por um mais jovem. Sádicas que desejem um escravo real e fiel, me escrevam.”

Ela ía por isso no jornal, mas desistiu. Que bom, pois a adoro e não tenho vontade de servir a mais ninguém. Talvez como diarista, se for desejo de minha patroa. Sou feliz da forma que vivo e ainda mais por ser propriedade dela...

## Agonia e êxtase das cócegas

Li, que os russos faziam orgias e torturas eróticas utilizando as cócegas. Amarravam os pés e braços das vítimas, em forma de X, deixando-as vulneráveis. Era um costume das tribos tártaras. Nos suplícios da inquisição, o método foi também muito utilizado. O “infeliz” era colocado de maneira tal, que a posição da sola dos pés ficasse em posição favorável às lambidas de cabras, ávidas pela salmoura que era derramada nos pés das vítimas.

Achei incrível a descrição do artigo: “Muitas vítimas chegavam ao orgasmo sendo torturadas por cócegas.” Fiquei longo tempo meditando sobre o assunto. Cresci considerando uma bincadeira infantil. Já adulta, raramente vi ilustrações sobre cócegas. Lembrei-me de que quando criança havia presenciado, por diversas vezes, cenas em que uma vizinha atacava de cócegas seus sobrinhos. Os adultos a criticavam:

– Isso faz mal; você vai machucar a criança; que brincadeira besta...; qualquer hora você provoca um ataque de apoplexia no menino; pare com isso... me dá nos nervos.

Mas ela continuava prendendo as mãos de sua vítima e com a boca fazia aqueles “clássicos barulhinhos” em sua barriga, com a intenção de ampliar os efeitos da cócega.

Lendo o artigo, lembrava-me daquela mulher que era a mais temida e a mais amada daquela família. Notava também que quase todas as crianças que assistiam à brincadeira da tia, ficavam excitadas, ansiosas, fugindo, mas demonstrando desejar serem atacadas por ela.

Os pais, é lógico, criticavam e proibiam, dizendo que fazia mal, que já tinham visto alguém morrer de cócegas, etc. Aquelas crianças devem ter crescido com um medo inconsciente de cócegas, mas desejosas de provocá-las em alguém.

Comecei a imaginar que uma orgia de cócegas era muito erótica e hilariante. Gostaria de participar de uma brincadeira assim... como algoz, é claro! Pensando nisso, tive um idéia: prender alguém e satisfazer meus desejos.

Demorou muito para conviver com um homem que fosse “cosquento”. Melhor para mim, que estava mais excitada com a idéia.

Amarrei seus punhos e tornozelos, prendendo-os a seguir nas grades da cama, enquanto dormia. Fiquei atenta, esperando que acordasse. Ao se mexer para posicionar-se melhor, ele despertou. Sem entender, viu-se amarrado e exclamou:

– Que brincadeira é essa?! – falou assustado.

Olhando-o maliciosamente, respondi se estava preparado para ser sacrificado por meio de cócegas.

– Ah! Não! – gritou instintivamente, procurando soltar-se para abaixar os braços. Mas que nada! Não poderia mesmo!

Aproximando-me lentamente, eu mexia com os dedos das mãos, forçando-o a imaginar-se sendo cosqueado. Inicialmente nervoso, não acreditou em minhas intenções. Tentou argumentar. Falou com voz irritada. Depois abrandou um pouco, pedindo com jeitinho. Não dando ouvidos às suas argumentações, fui me aproximando lentamente. Com as mãos crispadas, senti um arrepio só em pensar no que iria fazer.

Na esperança de ser atendido, fazia os últimos apelos antes de sentir meus dedos ágeis em suas axilas, seu ponto fraco. Numa mistura de terror e excitação, ria e se contorcia espetacularmente. Vi seu membro crescer, pronto para um orgasmo entre gritos e gargalhadas. A tensão sexual estava no auge, pois eu também “orvalhava” só em ministrar-lhe o suplício das cócegas. Incontrolavelmente, ria num histerismo excitante. Com cuidado

para que não explodisse seu prazer total, fui me ajeitando entre seu corpo e me introduzi totalmente para uma penetração gratificante. Beijando-o, desamarrava-o lentamente. Isso bastou para que gozásemos muito.

Logo a seguir, prometendo me fazer o mesmo, consegui prender-me fortemente e sem piedade começou a fazer-me cócegas. Eu que sempre me orgulhara por conseguir controlá-las, aos poucos fui me descontraindo e entrando naquela sensação estranha causada pela dor das cócegas. Perdi todo o sentido de tempo. Se fizesse cinco segundos que havíamos começado, era muito, segundo ele, mas para mim eram cinco segundos insuportáveis. Não agüentava mais. Rindo bastante, ele me fazia prometer que nunca mais iria torturá-lo daquela forma. Mas eu gostara tanto: não queria prometer.

Senti o terror escalando cada centímetro onde meu corpo era tocado. Num crescendo de dor deliciosa, explodi num orgasmo completo. Percebi que iria perder a consciência se não fizesse o que ele queria. Naquela hora, promete-se coisas absurdas.

As pessoas podem conseguir o que quiserem dessa forma: torturando por cócegas. Podem conseguir até mesmo um ataque de apoplexia. Por isso, resolvi gritar por socorro. Cócegas é uma diversão muito barulhenta, pois a gente ri e grita ao mesmo tempo.

Minha vizinha de janela conversava com suas visitas. Ao ouvir meus gritos, parou atenta. Mas ao perceber as gargalhadas que não conseguia evitar, não deu atenção.

Revelando-se um ótimo sádico erótico, ele parecia ignorar minha região genital propositadamente. Eu “orvalhava” de desejo em ser tocada, acariciada, cosqueada entre as pernas, mas ele passava a língua sutilmente por perto e não alcançava o ponto certo que eu precisava. Rindo e lutando para respirar, resolvi ceder, prometendo nunca mais fazer aquilo com ele. Palavra de Wilma Azevedo. Nunca mais o fiz, porém ameacei fazê-lo muitas vezes, só que, antes de acontecer, acabávamos em gargalhadas e repressões corporais, cada qual procurando esconder-se ou fugir do outro.

Hoje, passados tantos anos, analiso o que é a TORTURA pelas cócegas, e vejo que é uma agradável AGONIA E ÊXTASE...

## Lambidas eróticas

ANILÍNGUA – CUNILÍNGUA (do latim *cunnus* = vulva e *lingere* = lambar) CUNETE – estimulação erótica por meios labiais e linguais na região genital.

Antigos estudos do comportamento humano na área da sexualidade já afirmavam que gostar de lambar o ânus do parceiro é caso de configuração ao masoquismo com o fetiche anal, e até como coprofilia. Sexólogos atuais vêem nessas demonstrações obsoletas influências de racionalização de preconceitos morais. A moderna sexologia admite a anilíngua como opção normal dentro das preferências sexuais.

De acordo com Freud, todos temos uma fase anal, onde a persistência de necessidades eróticas e traços de personalidade se originam nessa fase do desenvolvimento psicosexual. Quando a criança descobre o prazer da retenção ou expulsão das fezes, é formado também um traço de seu caráter. O prazer da expulsão tem muito a ver com a caracterização de uma personalidade generosa, vaidosa e ambiciosa, enquanto o prazer da retenção, ensina Freud, pode levar à “tríade anal”, isto é, a uma personalidade de obstinação, rigidez e mesquinha.

Os historiadores relatam que fantasias anais são comuns na infância. Imagens e sonhos de relação sexual, estupro ou parto anais fazem parte da fantasia infantil. Eu mesma, quando tinha uns quatro anos, ouvi dizer que minha gatinha estava “prenha”. Interrogando daqui e dali, descobri que estava “esperando” gatinhos. Sem saber por onde os filhotes saíam, imaginei que seriam expelidos pelo ânus. Fiquei dias pensando como seria quando eu crescesse e precisasse dar à luz meus filhos. Temia o quanto iria sofrer em ter que expulsar a criança por uma abertura tão pequena. Qual não foi meu espanto ao descobrir, quando a gata entrou em trabalho de parto, que o buraco por onde os filhotes nascem é menor ainda! Só me livreli do pesadelo quando li em livros, as explicações sobre os ossos da bacia feminina, apropriada pela natureza. Por isso acredito nessa teoria de Freud, pois nesse período tinha pesadelos e medo constante de quando precisasse entrar em trabalho de parto...

Quando pude ir a uma biblioteca, instruí-me rápido. O que mais me espantou foi descobrir as narrações de seitas em que o diabo é homenageado, e os adeptos têm como dever um ritual imposto, os castigos ou obrigações quando provam submissão e humildade, submetendo-se aos rituais mais exóticos, como as carícias sexuais em seus órgãos genitais, principalmente o ânus.

Hoje sei que tudo isso é prazeroso, que esse estímulo causa prazer porque as reações do esfíncter retal a essas carícias proporcionam contração involuntária aproximadamente no mesmo índice da plataforma orgásmica feminina e da uretra do pênis, a intervalos de 0,8 segundos. Para sentir prazer equivalente às carícias labiais, linguais e estímulos fortes nessa região, foi criado no Oriente um instrumento chamado “violino anal”.

Consiste em um ovo cozido duro ou uma bola de madeira ou marfim, a que se prende uma corda de violino. O ovo, ou a bola, é introduzido no ânus, a corda é firmemente esticada, e o parceiro usa um arco de violino para fazê-la vibrar. O aparelho foi muito popular entre os eunucos do império otomano. Hoje, equivalentes elétricos são usados também na Europa, nos Estados Unidos e no Japão.

Conheci um homem que foi adepto de uma seita religiosa, pelo que narrava, igual a essas descritas nos livros. Contou-me que tanto homens como mulheres formavam círculos onde uns lambiam o ânus dos outros. Isso provava obediência perante os deuses supremos. Quem não queria se submeter a isso era castigado. Amarrado de bruços, o obrigavam a se contorcer e agüentar o peso do pescoço, pois se não suportasse isso, caía nos dejetos fecais colocados bem embaixo de seu rosto. A pessoa tinha que agüentar o peso da cabeça pelo tempo determinado pelo supremo mestre da seita, do contrário, o nariz era inteiramente enterrado nas fezes. Depois de um certo tempo, era difícil resistir, e logicamente, dessa forma, aprendiam a “obedecer os rituais da seita”. J. confessou-me que sentiu muito quando extinguiram os vínculos dos praticantes, e agora tinha necessidade que alguém o “castigasse” daquela forma. Excitava-se só em pensar no “sacrifício” que faria, ao lambar o ânus de alguém logo após uma defecação, sendo “obrigado” a higienizar toda a virilha. Quando encontrava alguma mulher que o satisfizesse (era freqüentador constante do Clube “O”, na Rua Joaquim Floriano, em S.P.), pagava muito caro e em sua fantasia fingia não aceitar a “obrigatoriedade” imposta para poder ser “castigado”. Delirava de felicidade ante um bom monte de merda. Com certeza é coprofágico sem coragem de admitir, pelo preconceito que essa tendência gera. Ele se excitava com forte ereção só em narrar o ritual, se preparando com cuidado. Gostava de prender a cabeça num turbante branco (como os que são usados nos rituais de candomblé). Muito apertados, comprimem as veias que interferem sobre o fluxo de oxigênio no cérebro. A veia frontal fica interrompida de irrigação sangüínea. Ele sentia prazer também em colocar escovas pontiagudas em torno do tórax, amarrando-as bem apertadas, com uma faixa branca que tinha sempre às mãos. Quando estava só em sua casa, preparava-se dessa maneira, imaginava-se diante de um dos mestres da tal seita, masturbava-se. A esposa nunca desconfiou de suas preferências sexuais.

J. é um grande investidor no setor imobiliário, um homem elegante e simpático que conquista as mulheres à base de muita grana e cordialidades. O Clube “O” o tratava como o “rei da cocada preta”, atendendo-o em suas preferências e práticas mais exóticas. Eu o conheci pessoalmente em torno de 86 e nunca mais o vi. Deve andar por aí, enfeitando-se e mastur-

bando-se, com seus turbantes e suas fantasias. O que ele faz é apenas disfarçar uma preferência de muitos, como Mozart, que compunha as mais belas músicas sonhando com excrementos. Algumas cartas suas para as amantes falavam que gostava de comer excrementos. Assim como J. e Mozart, quantos outros coprofágicos e lambedores de um ânus sujo estão ao nosso redor sem que nem ao menos imaginemos suas preferências!

## Cheiro de sexo

**OSFRESEOLAGNIA** – Fetichismo dos cheiros do corpo e das roupas.

Sabemos que cada pessoa tem um cheiro próprio, uma espécie de combinação final de todas as substâncias odoríficas liberadas através da pele. O cheiro de cada um é tão exclusivo como a impressão digital.

Nossa vida sexual pode ser guiada pelo olfato. A ligação entre cheiros e produção de hormônios sexuais é bem documentada em laboratórios. Está provado que uma pessoa anósmica (quem perdeu totalmente o olfato) não sente cheiro de nada, mas quem tem a sensibilidade olfativa, mesmo que não seja bem desenvolvida, sente o cheiro do sexo do companheiro. O poder dos cheiros exerce grande influência nos indivíduos. Na Itália, foi provado pelos cientistas que um dos primeiros sinais de um amor fracassado é quando um dos parceiros passa a não suportar o cheiro do outro. Os odores podem transmitir mensagens poderosas, dirigindo nossas vidas sem percebermos. E a mais influente de todas, dizem os cientistas, como no reino animal, é a que tem ligação sobre nosso comportamento sexual. Os bichos se acasalam através das mensagens poderosas do cio das fêmeas, quando exalam seus odores.

O ser humano só se atrai pelo cheiro do outro se esse odor for associado a um bom momento de sua vida. Do contrário, pode repeli-lo. O sistema cerebral, que cataloga e identifica os cheiros, está unido à região do cérebro encarregada de armazenar nossas lembranças. É uma coisa tão poderosa que os aromas associados às lembranças felizes (mesmo que sejam ruins) trazem prazer. Por outro lado, se for uma lembrança desagradável, com ligação a um perfume, mesmo que seja da melhor qualidade, a pessoa o rejeitará.

Os feromônios (hormônios produtores de odores especiais) são bem desenvolvidos em algumas pessoas e em outras menos ativos, com relação ao cheiro do sexo.

Cada pessoa tem “um banco de dados de cheiros” na região cerebral, dados armazenados durante toda a vida, com 23 milhões de receptores olfativos que reconhecem mais de 5 mil odores diferentes. Por isso umas



peças nos atraem, outras nos repelem, independente de nossa vontade. Isso acontece quase sem percebermos, pois seu cheiro pode estar associado a alguma lembrança olfativa. Uma criança que desenvolveu essa sensibilidade reage com mais volúpia diante do cheiro da pele, do suor, e principalmente da região genital, do ser amado.

Muitos meninos, por curiosidade, viciam-se cheirando as calcinhas que encontram pelos amontoados de roupa a lavar, displicentemente. Desenvolvem a tesão olfativa, e quando crescem, excitam-se terrivelmente com a simples lembrança desse cheiro. Um homem me contou que desde pequeno costumava roubar as calcinhas dos varais da vizinhança. “Mas se for sem lavar, melhor ainda. E também não é qualquer pessoa que nos dá tesão. Tem que ser de alguém que conhecemos e sentimos prazer em imaginar seu cheiro”, falou-me sem constrangimento.

Os *sex-shops* vendem substâncias feitas a base do odor quente das madeiras raras e substâncias segregadas por glândulas animais. Dizem que esses “afrodisíacos” liberam o inconsciente amoroso e “tesãozístico”, assim como os perfumistas afirmam que certas criações têm um efeito erótico, estimulando as sensações do sexo oposto.

## Palavrões

**COPROLALIA, EROTOLALIA** – prazer em dizer obscenidades.

**ÉCOUTEURISMO** – prazer em ouvir palavrões.

A **Erotolalia** e o **Écouteurismo** são os equivalentes auditivos do exibicionismo e *voyeurismo* ou em suas manifestações mais grosseiras do demonstracionismo e da escopofilia, como nos diz em seu artigo sobre o assunto o brilhante sexólogo Dr. Karl Steiner.

É a realização do estímulo fortemente sexual (algumas vezes chegando ao orgasmo) através de palavrões e sons eróticos. Muitas pessoas sentem enorme prazer em contar piadas sujas e picantes em público. A necessidade de falar coisas feias é mais comum do que de ouvir. Mas existem os que sentem compulsão sexual, verdadeira excitação, deleitando-se quando alguém descreve cenas eróticas. Hoje no disque-erótico ouve-se gemidos e sons que transmitem ou insinuam palavrões ou prazeres sexuais. Quem gosta disso, até através do telefone, masturba-se e muitas vezes ejacula, sem tocar-se.

Quem ouve as bizarrices e tem compulsões sexuais até o orgasmo, está feliz com a nova coqueluche brasileira. Desde que foi descoberto o “telefone erótico”, as “profissionais do sexo” se propõem a descrever cenas

picantes para satisfazer esse tipo de ouvinte. A liberação libidinosa por telefone veio resolver o problema de muitos que viviam “dando trotes” e procurando pessoas para “colaborarem” com eles. Precisam aliviar suas tensões.

Existem pessoas que escrevem palavrões em banheiros públicos, muros e outros locais visíveis, com a finalidade de chocar.

Muitas mulheres não perdem para os homens quanto a dizer palavras e coisas obscenas. Durante o ato sexual ou por telefone, os serviços lascivos dessas mulheres são muito bem recompensados. Os negociantes estão ganhando rios de dinheiro com a descoberta de gravações em discos e cassetes para o mercado.

Combinando palavras feias com eróticas e obscenas, gemidos, gritinhos, sussurros, e até sons de feitulências ou barulho de descarga de privada são incluídos e mencionados no contexto. Conversas entremeadas de palavras que servirão para aliviar os ouvintes satisfazendo essas fantasias. Os efeitos sonoros atuam diferente do efeito visual de um filme, que exige atenção. Uma fita no gravador pode ser ouvida até quando se dirige, em pleno trânsito. As emoções auditivas oferecidas por um som estereofônico são mais perfeitas por reproduzir fantasias imaginadas e nem sempre possíveis de se realizar.

Antigamente tudo isso era tido como “comportamento perigoso”. Era menos comum uma pessoa revelar que gostava de ouvir ou falar palavrões. Tudo era proibido. O Marquês de Sade abusou dessa proibição e em suas obras, como *Os 120 Dias de Sodoma*, empregou muitas palavras obscenas nas narrações. Hoje, o palavrão está perdendo a força, pois nosso vocabulário já incorpora naturalmente muitas palavras com esse sentido, mas que naturalmente soam menos pejorativas e mais “sociais”. Isso acontece porque a liberação feminina permite que a mulher, além de falar palavrões, também se sinta compelida a uma excitação mais intensa quando é chamada de palavras obscenas na cama.

## O fascínio pelas fezes

**COPROFILIA** – excitação e prazer envolvendo fezes.

Dentro das variantes sexuais, a coprofilia é uma das tendências de fantasias sexuais mais ocultas, mas não uma das mais raras e incomuns. O coprófilo tem muita dificuldade para encontrar parceiros. Um lindo relacionamento sexual pode acabar mal-sucedido se nas preliminares for pedido que seja incluída uma defecação, ou o odor de gazes, que para uns são malcheirosos... para outros, o supremo perfume!

Essa variante é mais fascinante para os homens, mas eu já recebi cartas de mulheres testemunhando essa preferência. Uma delas veio do Sul. Conta a insatisfação de uma garota de 20 anos, que tem esse prazer como primordial para a complementação do ato sexual. Ela pede que o companheiro faça sexo anal e logo em seguida tira o membro dele, averiguando se está sujo. Se estiver, coloca-o na boca antes que o outro perceba seu estranho gosto.

Existem pessoas que têm uma linha diretamente ligada entre os prazeres sexuais e os intestinos. Conheci pessoalmente alguns coprófilos e no meu livro *A Vênus de Cetim* narro “o caso das bananas”. Um leitor da cidade de Campos desejava que alguém despejasse em sua boca um bolo fecal. Outros preferem fezes líquidas, diarréia mesmo...

Em alguns clubes em Nova York, especializados em sadomasoquismo, instalam uma banheira bem na entrada, onde os masoquistas, de “castigo” ou por puro prazer, ali permanecem o tempo todo à disposição, para serem “punidos” por quem deseja defecar em cima deles e, mais precisamente, em suas bocas. Como “penitência” ou como prazer, é uma variante erótica que não desperta entusiasmo nem nas dominadoras profissionais, quanto mais nas mulheres que se deixam envolver pela fase cor-de-rosa da paixão. Embora nossa História esteja mesclada de vultos importantes que tinham esse estranho prazer, Adolf Hitler foi o mais comentado, embora citem-no como tendo sido profundamente envergonhado de suas predileções. Dizem que, de maneira grosseira, procurava compensar sua situação com a imagem pública de sadismo do tirano nazista, implacável.

Sabemos que na Antigüidade os homens comiam juntos, dormiam juntos, evacuavam juntos, num instinto de proteção, pois o afastamento dos grupos humanos poderia ser fatal. Com a evolução, inventaram maneiras sofisticadas de se isolarem e o ato de defecar passou a ser feio e sujo (como o sexo foi considerado até há pouco tempo). Por isso, somos obrigados a usar banheiros privativos.

Entre minha correspondência tenho muitas cartas de coprófilos narmando suas predileções. Um correspondente conta que espera sua mulher sair do banheiro para ir lambar o papel que ela se limpa...

Existe a privada de Ingolstadt, feita de cristal, muito bem iluminada, com uma superfície espelhada na parte de baixo da tampa. Em vez de ralo, é colocada a cabeça do masoquista coprófilo. Uma espécie de colarinho de borracha, assegura uma vedação à prova de vazamentos. Assim ele pode aproveitar tudo, dos odores às fezes.

Contudo, quando alguém me consulta, costumo aconselhar os cuidados que devem tomar, pois nossos excrementos são mesmo umas “merdas”.

Não servem para nada, de tão impuros e cheios de microorganismos multi-perniciosos. Mas é uma variante sexual que existe, por mais incrível que isso possa parecer.

## Amor gótico

**NECROFILIA** – Prazer de relacionar-se com cadáveres e cultuar a morte.

Esta tendência do erotismo é uma das mais ocultas, já que quase todo mundo a repudia. A extinta revista *Semanário*, ao fazer uma pesquisa em 1992, entrevistou um publicitário carioca, Gerson de Almeida, com 42 anos. Disse ele ser tarado por cadáveres.

“Desde pequeno, adoro velórios e enterros. Sinto-me extremamente bem nessas situações. Em cemitérios, então, nem se fala. Me dá prazer, me deixa excitado, sei lá...” Conta que aos 16 anos teve seu primeiro contato físico com seu objeto de sedução: “Uma noite tomei coragem e fui ao cemitério do Caju. Pulei o muro e passei horas procurando um túmulo fácil de ser violado. Encontrei um recém-fechado. Era de uma senhora de 47 anos chamada Wilma. Ah, a Wilminha...”

Suspirando, conta que transou por quatro horas e só parou porque o dia estava amanhecendo. “Hoje, pela minha própria posição social, não posso mais ficar pulando muros de cemitérios. A solução que encontrei foi reservar um dos quartos de meu apartamento, decorá-lo com sepulturas e caixões. Contrato garotas para me relacionar lá dentro. Na hora H ordeno que a mulher tome um banho gelado e permaneça imóvel dentro do caixão. Aí eu entro em cena, com toda morbidez a que tenho direito.”

Acredito piamente nessa entrevista, pois já recebi cartas de leitores que me disseram fazer o mesmo. No filme *A Bela da Tarde* com Catherine Deneuve, focalizaram essa preferência numa das cenas, que na época foi um espanto pela coragem do cineasta.

A necrofilia erótica pode se manifestar em atos masturbatórios ante um cadáver, e a passividade absoluta do outro faz fruir um desejo incontido de ejaculação. O necrófilo erótico não pode ser comparado com o necro-sádico-psicopático, que violenta sexualmente suas vítimas, mantendo relações enquanto ela agoniza. Nossa história está cheia de criminosos que, desde Barba Azul, de vez em quando abalam a opinião pública. Foi o caso de Ted Bundy, condenado à morte na Flórida pelo assassinio de duas mulheres, mas as suspeitas que recaíram sobre ele davam conta de dezenas de vítimas. Foi reconhecido por uma delas, que escapou com vida. Inva-

dindo o dormitório da Universidade Estadual da Flórida, em questão de minutos matou duas mulheres com um bastão e agrediu duas outras. Uma delas recebeu um golpe tão forte na cabeça, que ficou com o cérebro todo exposto. Com uma lata de laquê para cabelos foi sodomizada, teve um dos mamilos quase arrancado com uma mordida, e outra nas nádegas, que causou profundo ferimento. Logo depois entrou em outro dormitório, atacou outra moça que dormia num apartamento próximo. Ela só sobreviveu porque o barulho que ele fez ao desferir os golpes com o bastão acordou suas vizinhas e ele fugiu assustado. Ao ser preso um mês depois, foi acusado de ter raptado e matado com os mesmos requintes de crueldade sádico-psicopática uma garotinha de 12 anos, seis dias antes de sua prisão. Ele vinha matando há vários anos e em vários Estados: Washington, Oregon, Utah, Colorado.

Marc Dutroux, 39 anos, um belga que fora preso por roubo de carro, ao ser investigado descobriu-se que havia sido posto na rua por bom comportamento em 1992, depois de ser condenado a uma pena de 13 anos em 1989, acusado de estupro por cinco adolescentes. Quando foi preso por acaso, confessou seu lado sádico-necrófilo-psicopático. Levou os policiais à sua casa, onde foram encontradas duas ninfetas presas em seu porão, Laetitia Delhes, 14 anos, e Sabine Dasdenne, 12 anos, ambas estupradas várias vezes, naquele local fétido, cheio de vasilhas de comidas estragadas, cheirando a mofo, muita sujeira acumulada. Confessou que fazia parte de uma rede internacional européia de pedofilia e tráfico de menores. Eles produziam vídeos pornô e outras criações malucas como camisetas com escritos obscenos referentes às suas atividades. Levou os investigadores até seu jardim, onde estavam enterradas duas meninas, Julie Lejeune, 8 anos e uma amiguinha, Mélissa Russo, também com 8 anos, que tinham sido enterradas depois de várias vezes estupradas e violentadas de todas as formas. Ao ausentar-se, havia encarregado seu amigo Bernard Weinstein para continuar seus feitos sexuais e alimentá-las. Ao retornar, encontrara uma delas morta por enfraquecimento total por falta de alimento e tratamento. A outra estava agonizando em adiantado estado de inanição. Dopou seu amigo e o enterrou vivo ao lado das garotas, enquanto filmava toda a ação e produzia um vídeo sádico-psicopático-necro-pedófilo. Em seu quarto foi encontrada uma grande quantidade de fitas de VHS e farto material pornô-necro-pedófilo.

Mas para que falar de pessoas de países tão distantes, se aqui no Brasil temos um grande exemplo de maníaco-necro-pedófilo, vivo, que abalou o mundo com suas atrocidades? Marcelo Costa de Andrade, hoje com 30 anos, começou a estuprar e assassinar garotos de 5 a 15 anos, quando contava 23 anos de idade, na cidade de Niterói e subúrbios do Rio.

Ele pedia aos meninos para ajudarem a colocar velas a São Jorge. Conduzia-os para lugares ermos, estuprava e matava-os com requintes de maldade, mas em sua cabeça doentia, “estava ajudando-os a ir para o céu”.

Casos como estes, são indignos, é verdade, mas se estudarmos bem, podemos alcançar suas mentes doentias e até explicá-las. Assim também podemos entender os necrófilos-eróticos. Quem sofre dessa preferência sexual pode até mutilar e esquartejar o cadáver, mas dificilmente é o autor direto daquela morte. É possível que só a dominação total do objeto de seu desejo o satisfaça plenamente. Mas esses atos são vistos pela sociedade com um horror tão grande, que impedem toda discussão racional. Como as pesquisas não são incentivadas nesse sentido, todos que sofrem de algum trágico desejo dessa espécie já são condenados de antemão por qualquer pessoa que se julga completamente “normal”. A sociedade precisa ser protegida, mas a cadeia não é o lugar para confinar os desviados sexuais, psicopatas e doentes mentais. Algumas anomalias teriam que ser tratadas em novas instituições que deveriam ser criadas, onde os criminosos mentalmente anormais possam servir de pesquisas para os estudiosos. Assim, poderiam ajudar os poucos desviados sexuais que repetidamente transgridem a lei. Poderiam ser criadas equipes de terapeutas que estudassem o comportamento de cada um. Chegando a muitas conclusões, os terapeutas conseguiriam progresso nos tratamentos de pessoas como Marcelo Costa de Andrade, que foi uma criança abandonada pelos pais, sofreu toda espécie de maus-tratos por vizinhos e parentes, e no internato, onde ficou confinado dos 10 aos 14 anos, foi molestado sexualmente por internos e inspetores. Ele é mais uma vítima do sistema, onde nossas crianças desprotegidas por leis e direitos ficam jogadas a um submundo. Nas favelas, onde as famílias carentes precisam pensar primeiro no “pão nosso de cada dia”, antes de se preocuparem com o destino de seus filhos, acontece muito desvios sexuais e comportamentais.

Particularmente acredito que esses desviados, como o próprio traficante, não escolhem conscientemente seu destino. O meio ambiente muitas vezes os obriga a ter impulsos e fantasias que os dominam. Raramente são resultado de deliberações ou escolha voluntária. O desejo de ser rico e satisfazer-se estão fora dos limites do controle consciente, da mesma maneira como os sonhos. Não quero dizer que não possam dominá-los. Precisam apenas aprender a lidar com esses impulsos e se conscientizar no sentido de saber optar pelo que desejam para seu futuro real. Uma vez doutrinados no bom sentido, têm tudo para mudar seu comportamento.

Historiadores dão conta de que o monarca Periandro de Corinto (séc. XIV) e Joana de Castela (séc. XVI) mantiveram consigo durante anos o

cadáver embalsamado da pessoa amada. Esses casos de culto ao amado não podem ser chamados de necrofilia. Esses são apenas desvios de comportamento devido à paixão.

Os necrófilos eróticos modernos são mais “normais”, pois pagam para alguém fingir-se de cadáver e satisfazê-los a contento! Há meses vi uma notícia, na TV, de que um necrófilo desenterrou um cadáver, teve relações com o corpo, depois saiu levando-o nas costas. Foi encontrado na Via Anchieta, transportando a defunta para a casa dele. O jornal *Notícias Populares* noticiou o caso.

## A sexualidade do exibicionismo

### EXIBICIONISMO – Prazer em ser observado.

A forma mais comum que até há pouco tempo se tinha de exibicionismo era a do homem mostrando seu membro ereto, assustando as mulheres e crianças, com o intuito de causar reação sexualmente gratificante para ele. Em meu livro *A Vênus de Cetim*, editado em 1986, narro o caso do “homem da capa preta”, quando em minha infância deparei com um exibicionista que logo depois estuprou e matou minha coleguinha, me causando profunda impressão e com isso me impulsionando para o estudo do sadomasoquismo. Ocorrido em Taubaté, mais precisamente na “chácara do Visconde”, antiga residência do escritor Monteiro Lobato, da qual éramos vizinhos. Outra narração de caso verídico está nas páginas do segundo livro, *Tormentos Deliciosos*, lançado em 1995, no conto “Joãozinho Peralta” em um trecho de “Amantes-Escravos”. Neles analiso essa tendência sem grande conhecimento de causa, pois só mais tarde li livros que se aprofundavam em estudos psicológicos nessa área sexológica. Nessas obras, vi que os estudiosos chegaram à conclusão que esse termo apresenta uma idéia muito mais ampla. Agora sei que todo comportamento motivado pela pessoa para ser visto, atraindo atenção para si, pode ter um fundo simbólico ou formal de exibicionismo sexual, não só os que descubrem suas áreas genitais.

Com a amplitude do universo da pornografia, constatamos que não só os homens considerados “tarados” gostam de mostrar as partes genitais. Muito pelo contrário. Muitas mulheres se excitam em posar para fotos explícitas, sabendo que vão ser observadas por numerosos olhos atentos, e ficam felizes em se prestarem para masturbações.

Aparentemente, o homem que gosta de se exhibir precisa sentir que causa susto, apreensão, indignação ou mesmo aprovação da vítima. Se o outro ficar indiferente, sem demonstrar medo, ou tentar fugir, o mais pro-

vável é que ele perca a ereção e entre em estado depressivo. Isso ocorreu com meu “personagem” da história verídica do meu conto “Joãozinho Peralta”.

Como o comportamento sexual masculino é tipicamente dominante e o pênis ereto é um sinônimo de poder, muitos que assim agem têm como intuito demonstrar que podem submeter o outro a constrangimento, medo, intimidação, desafio, raiva e até desejo. Conheci “Joãozinho Peralta” no aterro do Flamengo. O rapaz de dentro do carro expunha o membro ereto para ver minha reação. E viu!

Existem os que se atraem pela sensualidade dos exibicionistas. A moda para as mulheres é um forte aliado. Saias com cortes laterais, colantes, saltos altos, aberturas estratégicas, cores, tecidos finos, enfim uma enorme variedade para o auxílio do exibicionista, quando não pode mostrar-se explicitamente, o que muitas mulheres fazem em boates e casas de *show*, ou simplesmente abrindo as pernas ao descerem de carros, ao se sentarem nas banquetas dos barzinhos etc.

Este capítulo seria extenso demais se eu fosse analisar com detalhes cada forma de exibicionismo. Prefiro apenas esses dois exemplos do masculino e do feminino dentro do assunto.

## Lavagem erótica

**CLISMAFILIA** – Prazer de usar clisteres (aparelho para lavagem intestinal) ou introduzir objetos no reto.

Por incrível que pareça, existem muitos adeptos da lavagem erótica. Antes da criação do supositório, as mães costumavam regular os intestinos dos filhos que tinham prisão de ventre com a lavagem. Como é sabido, a próstata, na entrada do reto, ao ser tocada, pode causar violenta excitação. Alguns meninos cresciam com desejos de voltar a sentir esse prazer, principalmente quando o jorrar de um líquido esquentava lá por dentro.

No séc. XVIII, o clister era muito usado também para lavagens vaginais, e muitas gravuras dessa época mostram variados aparelhos feitos de alumínio, louça e porcelana, com tubos de borracha e terminais em forma de canudos arredondados. Ainda hoje as lavagens devem ser usadas nos hospitais antes do parto ou numa cirurgia de emergência, com a finalidade de limpar os intestinos. Mas como é um instrumento altamente excitável, aos poucos os adeptos desse prazer foram desenvolvendo novas técnicas. A dominadora profissional que sabe “das coisas”, com “estúdios” montados especialmente para atender casos assim, aprende a manusear com



habilidade esses aparelhinhos. Sua utilidade passou da área medicinal para a do erotismo, com muito maior frequência de uso.

Como castigo, pode-se usar a água pura que serve para a evacuação. A restituição do líquido é imediata. Como purgativo pode ser usado o sulfato de sódio. Existe o “lavamento nutritivo”, onde usam lactobacilos vivos (Yakult serve para isso). O lavamento com ondas de eletricidade pode ser usado como estímulo, mas é um tanto perigoso, exige técnicas especiais, pois as contrações intestinais a que sujeita o “paciente” pode ter interferências com riscos para a saúde. Não é recomendável. Para um “castigo” mais intenso, pode ser usada aquela substância opaca que é ministrada antes das radiografias no aparelho digestivo, que não prejudica e causa sérios desconfortos para ser expelida. Mas é preciso dias de regime alimentar com líquidos. Como o de ondas elétricas, não deve ser ministrado sem profundos conhecimentos.

É preciso utilizar material próprio, ter muitos cuidados com a limpeza e a higiene, nunca usar mais que um litro de líquido, e, no mínimo, com intervalos de dez dias e nunca diariamente. É preciso lubrificar a entrada do ânus. Nunca use a lavagem em alguém amordaçado, pois qualquer perigo deve ser reclamado.

Se você quer usufruir dessa fantasia erótica, experimente, mas tenha-a como seu pecado mais secreto, pois muitos podem não compreender que a lavagem intestinal é apenas um prazer a mais. E cuidado para não se viciar!

## O gosto do sexo

Nossa sensualidade sexual pode ser despertada através do paladar, sim senhor! Embora pareça intrigante, a sensibilidade de uma pessoa pode ter uma relação poderosa com o paladar e nosso prazer de comer. Temos a impressão de que o senso do gosto reside na língua, mas as papilas gustativas são capazes de discernir apenas quatro sabores básicos: doce, azedo, salgado e amargo.

O cérebro simplesmente soma as informações das papilas gustativas com as do olfato, para obter o paladar. Por isso, algumas mulheres não suportam o cheiro e o gosto do esperma, outras adoram. Uma diz que cheira a água sanitária e tem gosto de sabão de cinza. Particularmente acho que cheira nozes, e tem gosto de pétalas de rosas brancas...

Conheci uma moça que tinha tanto horror ao paninho que enxugava sua área genital depois do ato, que era capaz de vomitar. Sempre achei que exagerava ao narrar sobre isso, mas, ao tomar conhecimento dos estudos científicos, comprovando as diferenças psicológicas que levam ao proces-

so de aceitar ou repudiar inconscientemente o cheiro e o gosto de alguém, compreendi que ela não mentia. Embora amasse seu marido, não suportava seu cheiro e gosto.

O sexo oral proporciona grandes conhecimentos às pessoas que já tiveram muitos parceiros, no sentido de saber detectar o seu gosto preferido. Quem o praticou com pessoas diferentes, sabe logo de início se a sua libido vai ser despertada ou não.

Hoje em dia usa-se o termo “comer” quando alguém se refere ao ato sexual. É muito comum ouvirmos por aí: “Morro de vontade de ‘comer’ aquela mulher.” Se analisarmos bem, quem “come” é a vagina, mas o homem talvez tenha começado a usar este termo no sentido de deglutir, mastigar, engolir. Assim como “engolem” com os olhos, quando passa uma mulher boa, desejam “comê-la” inteirinha. Hoje é normal ouvirmos isso, sem pararmos para pensar.

Segundo Freud, no primeiro ano de vida o foco das sensações que influem sobre a sexualidade seria a boca (fase oral). Quando a criança vai aumentando sua inter-relação com o mundo, desenvolve outros estímulos e acaba esquecendo a fase em que a boca exerce influência direta com seu prazer. Tanto o casal Masters e Johnson quanto a sexóloga Helen Kaplan mencionam casos em que os estímulos orais exerciam grandes estímulos nos parceiros.

## Podofilia ou Pedolatria?

“ Ela pisava o leito macio do riacho, acariciando a areia morna do deserto com aquelas duas maravilhas.

Eles foram esculpido por Deus, e sua contemplação cálida transportou-me para o mundo onírico das paixões.

Eram pés perfeitos, pés que fertilizavam a terra e enterneciam meus olhos calmos de amor.”

Omar Kabjaur

Assim como o matemático, algebrista, astrônomo e festejado poeta árabe Omar Kabjaur, muitos outros homens em todo lugar da terra e em todas as gerações rendem homenagens às mulheres por sentirem irresistível atração por pés femininos.

Mas antes de tudo é preciso ter algum conhecimento sobre esse fetiche. Essa predileção não é nenhuma “tara”. Apenas uma variante na prática sexual. (É preciso que a mulher treine para domar as cócegas. Nada mais desagradável que risadinhas cosquentas quando um pedólatra, no auge do entusiasmo, está fazendo carícias.)

Nunca ache anormal um homem querer beijar seus pés e se quiser ser muito amada e desejada, desenvolva “certas” sensações na sola dos pés. Aprenda a fazer do pé (bonito ou feio) um órgão sensual e erótico.

A sensibilidade que tenho na sola dos pés foi desenvolvida inconscientemente. Em vez da chupeta, do dedo, da pontinha da fralda, ursinho de pelúcia, certas posições na hora de dormir, apenas esfregava os pés nas grades do berço...

Cientificamente foi provado que a região da sola do pé tem impresso o mapa do organismo. Para os chineses, os canais de energia dos rins, baço e fígado partem dos pés. Os meridianos da vesícula, bexiga e estômago terminam neles. Para algumas mulheres, a excitação sexual tem muito a ver com a carícia ministrada com sensualidade e carinho nessa área. Deve haver algum nervo da região genital com terminação em todo pé!

O pé está ligado à cultura e à evolução humana. William A. Rossi, em 1976, lançou o livro *A Vida Sexual do Pé e do Sapato (The Sex Life Of The Toot And The Shoe)*, e afirmou que a inteligência e a habilidade manual do ser humano só vieram depois que ganhou a postura ereta. As razões que levam os pedólatras a se excitarem terrivelmente com esse órgão da anatomia humana tem a ver com lembranças, onde na infância o pé foi assimilado ao desempenho sexual. Henfil, o saudoso cartunista, relatava sua predileção por pés. (Destaco neste livro, no capítulo especial sobre fetiches.)

O escritor Glauco Matoso, em seu livro *Manual do Pedólatra Amador*, conta suas tragicômicas aventuras com pés feios e deformados de seus amiguinhos de infância, responsáveis pela sua eterna pedolatria. Reclama que a pedolatria de Masoch “se reduz aos limites de umas poucas imagens, mais retóricas que fatuais”. Na página 85 conta que “quanto mais forte o **cheiro**, mais eu me excitava”... Não era um mero fetiche, algo frio e inerte a preencher artificialmente o vácuo da fantasia frustrada: mais que a sujeira recente, que a umidade do suor, era o **cheiro** o vestígio mais palpável, a pista mais fresca, o verdadeiro sinal de vida. Era o **cheiro** a comunhão espiritual entre meu tesão e o corpo inteiro de quem calçava aquilo que eu estava lambendo. Não restava dúvida. O chulé exercia em mim uma função mágica. Como o incenso na liturgia ou o éter na cirurgia. Era o fluido filosofal, o ímã carnal, o elemento fundamental”. Em sua obra, achei a máxima do pedólatra amador: “Cachorros Salgados ou Pesca de Camarões consiste em fazer cócegas com a língua no peito do pé, no arco e na sola, bem como entre os dedos. Se a pessoa é muito sujeita a cócegas, isso é ainda possível se não for começado de repente no peito do pé e com toques firmes e não leves da língua e dos lábios na sola do pé. As cócegas são sempre muito reduzidas quando inesperadas e quando não há gestos abertamente ameaçadores, o que evita o medo inconsciente e a

tensão na pessoa que sofre de cócegas.” Mestre Glauco é apenas um exemplo do bom pedólatra. Sabe tudo a respeito do assunto. Em seu livro, na página 12 faz referência a uma entrevista que fiz com o Henfil, para a revista *Ele e Ela*, comentando a precocidade do cartunista.

Toda mulher precisa saber que nas partes menos providas de pelos (e a sola do pé é um bom exemplo) os “corpúsculos de Meisner” são mais intensos, e estes estimulados dão prazer. Ao passar os meus pés nas grades do berço, criei uma área erógena. Por isso, tenho muita sensibilidade na sola dos pés e chego a me “orvalhar” quando uma língua macia e viscosa acaricia essa região. Sempre fantasio que são “cobrinhas” brincando entre talos de lírios, num ramalhete, onde piso descuidada. De olhos fechados, as solas pegando fogo (um fogo que arde mas não queima), vou até a curva orgásmica.

Por experiência própria, sei que as sandálias e sapatos vistosos atraem olhares para os pés, principalmente de pedólatras. Sapatos são adornos que “vestem” os pés femininos, dando charme ao pé mais feio. Sandálias de salto, bem abertas, cores vivas, são atrativos irresistíveis, e um tornozelo com uma fina correntinha de ouro pode, para muitos homens, atrair mais que um fio dental numa praia de Ipanema!

Hoje em dia, não é difícil descobrir um pedólatra. Nossas revistas especializadas trazem muitos anúncios. Descubra o “seu” pedólatra. Pise-o com carinho, fazendo uma massagem em torno de seu membro com as solas dos pés, pois com certeza o pé também é um órgão sexual.

O poeta alemão Goethe colecionava sapatos das amantes. Reis da França pagavam fortunas por sapatos de salto alto, com bordados em pedrarias. Dostoiévski gostava de se masturbar enquanto beijava pés femininos. Toulouse Lautrec tinha a mania de cheirar meias usadas de suas mulheres, isto é, gostava do chulé e dos pés delas. F. Scott Fitzgerald (autor de *O Grande Gatsby*), lambia os pés suados das amantes. Victor Hugo também foi pedólatra. Muitos outros vultos famosos não se envergonharam de assumir suas predileções por pés.

Numa entrevista para o jornal *O Dia*, em 3/5/92, o ator Mário Gomes declarou que é chegado num pezinho, a parte da anatomia feminina que ele mais gosta. E quantos famosos não se declaram e nem deixam ninguém saber que são pedólatras?

Uns gostam de pés delicados, sedosos, bem-tratados, unhas bem-feitas, dedinhos perfeitos, enfileirados na medida certa, “jóias raras” que devem ser admirados sobre almofadas de veludo. Outros desejam pés grosseiros, deformados, malcuidados, suarentos (de preferência fedorentos), calosos, dedos encavalados, com veias salientes, grande, simbolizando poder, força e despotismo. Uns não querem permissão para tocá-los.

Desejam se arrastar sob os pés de alguém, preferindo beijar as marcas de seus passos. Como satisfação de seus desejos, se satisfariam apenas beijando a sola do calçado, o cano da bota, ou cheirando a fragrância que deles exala. Muitos outros apenas desejam que uma mulher forte os domine, pisoteie-os, massacrando o membro, fazendo-os alcançar o gozo a custa de sacrifícios. No livro *A Vênus de Cetim* falo sobre isso no conto “Canção Para Despertar Meus Pés” e no *Tormentos Deliciosos*, nos contos “Acalanto Para Despertar Meus Pés” e “O Escravo Místico”. Mas durante estes anos todos que escrevo sobre SME, criei várias situações onde os pés são a atração principal.

Freud dizia que sonhar que está sendo descalçado por outra pessoa significa medo de perder a virilidade ou de ser castrado. Afirma: “O pé é um símbolo sexual muito primitivo. O sapato ou o chinelo muitas vezes funcionam como símbolo genital feminino.”

Os americanos gastam cerca de onze bilhões de dólares por ano em sapatos, 80% desenhados e vendidos como atração sexual. O Dr. Haveloch Ellism diz em seu livro *Estudos Sobre a Psicologia dos Sexos*: “De todas as formas de simbolismo erótico, a mais freqüente é a do pé e a do sapato.”

As chinesas que durante anos enfaixavam os pés para não os desenvolver, costumavam andar aos pulinhos e isso era considerado sensual pelos homens, que viam nas gueixas e mulheres aristocráticas a razão de sua excitação por pés pequenos.

Muitas mulheres que são consideradas símbolos sexuais, como Elizabeth Taylor e Elke Maravilha calçam 42, mas também têm sua vez. O importante não é o tamanho e sim, a sensibilidade para um bom relacionamento, quando a mulher participa dessa fantasia.

Digo **Pedolatria** e **Pedólatra** (entendo por adoração de pés), embora saiba que o termo certo é **Podofilia** e **Podófilo**, pois PODO quer dizer pé. É um prefixo tirado do latim com um sufixo grego. Mas como o povo confunde com atração por crianças, foi aportuguesado.

## “Body piercing” ou “perfurações no corpo”

Você já encontrou com alguém trazendo uma argola na sobrancelha, um brinco no nariz, ou na praia já viu esses adornos nos mamilos ou no umbigo? Se não viu, prepare-se, pois essa moda curiosa chegou ao Brasil. Em Nova York e Londres, os curtidores de tudo que é diferente deram um *show* nos guetos *underground* e por força do uso conseguiram ser imitados por todos que gostam de novidades.

No Brasil, chegou através de passarelas, como nos desfiles do estilista Alexandre Hercovitch em S. Paulo, que simulou os *piercings* através de vestidos em tela com argolas na altura dos seios. Agora, já passaram a fazer parte da realidade brasileira como é comum em outros países.

Para fazer o *piercing* é preciso boa formação, com estudos específicos. Curiosos podem desejar fazer um trabalho de nível, mas é preciso tomar cuidado. Podem furar torto, em lugar errado ou não fazer um trabalho recomendável. É necessário que escolham um especialista. Essa técnica não deve ser praticada por leigos que não entendem nada dos processos empregados. Independente do sadomasoquismo, muitos dizem que os motivos que os levam a usar esses adornos são puramente estéticos.

As revistas especializadas nos mostram o uso do *piercing* em outras partes do corpo, como o pênis e os lábios vaginais. Em alguns clubes de Nova York, as pessoas se exibem com os membros quase deformados, com muitos furos e peças estranhas. Consideram o máximo em decoração visual. Visitei alguns clubes em Nova York em 1987. Fiquei impressionada com o uso do *body piercing* por adeptos do sadomasoquismo, pois por prazer ou pelo desejo de sofrer a “deliciosa agonia” da dor da colocação do *piercing*, entregam-se de corpo inteiro a essa prática. Alguns chegam a se mutilar.

## Para o pênis, anéis; para a vagina, brincos

A escolha das jóias varia de acordo com o desejo. Existe o anel de calibre médio que atravessa a parte mais carnosa de cada um dos grandes lábios vaginais. Quem quiser uma infibulação (como a prática é chamada desde Roma Antiga) definitiva, basta solicitar que os dois anéis sejam unidos por um terceiro que o englobe, impedindo, assim, qualquer penetração vaginal. Se quiser uma infibulação temporária, poderá adquirir um delicado cadeado com uma chave sem duplicata. Como um moderno “cinto de castidade”, os sadomasoquistas eróticos solicitam a colocação em suas “escravas eróticas” ao viajar. Bastará manter o cadeado, tendo o cuidado de levar a chave.

Por outro lado, o pênis também sempre oferece mil oportunidades para o *piercing*. No tempo da Rainha Vitória, era comum sua utilização para impedir a masturbação dos adolescentes. Pode ser puxada a pele do prepúcio e são colocados ali, com um ou mais cadeados.

Pode ser moda, mas, na certa, poucos vão aderir a ela!

## Podofilia – Sedução de menores

O que acontece na mente dos homens que usam crianças para fins sexuais? Por que desejam satisfazer-se com um corpo ainda tenro, como um botão de flor que se abre à força arrebetando suas pétalas? O que pensa um homem quando força uma criança que ainda nem teve como conhecer as sensações em relação a si mesma e a um outro corpo? O que sente um adulto quando percebe que perpetrou uma destruição irreparável no corpo e na alma de alguém? Ao ter profanada a inocência, a clareza, a autenticidade, a ternura, a vulnerabilidade e a confiança nos outros, a criança pode viver sua infância em paz?

Quando o homem não é tão alienado e psicopata, será que no fundo se importa com os sentimentos impostos a uma criança que, dolorida, muda seu comportamento, passando a viver com medo e terror a um ato que deveria ser prazeroso? Como passa a viver uma criança que foi violentada e sofreu abusos em sua cândida infância?

Quando tinha uns oito anos, morava em Taubaté, no Bairro da Estiva, perto da chácara pertencente ao falecido escritor Monteiro Lobato. Ali, tomei conhecimento de um fato que me marcou para o resto da vida. Sofri a perseguição de um homem nu sob uma capa preta, que ameaçadoramente me exibia seus genitais. Consegui me safar, mas poucos dias depois soube que uma menina de uns 12 anos fora estuprada e morta. No hospital antes de falecer, contara ter sido atacada por um homem “nu sob uma capa preta”. Ele havia se escondido entre os arbustos, nas imediações de uma mina de água, onde os moradores costumavam encher seus vasilhames. (Essa história está nas páginas de meu livro “A Vênus de Cetim”).

Àquela menina poderia ter sido eu! Desde então, passei ser muito cauteloso com estranhos. Esse fato despertou minha curiosidade em saber as causas que levam um adulto a molestar crianças. Quando descobri a existência do “sadismo”, como era chamado todo tipo de crimes dessa natureza, pensei que esse ato fosse o de um homem perverso, um monstro SÁDICO. Quando descobri o erotismo ligado a alguns atos sexuais, minha cabeça se emaranhou. De tanto estudar e pesquisar sobre o assunto, cheguei à conclusão, que existe separações para o S.M.(Sádico-Maldoso), o S.P.(Sádico-Psicopático) e o S.E.(Sádico-Erótico). Essa descoberta me aliviou. Ao me aprofundar no assunto, entendi que o estupro, mesmo sendo ato de um S.M. ou de um S.P., são atitudes de pessoas que mesmo agindo como um monstro, não são monstros. Em algum lugar dentro do monstro, há um ser humano! São homens que pensam, sofrem, e movidos por alguma razão dentro de suas cabeças doentias, se descontrolam, para depois se envergonhar, arrepende e maldizerem sua sorte.

E é em prol desses seres humanos, que venho proclamando a necessidade de serem construídas clínicas, não cadeias. Locais de tratamento e estudos, não no sentido de reintegrar um criminoso de volta à sociedade, mas com o intuito de serem cobaias, servindo de estudos a psicólogos, sexólogos e terapêutas. Dessa forma, ao se alcançar a profundidade do espírito humano, possam os estudiosos, escreverem obras e defenderem teses, ajudando assim, muitas outras pessoas que sem querer, estão direcionadas para a prática do mal, antes que esse mal venha domar essa mente fraca.

Pelos depoimentos de poucos correspondentes e dois homens com quem conversei pessoalmente, deu para sentir que muitos molestadores de crianças, aparentemente normais, muitas vezes, sob a tensão de privações sexuais, quando a razão e o autocontrole foram prejudicados por danos cerebrais na infância, ou quando a mente foi embotada pelo álcool, são capazes de ataques a crianças. Quase todos, se arrependem mortalmente, sendo depois afligidos pelo remorso, geralmente quando já causaram sérios danos.

Muitos são homens que tiveram os sentimentos negados na infância (como o caso de Marcelo Costa de Andrade). Ao sabermos de sua vida sofrida e seus “motivos” para agir como agia, acabamos tendo pena de um homem que praticou atos terríveis, que nada pode desculpar, mas que pode ser perfeitamente entendido, se nos colocarmos em seu lugar de demente, se tivéssemos uma infância tão miserável como a dele. Se nos vemos desprezados por todos, molestados por amiguinhos e superiores, jogados daqui e dali... será que atiraríamos a “primeira pedra”? Será que nos veríamos como monstros, ou um ser humano injustiçado que precisa recuperar sua identidade? Eles têm necessidade de fazer parte da humanidade, admitir sua culpa, pedir perdão, assumir suas responsabilidades, se esforçando para reparar o mal (embora nada disso venha atenuar seu crime). Mas se ele trabalhar para compreender a si mesmo e também ajudar a quem precisa de suas tristes experiências emocionais, de alguma forma poderá contribuir para o caminho em direção à cura de muitos, e isso o ajudará a se sentir mais integrado no meio que os expulsa, vomitando sua presença e abominando seus atos.

Felizmente são raras as aberrações praticadas pelo belga Marc Dutroix, que estuprava e matava menininhas, vítimas indefesas aprisionadas em seu porão, assim como Marcelo Costa de Andrade, que pedia a ajuda dos garotinhos para acender velas para São Jorge, ocasião que aproveitava para a prática de seus atos tresloucados. De quando em quando, a imprensa noticia casos como os citados. É mais raro do que as fantasias sobre pedofilia que se apresentam na mente de muitas pessoas mais ou menos normais. Graças a Deus nem todas tentam satisfazer seus desejos. Mas quando não conseguem controlar seus desejos, só não repudiam seus atos as cabeças totalmente



doentias, como a de Marcelo, que fala sobre os acontecimentos com frieza e desapego, como se estivesse contando fatos ocorridos com outras pessoas, jamais com ele próprio. Chega a “divertir” os colegas de cela ao narrar com detalhes os requintes S.P. com que eliminou tantos inocentes...

Soube de uma mulher que, sendo professora, lecionava num colégio ao lado de sua casa. Depois da licença de parto vencida, voltou às aulas. Deixava sua filhinha aos cuidados do avô, seu pai que, viúvo e só, passara a residir em sua casa. Depois de mais ou menos um mês que voltara a trabalhar, notou que sua filhinha andava doentinha, não mamava direito, vomitava muito, emagrecia, parecendo seriamente doente. Levou ao pediatra que receitou muitos remédios, mas nada fazia efeito. Um dia em que deixara o bebê, agora com uns cinco meses, mais desanimadinho, pediu licença antes de acabar seu turno e foi para casa para cuidar da criança. Dirigiu-se ao quarto e pelo espelho da penteadeira, deparou com um quadro estarrecedor: seu pai havia colocado o membro na boquinha do bebê, que tentava sugá-lo avidamente. Num minuto percebeu a razão da doença de sua filha... Ainda teve calma suficiente para chamar uma vizinha para servir de testemunha, enquanto acionava a polícia.

Existem muitas razões para um homem desejar práticas sexuais com uma criança.

Um homem que não controla seus sentimentos de inferioridade quer sentir-se seguro num relacionamento onde pode tornar-se potente ao dominar sua vítima. Diante de outro adulto, poderia não sentir-se atraente ou “gostoso” o suficiente. Com uma criança não precisaria de certos artifícios para agradar inteiramente. As crianças são menos exigentes e estão prontas a dar afeição àqueles que lhes dão doces, dinheiro e carinhos. Muitos casos de pedofilia nos fazem entender que não é por sensualidade excessiva que um homem procura uma criança, mas porque foi incapaz de encontrar satisfação sexual numa relação adulta.

O livro *Nunca Conteí a Ninguém* (editado pela Ed. Harper & Row do Brasil Ltda. em 1983), organizado a partir de muitos depoimentos de adultos que foram violentados na infância, escrito por Ellen Bass e Louise Thornton, com prefácio de Fátima Ali, nos responde várias perguntas, como, por exemplo, o que sente uma pessoa que foi estuprada no corpo ou na alma, quando criança. Nessa obra, mulheres contam o estrago sofrido, e o quanto isso perturbou suas vidas.

Avaliemos o quanto um adulto que leva até o fim suas fantasias pedófilas pode prejudicar o desenvolvimento normal de uma criança. A obra mostra a necessidade de ensinar nossos filhos a se protegerem. Vemos também que o adulto que ataca um menor, precisa mais de exames médi-

cos e psiquiátricos do que de punições. Esses adultos são pessoas sobrecarregadas de sentimento de culpa e inferioridade. Apenas puni-los não resolve nada. Dizem que quando um estuprador é encarcerado, é atacado pelos demais com toda sorte de sevícias, quando não são torturados e mortos. Mas de que adianta isso? É um criminoso punindo o outro, e quem é a sociedade para fazer justiça com as próprias mãos?

## Zoofilia – Atração sexual por animais

Acho que todos já ouviram falar que nas áreas rurais, os garotos começam suas práticas sexuais explorando os animais: bestas, éguas, vacas, cabritas, cachorras, e até galinhas não escapam à maioria da população da zona rural. A excitação ante a visão de animais copulando também é muito comum.

Na Índia, até poucas gerações, os sacerdotes treinavam uma espécie de macaco para o coito com mulheres.

A indústria de filmes eróticos, videocassetes e espetáculos ao vivo investe muito em zoofilia. Mulheres usam animais como parceiros, e pelo depoimento dos donos de *sex-shops*, a vendagem é garantida. Os cães são os preferidos, mas até cavalos e antas-macho são usados como “artistas”. Mais comum é exibir a vulva para ser lambida. Em revistas especializadas, também é muito comum anúncios de homens procurando parceiras que desejam satisfazer-se praticando o bestialismo (outro nome para a prática).

Nosso Código Penal não faz nenhuma referência específica à zoofilia. Só não pode ser praticado num local público, onde possa ser flagrado, pois então deve ser denunciado por ato obsceno. Na França, em 1750, um jovem foi condenado e enforcado. Jacques Ferron foi julgado por um juiz que entendeu que ele havia violentado uma mula. O abade, entre outras testemunhas, declarou perante o juiz que o animal “sempre tivera comportamento virtuoso”.

Atualmente, os legisladores, juristas, moralistas, psiquiatras, e sexólogos acham que esse comportamento não merece toda a atenção dada a ele noutros tempos, pois zoofilia habitual é raridade.

Conheci um homem que me confessou sentir muita atração por galinhas. Ele comprava as penosas só para estuprá-las. Quando rasgava todas as vísceras do animal, passava as tripas, com as fezes e tudo, em seu ventre. Fiquei com tanta má impressão desse camarada que nunca mais o contatei.

Alguns animais submetem-se com docilidade, outros cooperam ativamente. Muitos sádicos psicopáticos usam animais para intensificarem

os seus gozos. Um fato narrado pelo Marquês de Sade é o conhecido como “tortura chinesa”. Ele conta que em alguns bordéis parisienses eram usados perus para um serviço especial. Nos moldes da prática chinesa, quando homens introduziam o pênis na cloaca de um ganso e o estrangulavam. A ave, na agonia da morte, contrai vigorosamente a musculatura anal, o que pode dar mais prazer, por isso, na época de Sade, essa prática foi muito divulgada na França.

Para muitas pessoas, zoofilia é apenas uma questão de mau gosto, mas como gosto não se discute...

## Diferenças sexuais

A bibliografia sobre fantasias sexuais é vasta. Competentes autoridades, ao estudar os comportamentos humanos, na teoria ou testando-os experimentalmente, ainda não chegaram a nenhuma conclusão que possa definir os numerosos aspectos anatômicos, fisiológicos, mentais e emocionais que regem as atitudes de quem gosta da prática sexual diversificada. A natureza biológica do indivíduo como parte integrante de grupos, com fenômenos culturais predominantes, mostra infinitas variedades de expressões sexuais.

Procurei estudar algumas na prática, outras estou confirmando apenas na teoria. Neste artigo, falo sobre algumas menos conhecidas. Embora façam parte de comportamentos já estudados por psicólogos e sexólogos, são desconhecidas dos neófitos. Foram consideradas por muitos como distúrbios psicosssexuais, mas diante de alguns fatos em que acabei comprovando que ser diferente não é ser “doente”, “anormal” ou “perigoso”, citarei aqui, para maior compreensão de quem procura informar-se a respeito.

1 – Existe quem sente excitação sexual e fantasia fazer sexo com indivíduos mutilados. A ACROTOMOFILIA é rara, mas já recebi cartas de algumas pessoas e no artigo “Sexo com Deficientes” cito uma delas. Já a APOTENOFILIA foi classificada como fantasia e satisfação sexual de se ver a si próprio mutilado.

2 – A ANDROFILIA é anormal na menina pequena quando é rodeada por homens maduros, pai, tio, irmão etc. Pode crescer e continuar admirando e até sonhando em casar-se com um homem bem mais velho, que vai instruí-la nos caminhos da vida, dando mais segurança que um rapaz de sua idade. Sentimentalmente ligadas a homens bem mais velhos, muitos podem julgar ser apenas por interesse financeiro. Mas a atração

que leva muitas jovens a casarem-se com um indivíduo com idade para ser seu pai tem explicação.

3 – Muitos historiadores medievais, com a finalidade de excitar seus leitores, eram peritos na arte da descrição de cenas onde as pessoas enforcadas tinham forte ereção e até satisfação sexual. O desejo de enforçar-se ou desejar que o enforcem como forma de aumentar o prazer sexual era comum na Antigüidade e até hoje alguns ainda procuram obras em que os escritores falem sobre os efeitos da asfixia parcial com o fim de aumentar a resposta sexual. Ao interferir o fluxo de oxigênio no cérebro, dizem que o enforcado tem ereções gratificantes. Mas é muito perigoso e muitos já morreram ao praticar a ASFIXIOFILIA durante a masturbação.

4 – O Marquês de Sade narrava sobre a AVESSODOMIA, que era costume nos bordéis parisienses de sua época. Essas casas de prostituição mantinham gaiolas com aves, como patos, gansos, perus e galináceos, à disposição dos fregueses. Ao penetrar a cloaca do animal, torciam o pescoço da vítima e com o forte espasmo do esfíncter no último estertor da agonia mortal, quando o feixe de fibras musculares contraíam-se, causavam enorme prazer, satisfazendo os estupradores, que pagavam altos preços para gozarem essa sensação. Julgam loucuras da cabeça de Sade, mas ele apenas teve a coragem de narrar o que era costume em sua época. Hoje a sociedade protetora dos animais está atenta. Pode acontecer, mas não nos bordéis e em público.

5 – Existem aqueles que sentem excitação sexual ao atear fogo e causar incêndio. A PIROMANIA também satisfaz quem aprecia fogos de artifícios. Esta talvez seja a causa de queimaduras em época de festas juninas, quando muitos tentam estourar as bombas nas próprias mãos. Quem já ouviu falar de gente que segue carros de bombeiros e até gosta de ajudá-los em suas funções? São os que sofrem de PIROLAGNIA, impulso sexual produzido pela observação do fogo ou incêndios. Seria o caso de quem põe fogo em florestas.

6 – A maior parte dos apaixonados que gosta de escrever, pode ser classificada na EROTOGRAFOMANIA, pois sentem prazer sexual ao escrever cartas de amor e afeto, assim como palavras referentes ao relacionamento sexual.

7 – Freud conseguiu diferenciar duas formas de ESCOPOFILIA: a ativa e a passiva. Isto é: ativa quando a pessoa sente prazer e excitação ao observar as atividades sexuais ou a genitália de outros. Passiva: quando sente prazer em ser olhado. É o mesmo que *voyeurismo* e exibicionismo.

8 – Hoje em dia, quando os vídeos caseiros estão em moda, existem quem paga fortunas para serem filmados enquanto fazem sexo,

EXPECTADORAR a si ou o ser amado enquanto faz amor é muito comum, e os vídeos preencheram essa carência melhor que os espelhos.

9 – Você já ouviu alguém falar que adora histórias, filmes e revistas, que falam sobre fantasmas? A ESPECTROFILIA esconde-se nas criaturas mais comuns. Os filmes de terror, onde monstros e fantasmas copulam com mocinhas incautas, têm feito muito sucesso.

10 – Um dia destes, vi um anúncio numa revista brasileira de um rapaz pedindo mulheres que desejassem ser introduzidas por consolos gigantes, garrafas, legumes desproporcionais, a mão fechada e até o punho. Nunca recebi carta de ninguém adepto dessa atividade sexual, embora já tenha visto muitos filmes onde se praticam o FIST FUCHING (do inglês *fist* – punho e *fuching* – coito). Essa atividade pouco, comum, é prejudicial, e as pessoas que a praticam podem ter o ânus ou a vagina dilatados, o ponto de não conseguirem ter prazer de outra forma. Suas funções naturais podem ser danificadas.

11 – A PICTOFILIA e a ESCATOLOGRAFIA são parafilias que andam juntas. Nos banheiros públicos existem muitos desenhos eróticos, geralmente malfeitos. Frases e termos relacionados às funções excretoras como forma de despertar o interesse sexual, ou até como forma de satisfação sexual de quem gosta de pichar palavrões e desenhar obscenidades.

12 – Existem homens bem casados, que amam suas esposas, vivem bem sexualmente com elas, mas, no entanto, sentem atração extrema por prostitutas e desejam ardentemente ter atividades sexuais com elas. A PORNO-LANIA é mais comum naqueles que foram criados embaixo de regimes religiosos muito rígidos. Um de meus leitores disse que embora saiba que “trair a esposa, principalmente com prostitutas”, é um grande pecado”, isso o atrai. Outros acham que com as mulheres “da rua” “tudo é permitido”, mas a “santa” esposa, não deve ser “maculada”. Por isso o sucesso dessas profissionais, desde que o mundo passou a vender alguma coisa...

13 – Quando era bem jovem, uma manhã em que distraidamente olhava o desfile escolar de um patriótico 7 de Setembro, parada na calçada com as mãos para trás, uma amparando a outra e com a palma para cima, de repente senti algo dentro dela. Fechando os dedos, senti um membro ereto. Para meu espanto, era mesmo um pau duro! Mas assim que me virei para encarar o BOLINADOR, este desapareceu no meio da multidão. Me deu uma sensação de repugnância. Depois disso, sempre fiquei atenta quando no meio de muita gente. Em ônibus lotado, esses maníacos costumam se aproveitar, para se esfregarem em mulheres distraídas, que muitas vezes, ao reagirem, são desacatadas pelos mesmos.

14 – Antigamente, sempre que podia, ia dar uma volta em um cemitério. Não que sofra de TATOFILIA pois não tenho interesse excessivo e

atração irresistível por cemitérios. Nunca me excitei sexualmente. Minhas visitas eram apenas para sentir a verdadeira razão de viver. Ao ver túmulos de muitos que foram grandes personagens, ali, desprezados pela família, pessoas que viveram muitos e muitos anos antes de mim, outras que nasceram depois e já se foram há muito tempo, me conformava por qualquer problema que estivesse enfrentando, pois só vivem essas situações quem está vivo. A brevidade da vida me fazia entender o quanto somos perecíveis.

15 – Quase todos os masoquistas sofrem de UROLAGNIA ou UROFILIA, principalmente os que curtem humilhação e degradação psicológica. O Desejo de ser urinado, apreciar o parceiro urinando, ou sentir excitação em cheirar roupas com odor de urina durante o ato sexual, assim como beber a urina do outro é um ato masoquista de primeiro grau. Alguns amantes brincam uns com os outros, sem fazer disso um hábito e a maioria de quem gosta de fazer amor de formas diferentes já experimentou o URINISMO como diversão, sem maiores conseqüências.

16 – *ÉCOUTERISMO* – a indústria pornográfica ganha muito com os que gostam de ouvir murmúrios de alguém fazendo amor, ou quer ouvir histórias sobre sexo. Hoje são gravados sons em fitas e disquetes. Prostitutas usam o sex-fone, fazendo muitos delirarem, alimentando assim suas fantasias.

17 – Na Grécia e Roma antigas, haviam muitos EFEBOFILÍACOS, isto é, homens apaixonados por garotos que mal haviam chegado à puberdade. Muito comum até hoje, é uma parafilia pouco difundida, e muitos respeitáveis senhores mantêm os “sobrinhos” sem que ninguém descubra o que se passa entre eles.

18 – SALIROMANIA é quando a pessoa sente irresistível atração por sexo com sujeira, ou deseja vestir ou que vistam roupa suja enquanto copulam. Pode-se chegar à defecação e à urolagnia durante o orgasmo.

19 – NARCISISMO – muito comentado pela psicologia, apaixonar-se por si mesmo tem várias razões e os psiquiatras são exímios conhecedores de quem tem essa personalidade. No Brasil, nenhum escritor definiu melhor esse assunto que o Dr. Flávio Gikovate em seu livro *Você é Feliz? – Uma nova introdução ao narcisismo*.

20 – Há alguns anos, o Brasil assistiu no noticiário da TV, o caso de uma *miss* brasileira que roubava numa loja do exterior. Até a moça explicar que não foi por querer e sim por atrapalhar-se por falta de conhecer bem a língua do país, já estava enquadrada como CLEPTOMANÍACA. Na realidade, nem todos que furtam pequenos objetos, o fazem por sentirem excitação sexual. Mas tem uma grande parte de ladrões que tiram qualquer coisa até das casas de amigos, apenas pelo prazer de sentirem o êxito do feito e, com isso, chegar até o orgasmo.

Todos estes itens, aqui reunidos, darão ao leitor maior entendimento das diferenças da sexualidade. Na verdade, a grosso modo, é impossível deixar de envolver aspectos da sexologia geral quando se pretende escrever uma obra sobre parafilias.

Deixei para falar sobre a homossexualidade por último, pois como muito já se tem escrito e desvendado “mistérios” sobre esse assunto, pouco tenho a acrescentar. Seja defeito congênito, como no hermafroditismo (condição na qual características sexuais masculinas e femininas são encontradas em um único indivíduo, isto é, com órgãos internos como ovários e testículos, genitália externa do sexo oposto apresentando características sexuais masculinas e femininas), seja no bloqueio de C-20 (falha metabólica em que uma combinação cromossômica masculina normal XY nascerá com genitália externa feminina. Muitos bissexuais, sofrem dessa anomalia genética, sem mesmo saber), seja porque os pais vestem a criança quando pequena com roupas do sexo oposto, como no caso de Charles Eon de Beaumont (1728-1810). Homem fisicamente normal e exímio espadachim que preferia usar roupas de mulher, como parte de sua carreira de agente secreto. Convencia tão bem, que durante 49 anos acreditou-se ser ele uma mulher que algumas vezes se vestia de homem. Atualmente houve escândalo ao se descobrir uma mulher que se vestiu de homem, conseguiu alto posto militar no exército americano, casou-se com outra mulher, vivendo muitos anos sobre o disfarce. Haveloch Ellis, para designar o travestismo, chamou-o de eonismo (derivado do nome do nobre francês Eon), enfim seja por defeito de nascença, opção de vida, ou por razões psicológicas, o importante é que hoje em dia já não se castiga mais um ser humano por ser diferente da maioria. Quando alguns deputados como o Dr. José de Castro Coimbra e Marta Suplicy lutam para que o casamento entre os homossexuais seja reconhecido, ou os bens da herança sejam distribuídos a quem de direito por anos de convivência em comum, nada mais se pode desejar de melhor a esta classe tão sofrida pela discriminação, que até bem pouco tempo eram vítimas.

Outras formas que atraem as pessoas, excitando-as até o prazer, devem existir por aí. Mas é quase impossível conhecer com maiores detalhes, pois nem mesmo as mais populares são profundamente estudadas. Por isto encerro esta obra com uma certeza: de minha parte, o dever foi cumprido, pois minhas experiências no campo do sadomasoquismo fazem parte da interminável luta do Homem em busca do saber.

# S m

Wilma nos traz o tema de uma forma útil, jamais escrita em língua portuguesa. A partir do contato que teve com o assunto em sua prática profissional, Wilma pode desenvolver uma apresentação do sadomasoquismo de maneira útil a todo o tipo de leitor... Nesta obra todos temos meios de poder melhorar os relacionamentos humanos e aprender a viver os desejos com todo o vigor, mas compreendendo os próprios limites e os das outras pessoas. Mas atendendo as palavras de Sade quando nos lembra que podemos ser livres para pensar e não necessariamente somos obrigados a cumprir tudo o que pensamos. Bom proveito com a leitura, e que a autoatenção possa permitir novos conhecimentos e compreensões!

**Psic. Oswaldo M. Rodrigues Jr.**



**IGLU EDITORA**  
Rua Duílio, 386 - São Paulo  
CEP 05043-020  
Tel.: (011) 3873 0227

ISBN 85-85631-46-5



9 788585 631468